



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PRÁTICAS SOCIORETÓRICAS DO GÊNERO ARTIGO
CIENTÍFICO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA:

Variação, Identidade e Ethos Disciplinar

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes

Recife
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

PRÁTICAS SOCIORETÓRICAS DO GÊNERO ARTIGO
CIENTÍFICO DE HISTÓRIA E SOCIOLOGIA:
Variação, Identidade e Ethos Disciplinar

Gerencie Ribeiro de Oliveira Cortes

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial à obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof^a Dr^a Judith Chambliss Hoffnagel

Cortes, Gerenice Ribeiro de Oliveira

Práticas socioretóricas do gênero artigo científico de história e sociologia: variação, identidade e ethos disciplinar / Gerenice Ribeiro de Oliveira. – Recife : O Autor, 2009.

129 folhas : il., fig., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Linguística, 2009.

Inclui bibliografia e anexos

1. Linguística – análise do discurso. 2. Artigo científico. Citações. I. Título.

809.8

CDU (2.ed.)

UFPE

498

CDD (22.ed.)

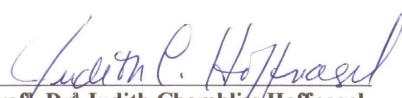
BC - 2009 - 010

GERENICE RIBEIRO DE OLIVEIRA CORTES

**Práticas Socioretóricas do Gênero Artigo Científico de História e Sociologia:
Variação, Identidade e Ethos Disciplinar**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr^a Judith Chambliss Hoffnagel
Orientadora – LETRAS - UFPE



Prof. Dr^a Angela Paiva Dionisio
LETRAS - UFPE



Prof. Dr^a Maria Auxiliadora Bezerra
LETRAS - UFCG

Recife – PE
2009

AGRADECIMENTOS

*Porque dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas.
A ele, pois, a glória eternamente. Amém! (Rm. 11:36)*

Ao Senhor Deus, que maravilhosamente me ajudou a concretizar este sonho, rendo-lhe toda a glória e honra devida ao seu Nome.

À memória do meu pai, e à minha mãe, exemplo de mulher guerreira e digna;

Ao meu esposo, “Santo” e meus filhos, Tarcisio, Maria Clara e Lorena – filha do coração – pelo incentivo e carinho, pela compreensão das minhas longas ausências ...

À Cândida, Rhobson, Maíra, Luca, Maria Luíza e “Tareco”, pela forma carinhosa com que me receberam em Recife, fazendo-me sentir em família.

A todos da minha família, em especial, às minhas irmãs, mulheres de garra, perseverança e fé, destemidas perante as batalhas da vida.

À Professora Dra. Judith Hoffnagel – exemplo de postura acadêmica – agradeço, primeiramente, por ter acreditado em mim e aceitado me orientar sem me conhecer; pelas orientações seguras e eficientes; pela sabedoria, carinho e paciência, pela amizade, e por ter me ajudado a superar limites.

À Professora Dra. Angela Dionisio – grande coordenadora – pela seriedade e competência acadêmica; pelas leituras proporcionadas no curso da disciplina *Fala e Escrita*, momentos em que as sementes desta pesquisa foram lançadas; obrigada pela amizade, pelas recomendações valiosas no momento da Pré-Banca e pelas contribuições dadas na Banca final.

À Professora Dra. Maria Auxiliadora Bezerra (UFCG) por sua importante participação na Banca, que trouxe grandes contribuições à melhoria deste trabalho.

Aos demais professores do PGLetras, em especial àqueles dos quais fui aluna: Dra. Beth Marcuschi, Dra. Cristina Sampaio, Dra. Kazuê Saito, Dr. Marlos Pessoa, Dra. Stela Teles e Dra. Virgínia Leal, obrigada pelo carinho e pela contribuição no meu crescimento acadêmico.

Aos colegas, mestrandos e doutorandos 2007, além de outros; obrigada pela amizade, cumplicidade e parceria nas experiências e leituras, pelo apoio e estímulo nos momentos de desânimo.

À equipe de coordenação do PGLetras, em especial, agradeço a Diva e Jozaías, pelo carinho, paciência e presteza no atendimento.

Às profissionais e companheiras da Sala de Leitura César Leal, pelo carinho.

À equipe do Museu Pedagógico da UESB, em especial, à Professora Livia Diana, pelo incentivo e apoio.

À UESB/PPG/GRH, pelo apoio e concessão da Bolsa de Pós-Graduação.

Aos docentes do curso de Especialização em Linguística/2005 - DELL/UESB, especialmente aos Professores Dr. Jorge Viana e Dra. Conceição Fonseca, por terem transmitido entusiasmo pela pesquisa científica no campo da linguagem.

Ao casal Pr. Georges Amorim e Missionária Itamar e aos demais irmãos da Igreja Batista Memorial do Calvário, pelas orações, incentivo e apoio constante.

Às amigas e irmãs de fé, Arlete Flores, Corália Fernandes e Edinha, Graça Lourenço, pelas orações, incentivo constante e amizade sincera.

A todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, nesta realização, os meus sinceros agradecimentos.

RESUMO

O artigo científico - considerado uma forma de agir, participar e construir o conhecimento científico sócio-retoricamente – se insere no sistema de gêneros do domínio discursivo da ciência. Com base na concepção sócio-retórica de gêneros textuais e nos pressupostos da *Nova Retórica*, esta pesquisa teve por objetivo investigar a construção do processo persuasivo do *artigo científico* das disciplinas *História* e *Sociologia*, e o modo pelo qual o *ethos* dos autores desses artigos é construído. Para tanto, procuramos identificar os padrões de organização retórica dos artigos das duas disciplinas, estabelecendo-se as relações com as peculiaridades culturais das respectivas comunidades disciplinares, como também analisar a prática das citações e as formas de menções de si enquanto estratégias sócio-retóricas empregadas pelos escritores, visando à construção do *ethos*. O *corpus* foi constituído de uma amostra de 40 artigos científicos – 20 de História e 20 de Sociologia, coletados de 8 periódicos – 4 por disciplina – num recorte temporal de 5 anos (2003 a 2007). Os resultados sugerem que o processo persuasivo do artigo científico de História e Sociologia é construído através de uma *identidade disciplinar*, que se forma a partir da incorporação do *habitus* e do conjunto de *frames* especializados da respectiva comunidade, que confere ao escritor um *ethos* de *disciplinaridade*. Os dados apontam algumas regularidades, mas também sugerem diversidades na tipificação e nas funções sócio-retóricas do gênero, que possivelmente resultam da heterogeneidade constitutiva da cultura epistêmica disciplinar, dos distintos propósitos comunicativos desse gênero, e das audiências e situações retóricas diversificadas.

Palavras-chave: artigo científico; citações; representações de si, identidade disciplinar.

ABSTRACT

The scientific article – considered a way of acting, participating and constructing socio-rhetorical scientific knowledge – is part of the system of genres of the domain of scientific discourse. Based on the socio-rhetorical conception of textual genres and suppositions of the new rhetoric, the objective of this research is to investigate the construction of the persuasive process of a scientific article in the disciplines of history and sociology, as well as to investigate the mode through which the ethos of the writers who wrote these articles was constructed. Therefore, we identify the patterns of rhetorical organization of articles in the two disciplines, establishing relations with the cultural peculiarities of the respective disciplinary communities, as well as analyze the practice of citations and ways of self-mentioning as socio-rhetoric strategies employed by writers, with the purpose of constructing *ethos*. The *corpus* is composed of forty scientific articles – twenty from history and twenty from sociology. They were collected from eight journals – four per discipline – over a period of five years (2003 to 2007). The results suggest that the persuasive process of historical and sociological scientific articles is constructed through disciplinary identity, which is formed from the incorporation of *habitus* and the conjunction of specialized frames from the respective community. It grants the writer a disciplinary *ethos*. The data point to some regularity, but also suggest diversity in the patterns and in the socio-rhetoric functions of the genre. This is probably the result of the constructive heterogeneity of the epistemic culture of the disciplines, the distinct communicative purposes of the genre, and the audiences and diversified rhetoric situations.

Key words: Scientific article; Citations, Self-representations; Disciplinary identity.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Extensão dos títulos de artigos científicos em História e Sociologia	34
Tabela 2 – Construção estrutural dos títulos dos AC's de História e Sociologia	35
Tabela 3 - Dados gerais das citações usadas nos artigos	53
Tabela 4 - Estruturas de citação nos artigos – integrais e não-integrais	57
Tabela 5 - Citações não-integrais – sistema autor-data e sistema numérico	58
Tabela 6 - Posição sintática do autor nas citações integrais	62
Tabela 7 - Verbos de elocução nas citações integrais – autor sujeito e não-sujeito	68
Tabela 8 - Verbos de elocução mais frequentes nas citações integrais	69
Tabela 9 - Categorias denotativas dos verbos de elocução	71
Tabela 10 - Visão geral de paráfrases e citações diretas nas duas disciplinas	84
Tabela 11 - Paráfrases e citações diretas nas formas integrais e não-integrais	84
Tabela 12 - Ocorrências de autocitações nos artigos científicos	90
Tabela 13 - Frequência dos pronomes pessoais e possessivos – 1ª. pes. sing. e plural ...	95
Tabela 14 - Frequência dos pron. pessoais e possessivos – 1ª. pes. plural (coautoria)...	96
Tabela 15 - Funções identitárias do <i>Eu</i> nos artigos de autoria individual	102
Tabela 16 – Funções identitárias do <i>Eu</i> nos artigos de coautoria	102

LISTA SE SIGLAS

AC – Artigo Científico

AH – Artigo científico de História

AS – Artigo científico de Sociologia

FNS – Frase Nominal Simples

FVC – Frase Verbal Composta

FNC – Frase Nominal Composta

IMRD – Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão

CARS – *Create a Research Space*

RA – *Research Article*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I	
Gêneros – Ações Sociais em Situações Retóricas Recorrentes	16
- Os gêneros do domínio discursivo da ciência	18
- O gênero artigo científico – ações tipificadas para atender propósitos socioretóricos	18
- O gênero AC e comunidade científica	21
- A construção retórica do gênero AC – ethos e identidade disciplinar	24
- A noção de ethos e a Nova Retórica	25
- O conceito de identidade disciplinar	29
CAPÍTULO II	
Estrutura Organizacional dos Artigos Científicos em História e Sociologia	32
- Análise de títulos dos artigos	32
- Extensão dos títulos dos artigos científicos	34
- Construção estrutural dos títulos dos artigos científicos	35
- Organização retórica dos artigos científicos em História e Sociologia	40
CAPÍTULO III	
A Prática de Citações no Artigo Científico – Formas Estruturais e Funções retóricas	52
- A citação acadêmica como prática social e ação retórica	52
- Dados gerais das citações empregadas nos artigos científicos	53
- Estrutura das citações – integrais e não-integrais	57
- Citações integrais – posição sintática do autor citado	62
- Os verbos de elocução nas citações integrais	67
- Categorias denotativas dos verbos de elocução	70
- O emprego de paráfrases e citações diretas nos artigos científicos	84
CAPÍTULO IV	
A Representação de Si no AC – Manifestação de Identidade e Ethos Disciplinar	89
- A autocitação – frequência e funções retóricas	89
- Os pronomes de 1ª. pessoa – estratégias persuasivas	94
- Menções de si na seção de Conclusão do AC	110
CONCLUSÃO	115
REFERÊNCIAS	120
ANEXO I	126
ANEXO II	128

INTRODUÇÃO

A escrita, sendo uma ação de linguagem, é uma prática social que se materializa nos gêneros de textos, artefatos culturais usados para construir ações socioretóricas tipificadas em situações recorrentes (Miller, 1984). Os gêneros são organizados em domínios discursivos distintos (Marcuschi, 2002). É nesses domínios ou esferas de circulação (Bakhtin, 2000) que os diversos *sistemas e conjuntos de gêneros* (Bazerman, 2005) funcionam como práticas discursivas que organizam as interações sociais. Assim, o gênero *artigo científico* (doravante **AC**), nosso objeto de estudo, se insere no sistema de gêneros acadêmicos, que pertence ao *domínio discursivo da ciência*, esfera das ações sociais de produção do conhecimento.

Nesse processo, os cientistas “se comprometem a criar novas asserções que persuadem outros cientistas sábios e experientes nas suas especialidades” (Bazerman, 2006:59). Embora a tradição positivista e cartesiana tenha negado historicamente o caráter retórico e argumentativo da escrita científica (Perelman & Olbreschts-Tyteca, 2005), “a persuasão está no centro da ciência, não nas margens desrespeitadas” (Bazerman, 2006:63).

Desse modo, compreendendo que não se pode separar as práticas discursivas do campo acadêmico de sua retórica, esta pesquisa se propôs a investigar a construção do processo persuasivo do gênero *artigo científico* das disciplinas *História* e *Sociologia*, e o modo pelo qual o *ethos* dos autores desses artigos é construído. Para tanto, procuramos identificar os padrões de organização retórica do gênero AC nas duas disciplinas, estabelecendo-se as relações com as peculiaridades culturais das respectivas comunidades disciplinares, como também buscamos identificar as estratégias linguístico-discursivas empregadas na construção do *ethos* dos escritores dos artigos¹. Assim, este estudo apresenta as seguintes hipóteses: 1ª. os recursos linguístico-discursivos - a construção dos títulos, a organização retórica dos artigos e o emprego de pronomes de primeira pessoa usados na construção dos argumentos - servem para auxiliar na construção do *ethos* dos autores dos artigos; 2ª. as características culturais peculiares de cada comunidade científica resultarão em variedades nos padrões e convenções retóricas adotadas na construção do artigo científico nessas disciplinas.

¹ Devido à exiguidade de tempo e de espaço, não fizemos uma análise pormenorizada das estruturas argumentativas dos artigos das duas disciplinas, optamos pela análise das práticas de citações e das formas de menções de si.

O gênero *artigo científico* escrito em *língua inglesa* tem sido estudado por muitos pesquisadores, a exemplo de Bazerman, (1988), Swales, (1990, 2004), Hyland (1998, 1999, 2001), Holmes (1997), Varttala (2001), além de muitos outros. Destes, destacamos o estudo de Holmes (1997) - que pesquisou artigos de *História* e *Sociologia*, além do estudo de Hyland (1999), que também inclui artigos de *Sociologia*.

Entretanto, com base em levantamento bibliográfico realizado², constatamos que há poucas pesquisas sobre o gênero artigo científico no Brasil, sobretudo nas ciências humanas. Ao considerarmos os estudos do AC³ mais focalizados na *Análise de gênero*, podemos destacar os estudos de Silva (1999), Balloco (2001), Oliveira (2003), Costa (2003), Possamai (2004), Moraes (2005), Macedo (2006) e Marcuzzo (2006). Acrescenta-se que, nesse leque de estudos que apresentamos, não encontramos, no Brasil, nenhuma pesquisa voltada para o artigo das disciplinas *História* e *Sociologia*.

Dessa forma, o AC da área de ciências humanas foi escolhido para essa pesquisa, tendo em vista que há uma lacuna nos estudos desse gênero nessa área científica. Quanto às disciplinas *História* e *Sociologia*, foram escolhidas por serem consideradas disciplinas centrais nessas áreas científicas, e representam, respectivamente, a área de humanidades e de ciências sociais. Acreditamos, pois, que a análise do gênero AC dessas comunidades disciplinares, na perspectiva teórica aqui adotada, pode contribuir para preencher esta lacuna nos estudos lingüísticos, além de permitir ampliar o conhecimento da construção persuasiva desse gênero nessas disciplinas.

A escolha dos periódicos⁴ resultou de recomendações de acadêmicos da comunidade disciplinar de *História* e *Sociologia* da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, além de integrar a lista de periódicos selecionados pelo Portal CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: www.periodicos.capes.gov.br, sendo reconhecidos como de grande prestígio acadêmico na comunidade científica, e terem ampla circulação nacional e internacional.

Para a realização desta pesquisa, consideramos o recorte temporal de publicações de artigos dos últimos cinco anos – 2003 a 2007. E para a escolha dos periódicos do Portal CAPES, consideramos apenas aqueles que estavam disponibilizando artigos *on-line* –

² O levantamento bibliográfico foi feito considerando-se, principalmente, as teses e dissertações defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Letras/Lingüística do Brasil (CAPES), no período de 1997 a 2007, na área de *Análise de gêneros textuais* e da escrita acadêmica.

³ Não consideramos neste levantamento bibliográfico os estudos sobre o AC no formato eletrônico.

⁴ É comum na área de ciências humanas, a publicação de coletânea de artigos organizados em livros, mas optamos pela escolha dos artigos dos periódicos, pela regularidade das publicações.

versão impressa - do período 2003 a 2007. A coleta dos dados foi realizada em fevereiro de 2008.

A partir dos critérios descritos, foram selecionados quatro periódicos de *História* e quatro de *Sociologia*, discriminados a seguir:

a) História:

1. *História* – (Publicação da Fundação Editora da Universidade Estadual Paulista - UNESP);
2. *Revista Brasileira de História* – (ANPUH – Associação Nacional de História);
3. *Revista de História Regional* – (Publicação do Departamento de História da Universidade Estadual de Ponta Grossa – PR);
4. *Tempo* – (Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense).

b) Sociologia:

1. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – (Publicação da ANPOCS - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais);
2. *Revista de Sociologia e Política* – (Publicação do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná);
3. *Sociologias* - (Publicação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul);
4. *Tempo Social* – (Publicação do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de São Paulo).

A seleção dos artigos se deu a partir dos seguintes critérios:

1. Data de publicação – os artigos deveriam ter sido publicados no período compreendido entre 2003 e 2007;
2. Serem escritos originalmente em português;
3. O reconhecimento do texto como sendo um exemplar do gênero *artigo científico*, foi condicionado a dois subcritérios: a) constar na lista de *Artigos* do sumário de cada

periódico, ou: b) ser identificado explicitamente pelo autor como *artigo*, no *Resumo* ou na *Introdução* do texto.

4. Ser o primeiro artigo publicado do respectivo ano (2003 a 2007), por cada periódico.⁵

A partir destes critérios, o *corpus* foi constituído de uma amostra de 40 artigos - que constam dos Quadros 1 e 2, no Anexo 1 desta Dissertação – publicados no período de 2003 a 2007, coletados de 8 periódicos (04 de *História* e 04 de *Sociologia*), sendo 05 artigos por periódico, um de cada ano. Temos, então, uma amostra de 20 artigos por disciplina.

A referência aos artigos, em nossas análises, se dá através das seguintes siglas: Artigos de História – 1 a 20 – [AH1] ... [AH20]. Da mesma forma, artigos de Sociologia - 1 a 20 – [AS1] ... [AS20].

Além dos artigos, para a constituição do *corpus*, foram também consideradas a *Missão* de cada periódico escolhido, e as *Normas* estabelecidas para a publicação dos textos, a fim de verificar a relação de algumas convenções adotadas na construção dos artigos com os padrões convencionais dos periódicos. A busca e mapeamento das categorias discursivas para a análise foi procedida manualmente.

Em termos de organização estrutural, esta Dissertação está dividida em quatro capítulos, além desta *Introdução* e da *Conclusão*. No primeiro capítulo, apresentamos os *conceitos teóricos* mais gerais que nortearam a pesquisa, ou seja, a concepção sócio-retórica de gêneros, com destaque para os pressupostos desenvolvidos por Miller (1984, 1994), além do conceito e caracterização do gênero AC, a partir dos estudos de Swales (1990) e Bazerman (1988, 2005, 2006, 2007). Neste capítulo, discutiremos algumas noções teóricas de *comunidade discursiva*, *ethos* (na visão da *Nova retórica*) e *identidade disciplinar* (Amossy, 2005); (Mainguenu, 2005, 2008); (Dressen-Hammouda (2008). Outros autores, cujos pressupostos teóricos são mais específicos para a nossa análise, a exemplo de Holmes (1997), Varttala (2001), (Hyland (1999, 2001, 2002), Kuo (1999), Tang e John (1999), Marcuschi (2007), são apresentados ao longo das análises. No segundo capítulo, apresentamos os dados relativos à *estrutura* do artigo nas disciplinas História e Sociologia, incluindo aí também uma análise dos títulos dos artigos, destacando as regularidades e diversidades encontradas. Já o capítulo terceiro, apresenta a análise das *citações*, em que mostramos a frequência, as formas estruturais e os aspectos retóricos

⁵ Para se cumprir este critério, consideramos as condições estabelecidas pelos critérios 2 e 3.

dessa prática acadêmica. O capítulo quatro, por sua vez, traz a análise das formas e frequência das *menções de si* nos artigos das duas disciplinas, com destaque para as funções retóricas dessas escolhas discursivas.

Finalmente, apresentamos as nossas considerações finais e pontuamos as principais conclusões da pesquisa.

CAPÍTULO I

Gêneros - Ações Sociais em Situações Retóricas Recorrentes

Discorreremos aqui sobre a abordagem sócioretórica de gêneros - com um enfoque especial sobre os estudos de Miller (1984, 1994) - destacando os aspectos mais relevantes que serviram de subsídios teóricos para a nossa pesquisa.

Para uma melhor compreensão do gênero *artigo científico*, objeto deste estudo, também pontuaremos as contribuições dos pressupostos desenvolvidos por Swales (1990) e Bazerman (1988, 2005, 2006, 2007), além de tecer algumas considerações sobre as noções de *comunidade discursiva*, *ethos* (na visão da *Nova retórica*) e *identidade disciplinar*, explicitando a importância desses conceitos para a investigação desse gênero, como forma de ação retórica nas comunidades científicas.

Os gêneros textuais⁶ têm sido abordados sob diversas perspectivas teóricas, especialmente a partir da divulgação do ensaio bakhtiniano *O problema dos gêneros do discurso* (Bakhtin, [1953] 2000), em que o autor apresenta a sua definição de *gêneros do discurso* como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (Bakhtin, 2000:279).

Marcuschi (2002:25), tendo por base os pressupostos bakhtinianos, define gêneros como “formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos”.

É também nesta perspectiva de gêneros como ações intrinsecamente ligadas aos processos sociais que se insere a abordagem sócioretórica - escola norte-americana, cujo marco teórico fundador encontra-se no artigo *Genre as social action*, de Miller (1984). Segundo Bazerman (2006), Miller revisa a discussão retórica sobre gêneros e estabelece uma associação com os conceitos sociológicos de tipificação e, assim, apresenta a definição de gêneros como *ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes* (Miller, 1984:159).

A noção de *recorrência* constitui um ponto-chave nos estudos de Miller (1984), mas essa noção não se restringe e não se centra aos/nos aspectos formais do gênero, mas na ação usada para a sua realização. A autora ressalta muito mais o caráter social, pragmático e retórico do gênero e o concebe, não apenas como uma entidade linguística, mas como uma forma de ação, que envolve situação e motivo. A ação humana, na visão da autora, é

⁶ Alguns estudiosos utilizam o termo *gêneros discursivos* (ou do discurso), mas, neste estudo, adotamos o termo gêneros textuais, por ser o mais usual no Brasil.

interpretada somente num contexto de situações, que são vistas como constructos sociais, enquanto a motivação deriva-se de um propósito social das convenções ou de uma exigência das situações recorrentes (Miller, 1984:156,162).

Para Miller (1984:162), ao construirmos práticas discursivas, lidamos com propósitos de níveis diferenciados e aprendemos a adotar motivações sociais como uma maneira de atingir metas específicas por meio da ação retórica. A situação retórica envolve, além dos elementos do contexto, o motivo do falante e o efeito pretendido, isto é, o propósito comunicativo estabelecido a partir de necessidades situacionais.

O gênero, nessa visão, tem caráter de resposta retórica para uma demanda situacional. Desse modo, os aspectos formais e de conteúdo dos gêneros, na verdade, tornam visíveis as ações sociais que acontecem nas situações retóricas recorrentes. Tais situações, segundo Miller (1984), determinam a utilização de um determinado gênero como uma resposta a uma demanda ou exigência social do contexto e da circunstância. E isto significa agir retoricamente por meio dos gêneros.

Assim, a visão retórica de gêneros defendida por Miller (1984:163) tem como bases: a) as práticas retóricas; b) as convenções discursivas estabelecidas socialmente, como modo de “ação conjunta”. Essa abordagem, segundo a autora, não se assenta em classificações, já que os gêneros mudam, se desenvolvem e entram em desuso. O conjunto de gêneros de uma sociedade é indeterminado e se reveste de toda uma complexidade e diversidade inerentes às práticas discursivas.

Em obra posterior, Miller (1994:70) ratifica a sua visão de gêneros como ação social e acrescenta a idéia de gênero enquanto *artefato cultural*. A autora enfatiza a relevância da retórica, que requer ações próprias de uma comunidade. Concorda com Swales (1990) quando este afirma que os gêneros pertencem à comunidade discursiva e não aos indivíduos (Miller, 1994:72). Nesta perspectiva, os gêneros são instrumentos que ajudam as pessoas a conduzir suas idéias, a atingir propósitos em suas comunidades, a reproduzir e reconstruir a si mesmos e, assim, continuar suas histórias (Miller, 1994:75).

O conceito de gêneros de Miller (1984, 1994), se fundamenta, portanto, numa perspectiva de linguagem como prática social, sempre articulada com fatores culturais e retóricos. Os gêneros, nesta concepção, são considerados como modos de realizar as mais variadas práticas retórico-discursivas, no intuito de realizar as nossas metas, como chaves para compreender a maneira de participar das ações de uma comunidade (Miller, 1984:165).

Tendo em vista que as ações discursivas são realizadas pelos gêneros em diversas esferas de circulação (Bakhtin, 2000) ou em diferentes domínios discursivos (Marcuschi, 2002), faremos uma breve reflexão sobre os gêneros do domínio científico.

Os gêneros do domínio discursivo da ciência

Segundo Marcuschi (2002), a expressão *domínio discursivo* diz respeito à esfera ou instância de produção de ações discursivas. Para o autor, domínios diferenciados dão origem a práticas discursivas bastante específicas. Assim, no *domínio discursivo* da ciência, por exemplo, vão surgir os gêneros de textos científicos.

Os gêneros, segundo Bazerman (2005) se configuram e se enquadram nas diversas organizações – ou nos diversos *domínios discursivos* (Marcuschi, 2002) e integram um *conjunto de gêneros* e *sistemas de gêneros* e de atividades. Nas palavras de Bazerman (2005:32): “Um *conjunto de gêneros* é a coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir”, enquanto que um *sistema de gêneros* abrange os “diversos conjuntos de gêneros utilizados por pessoas que trabalham juntas de uma forma organizada, e também as relações padronizadas que se estabelecem na produção, circulação e uso desses documentos”. Um sistema de gêneros, portanto, faz parte de um sistema de atividades das pessoas. E, segundo o autor, quando identificamos um *sistema de gêneros* estamos também identificando a estrutura organizacional do trabalho das pessoas e suas realizações.

Dessa forma, direcionando o nosso foco para o campo acadêmico, compreendemos que tanto a pesquisa como as demais atividades científicas se organizam estruturalmente por meio do seu sistema e conjuntos de gêneros, no qual se insere também o *artigo científico*, considerado um dos gêneros mais importantes desse conjunto, que constitui o objeto deste estudo.

O gênero artigo científico – ações tipificadas para atender propósitos socioretóricos

O *artigo científico* é considerado o principal veículo de divulgação do conhecimento científico (Holmes, 1997; Hyland, 1999), além de exercer a função de inserir os novos pesquisadores às respectivas comunidades científicas. Mas esse gênero nem sempre assumiu a forma relativamente estável que conhecemos hoje (Bazerman, 1988; Swales, 1990). Bazerman (2005), ao refletir sobre o papel exercido pelas cartas na formação dos gêneros, afirma que o primeiro artigo científico surgiu a partir da

correspondência de Henry Oldenburg, o primeiro editor do periódico *The Philosophical Transactions of the Royal Society*, em 1665. Swales (1990:110), ao discorrer sobre os artigos em inglês (*Research articles*), relata que, por meio das cartas - consideradas formas embrionárias do AC - os cientistas trocavam informações sobre experiências e descobertas. Posteriormente, segundo o autor, o *Philosophical Transactions*, além de outros periódicos subsequentes, passaram a funcionar como uma “arena regular para discussão”⁷, pois emergia uma nova e recorrente situação retórica que conduzia à criação de um novo gênero, com características distintas das cartas.

Assim, ao longo da sua história, o gênero passou por diversas transformações, em termos de organização retórica, extensão, características sintáticas e lexicais, formas de citação e inserção de notas, inserção de textos não-verbais, além de outras (Bazerman, 1988; Swales, 1990; Allen, Qin e Lancaster 1994). Essas transformações históricas evidenciam a plasticidade dos gêneros e as necessidades de atender a novas demandas sociais e a novas audiências.

Swales (1990:93) conceitua o AC (*Research Article*) como um texto escrito (embora possa conter elementos da linguagem não-verbal) com o uso limitado de palavras que se reportam a algumas investigações por um ou mais autores. Para o autor, o artigo deverá estar relacionado com descobertas científicas e poderá também examinar problemas teóricos e/ou de metodologia. Tais textos devem ser publicados em jornais de pesquisas ou em periódicos especializados. O autor propõe o modelo *CARS – Create a Research Space* para a Introdução do artigo. Nesse modelo, Swales (1990:140), apresenta três movimentos retóricos para o gênero AC, dos quais destacamos os principais pontos: 1. *Estabelecer um território* – em que o escritor deve apresentar a relevância da pesquisa, fazer generalizações e revisar a literatura; 2. *Estabelecer um nicho* – justificar a pesquisa e indicar a existência de uma lacuna naquela área do conhecimento; 3. *Ocupar o nicho* – neste movimento, o escritor anuncia os objetivos da pesquisa, como também apresenta os achados mais relevantes.

Ao discorrer sobre a organização retórica do gênero AC, Swales (1990) apresenta a estrutura IMRD – *Introdução, Metodologia, Resultados e Discussão* – modelo bastante empregado nos denominados *artigos experimentais*, principalmente das ciências exatas e da natureza. No entanto, como veremos adiante, nem todas as comunidades científicas

⁷ “regular arena for discussion.” (Swales, 1990:110).

adotam rigidamente o modelo IMRD, considerado canônico por alguns estudiosos. E o próprio Swales (1990) já nos alerta sobre a possibilidade de variação.

Em obra posterior (Swales, 2004:207), o autor retoma a discussão sobre o AC e distingue o gênero em três tipos: *artigo experimental*, *teórico* e *artigo de revisão*. Esse último (*review article*), segundo ele, caracteriza-se pela abordagem de uma visão histórica de um determinado tema ou estudo, por mostrar um quadro atual da situação de determinado estudo, além de focalizar questões problemáticas de uma dada área de estudo.⁸

A forma estrutural ou classificações não se constituem como os aspectos mais importantes na análise de gênero, mas também não podemos negligenciar um importante conceito como a *tipificação*, tendo em vista a concepção de gênero aqui adotada, ou seja, *ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes* (Miller, 1984). Bazerman (2005:22), cuja visão de gêneros está bastante sintonizada com os pressupostos de Miller (1984), associa a tipificação dos gêneros com *atos sociais* e *atos de fala*. Nas palavras do autor:

Cada texto bem sucedido cria para seus leitores um *fato social*. Os fatos sociais consistem em ações sociais significativas realizadas pela linguagem, ou *atos de fala*. Esses atos são realizados através de formas textuais padronizadas, típicas e, portanto, inteligíveis, ou *gêneros*, que estão relacionadas a outros textos e gêneros que ocorrem em circunstâncias relacionadas. (grifos do autor).

De acordo o pensamento de Bazerman (2005), portanto, muitos dos fatos sociais dependem inteiramente dos atos de fala e do uso apropriado das formulações verbais. Assim, agir tipicamente é a melhor forma de coordenar melhor nossos atos de fala, ou seja, empregar maneiras facilmente reconhecidas de realizar certos atos em determinadas circunstâncias. Para o autor, quando criamos formas tipificadas ou gêneros, na verdade estamos também tipificando as situações nas quais nos encontramos.

Com base nesses pressupostos, podemos afirmar que o *artigo científico*, que se relaciona a outros gêneros do sistema de gêneros acadêmicos, foi assumindo a forma tipificada que encontramos na atualidade, em decorrência das situações também tipificadas e recorrentes, pois a tipificação direciona os tipos de ações que ainda vão acontecer, ao

⁸ No Brasil, a NBR 6022/2003 da ABNT - Associação Brasileira de Normas e Técnicas (ABNT), não traz nenhuma classificação para o artigo científico, mas o conceitua como uma publicação científica, com autoria declarada, que apresenta e discute idéias, métodos, técnicas, processos e resultados nas diversas áreas do conhecimento.

delinear certas formas e significados às circunstâncias (Bazerman, 2005). Todavia, o autor também chama a atenção para o fato de que a tipificação, embora seja importante para a análise de gêneros, não é suficiente para uma visão completa dessas práticas discursivas, posto que os gêneros, assim como o conhecimento comum e as situações mudam com o tempo. Para Bazerman (2005), os gêneros não podem ser definidos apenas por um conjunto de traços textuais, pois não se pode ignorar a função dos indivíduos no uso e na construção de sentidos, as diferentes formas de percepção e compreensão, nem a criatividade da comunicação humana na busca pela satisfação de novas necessidades decorrentes de novas circunstâncias, além das novas formas de compreensão do gênero no decorrer do tempo.

Assim, a abordagem socioretórica reconhece as regularidades textuais do gênero, mas tem o seu foco central nos aspectos sociais e retóricos, e no propósito compartilhado pelos membros da *comunidade*, onde o gênero é praticado. Devido à complexidade do termo *comunidade* e sua relação com os gêneros, passaremos a uma discussão mais ampla dessa noção, a partir das considerações de alguns estudiosos que têm se debruçado sobre o assunto. Neste sentido, é oportuno retornar ao pensamento de Swales (1990), que pode apresentar uma grande contribuição e trazer maior clareza para o nosso entendimento sobre este importante tema.

O gênero AC e comunidade científica

Devemos ressaltar que o AC – assim como os demais gêneros – na abordagem de Swales (1990:58), abrange uma classe de *eventos comunicativos* realizados por uma *comunidade discursiva*, cujos membros compartilham um conjunto de *propósitos comunicativos*. Essas noções não podem ser vistas isoladamente, pois traduzem forças que se imbricam na construção do gênero e nas ações por ele realizadas. Iremos aqui ressaltar apenas os aspectos que julgamos mais relevantes, sobretudo aqueles que podem contribuir com os propósitos da nossa pesquisa.

O *evento comunicativo*, para Swales (1990:46), envolve diversos aspectos como as funções discursivas dos textos, o ambiente ou contexto onde se dá a produção e recepção do gênero, associadas aos aspectos históricos e culturais. Trata-se, portanto, de um conceito amplo e abrangente que contempla não somente os aspectos textuais, mas os aspectos sociais, históricos e culturais dos gêneros. É uma abordagem que apresenta sintonia com os postulados de Miller (1984).

O gênero, porém, não pertence aos indivíduos e, sim, às comunidades (Swales, 1990). É na *comunidade discursiva*⁹ que os *eventos comunicativos* acontecem. Assim, não podemos pensar sobre o artigo científico, por exemplo, sem considerarmos as *comunidades científicas e disciplinares* - contexto em que acontecem as ações sociais realizadas por esse gênero – já que as pesquisas não acontecem num vácuo social (Hyland, 1999), antes, o conhecimento científico é construído socialmente. E a publicação de um escrito científico, conforme Malufe (1992:20) “é também uma forma de instaurar e operar um conjunto de relações sociais”.

As *comunidades discursivas*, na visão de Swales (1990:9), podem ser vistas como redes socioretóricas que se formam a fim de atuar em torno de um conjunto de objetivos comuns, já que seus membros compartilham da familiaridade com gêneros específicos que são usados para atingir o conjunto desses objetivos.

O estudo de Allen, Qin e Lancaster (1994:280) também aborda a questão da *comunidade científica*, que pode ser definida, segundo eles, como um grupo de pessoas que se comunicam formalmente por meio da escrita científica e compartilham mútuas opiniões. Para os autores, é a relação autor-leitor que define a *comunidade científica* que integra uma rede de ligações de comunicação formal: pessoas que lêem o trabalho um do outro. Segundo os pesquisadores, a comunidade pode ainda ser definida por outros critérios, a exemplo do número de membros de instituições formais, como as academias ou universidades, ou por interações menos formais, ou ainda pelos autores que publicam em, e os leitores que lêem um periódico específico.

Temos ainda de ressaltar que as *convenções do gênero* estão estreitamente relacionadas à *comunidade discursiva* (Swales, 1990:54). São os membros dos grupos de uma comunidade que criam, definem, implementam, interpretam e sustentam as convenções, na interação (Kostelnick, 2003). Ao mesmo tempo, as comunidades também se transformam e se organizam por meio dos gêneros (Bazerman, 2005). Segundo Mainguenu (2008b:45): “falar de ‘comunidade discursiva’ é afirmar que, por um movimento recíproco, a comunidade é cimentada por discursos que são produto dessa mesma comunidade”. Desse modo, as comunidades científicas definem normas e estilos e todo um conjunto de códigos convencionais que vão direcionar os aspectos formais e

⁹ Swales (1990) adota o termo *comunidade discursiva*, mas encontramos na literatura o emprego de outras expressões, como: *comunidade científica*, *comunidade disciplinar*, *comunidade acadêmica*, etc. Optamos aqui pelo emprego do termo *comunidade científica*, em termos mais gerais, e *comunidade disciplinar* para contextos mais específicos de uma dada disciplina.

conteudísticos dos gêneros, a partir de *propósitos comunicativos* compartilhados, os quais se originam das situações retóricas recorrentes.

Ao falar de *propósito comunicativo* do gênero, recorreremos novamente ao estudo de Swales (1990:58), que considera esse conceito como um ponto-chave, como um critério privilegiado na definição de gêneros, sendo colocado acima das regularidades textuais. Todavia, segundo Askehave e Swales (2001:210), devido à crescente complexidade da teoria dos gêneros, o conceito de *propósito comunicativo* tem se tornado também complexo. Desse modo, os autores discutem essas dificuldades e sugerem uma ampliação do conceito:

Portanto, sugerimos que propósito (mais exatamente conjuntos de propósitos comunicativos) deve(m) reter o *status* de critério ‘privilegiado’, mas num sentido diferente do inicialmente proposto por Swales. O critério não deve ser privilegiado pela centralidade, proeminência ou clareza própria-evidente, como também pelos valores notificados pelos usuários do gênero, mas sim como uma recompensa aos investigadores, de acordo eles se aproximam do cumprimento do círculo hermenêutico. (Askehave & Swales, 2001:210).¹⁰

Nessa perspectiva, entendemos que o conjunto de propósitos comunicativos - mesmo sendo um critério privilegiado para a análise de gênero - é um processo mais complexo que envolve aspectos contextuais mais abrangentes e, portanto, requer um esforço adicional do pesquisador para identificá-lo, compreendê-lo e interpretá-lo corretamente.

Segundo Bezerra (2006:70), o *propósito* ou *propósitos comunicativos* se relacionam às ações que os gêneros realizam na sociedade, e não se apresentam de forma imanente no texto, como também não se trata de uma “realidade meramente psicológica”. E, a nosso ver, falar das *ações* realizadas pelo gênero nos remete à relação entre *gênero* e *agência* (Bazerman, 2006).

Na abordagem de Bazerman (2006), a *agência* é considerada como forma de ação social, forma de engajamento na sociedade, por meio do gênero. Ao referir-se, principalmente, aos gêneros escritos, o autor ressalta que nós podemos nos inscrever na história ao expressar a nossa *agência* por meio da escrita, pois “cada vez que uma pessoa escreve para realizar um trabalho profissional, seja como jornalista, advogado, professor ou

¹⁰ We thus suggest that purpose (more exactly sets of communicative purpose) retains the status as a ‘privileged’ criterion, but in a sense different to the one originally proposed by Swales. It is no longer privileged by centrality, prominence or self-evident clarity, nor indeed by the reported beliefs of users about genres, but by its status as reward or pay-off for investigators as they approximate to completing the hermeneutic circle.

vendedor, ele está atuando como agente... nossos textos são atos de nossa vontade, motivados pelos nossos desejos e intenções”. (Bazerman, 2006:12,13).

Neste sentido, compreendemos o gênero AC como uma manifestação da *agência*, como forma de engajamento disciplinar (Hyland, 1999), “como um meio à disposição dos indivíduos para que se orientem em situações específicas, agindo de maneiras reconhecíveis e provocando conseqüências reconhecíveis” (Hoffnagel, 2005:107). Esse gênero promove a interação social e ajuda a cumprir os propósitos comunicativos da comunidade. Isto porque, como já salientado, a atividade científica se dá em um contexto histórico-social, e “Fora da comunidade não se faz ciência: as novas pesquisas devem se coadunar com os padrões científicos existentes e aceitos pela comunidade”, pois: “é a comunidade científica que propõe os parâmetros, que escolhe e determina se uma teoria ou se uma experiência é válida ou não” (Coracini, 1991:32). A comunidade científica é também uma comunidade retórica (Miller, 1994), cujos membros, ao mesmo tempo que produzem os gêneros, integram também o auditório ao qual eles se dirigem, pois é a comunidade que valida os argumentos, as teorias e os achados científicos.

Assim, é necessário pensarmos no gênero AC relacionando-o à audiência pretendida, a quem ele se dirige? A resposta a esta demanda retórica certamente será determinante para orientar a construção argumentativa do gênero como um todo, incluindo a sua tipificação. Compreendemos, pois, que a persuasão está estreitamente associada ao propósito comunicativo do gênero. Assim, vamos tecer algumas considerações sobre a relação persuasão e comunicação científica, destacando a função central do *ethos* no processo retórico, como também as possíveis formas de construção desse *ethos* no gênero artigo científico, nosso foco de estudo.

A construção retórica do gênero AC – ethos e identidade disciplinar

Segundo Bazerman (2006), a retórica sempre se interessou pelos gêneros ou tipos de enunciados, devido a sua preocupação com o enunciado eficaz apropriado às diversas circunstâncias. Em vista disso, o conceito retórico de gênero sempre associa a forma e o estilo do enunciado com a situação e ação social que o enunciado realiza. Isto é visível no conceito de gênero postulado por Miller (1984).

Todavia, o racionalismo cartesiano, em sua obsessão pela evidência e pela prova, tentou apagar o caráter social e retórico da linguagem científica (Bazerman, 2006). Segundo Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), Descartes fez da evidência a marca da

razão e “Toda prova seria reduzida à evidência e o que é evidente não teria necessidade alguma de prova” ... Mas a própria natureza da argumentação se opõe à evidência, pois “O campo da argumentação é o do verossímil, o do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (Perelman & Olbrechts-Tyteca, 2005: 1,2).

Assim, em nome do *status* de cientificidade, a atividade científica, que se expressa nos gêneros de textos, passou a ser vista como uma atividade monológica, homogênea e de forma desvinculada do contexto das práticas sociais. Hyland (1999) declara que, nessa perspectiva de ciência, o julgamento humano mediando a ligação na interpretação dos dados é subestimada, as descrições dos fenômenos são mostrados como representando uma realidade independente do observador.

Para Kelly e Bazerman (2003:29) a atividade epistêmica de pesquisadores é formada por interesses retóricos: quem será convencido de que, como outros irão responder ao novo trabalho, qual a organização da atividade comunicativa, e quais as metas de cooperação da comunidade? Segundo os autores, o uso da escrita argumentativa para desenvolver o conhecimento científico, assegura o compromisso de socialização dos sujeitos nas práticas sociais legitimadas e, portanto, poderosas.

Nesta perspectiva, Malufe (1992:20) preconiza que a definição de qualquer escrito como científico, “depende pelo menos em parte, da eficácia com que o leitor puder ser levado a envolver-se no mundo da obra, um efeito que poderia denominar retórico.” Não há, pois, como negar o caráter persuasivo da comunicação científica. E o sucesso da persuasão, depende, em grande parte, da manipulação de estratégias retóricas e características interativas, empregadas pelo escritor para construir um *ethos* de credibilidade, considerado o principal elemento do empreendimento retórico (Amossy, 2005).

A noção de *ethos* e a Nova Retórica

Considerando que a noção de *ethos* pode ser abordada por diferenciados enfoques, em variadas disciplinas, torna-se necessário esclarecer que o nosso olhar para o *ethos*, neste estudo, se insere no campo da *Nova Retórica*.

A retórica aristotélica abrange três noções: o *logos*, o *pathos* e o *ethos* (Aristoteles, s/d), sendo este último considerado como a mais forte das três provas da retórica (Eggs, 2005). A prova pelo *ethos*, conforme Mainguenu (2008:13) “consiste em causar boa

impressão pela forma como se constrói o discurso, a dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança.”

O *ethos* é definido por Charaudeau e Maingueneau (2004:220), na perspectiva da *retórica*, como:

Ethos - termo emprestado da retórica antiga, o ethos designa a imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. ... O "ethos" faz parte, como o "logos" e o "pathos", da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nos dois casos trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real.

De acordo com a retórica aristotélica, o processo de construção do ethos do orador se associa com três qualidades fundamentais: a prudência (*phronesis*), a virtude (*aretè*) e a benevolência (*eunoia*). Todavia, conforme Maingueneau (2008a:14), não se deve confundir o *ethos* com os atributos “reais” do locutor. O autor, para melhor explicar essa distinção, recorre à *teoria polifônica da enunciação* de Ducrot (1984, apud Maingueneau, 2008a), que distingue o locutor (L) - pertencente à ficção discursiva - do enunciador (E) - origem do discurso. Tal fenômeno pode ser melhor entendido se pensarmos nas *representações do eu*, conforme explicitado em Goffman (2007) ou pela imagem de si que o locutor deseja representar no discurso (Amossy, 2005).

Amossy (2005:11), recorrendo à noção benvenistiana de locutor, declara que “o ato de produzir um enunciado remete ao locutor que mobiliza a língua, que a faz funcionar ao utilizá-la”. Conforme Maingueneau (2005:70), a eficácia do ethos “decorre do fato de que envolve de alguma forma a enunciação sem ser explicitado no enunciado”. De fato, o *ethos* se mostra por meio das “escolhas competentes, deliberadas, apropriadas” pelo locutor (Eggs, 2005: 37).

A noção de ethos está também presente no *Tratado da argumentação* de Perelman & Olbreschts-Tyteca (2005), embora não tenha sido desenvolvida de forma bastante ampla nessa obra (Amossy, 2005). De acordo com Eggs (2005:30), a noção de ethos em Perelman, pode ser encontrada, por exemplo, nas passagens sobre “a adaptação do orador a seu auditório”, “a pessoa e seus atos” ou ainda, “o discurso como ato do orador”.

Para uma melhor compreensão da perspectiva de ethos na nova retórica, torna-se relevante pontuar algumas noções básicas da argumentação postulada por Perelman & Olbreschts-Tyteca (2005), tais como as noções de *orador* e *auditório*. Os autores definem

o *auditório* como: “o conjunto daqueles que o orador quer influenciar com sua argumentação. Cada orador pensa, de uma forma mais ou menos consciente, naqueles que procura persuadir e que constituem o auditório ao qual se dirigem seus discursos” (Perelman & Olbreschts-Tyteca, 2005:22). Neste sentido, assim pronuncia-se Mainguenu (2008:15): “A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo ethos que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um ethos característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está.” Todavia, como é construída essa relação *orador/auditório*? Como é construído esse ethos? Nas palavras de Amossy (2005:120): “O *ethos* deve ser considerado uma construção puramente linguageira ou uma posição institucional?” Esse questionamento da autora foi suscitado em função da polêmica que, segundo ela, foi instaurada entre sociólogos e pragmáticos sobre o que funda a autoridade do orador, pois:

o ethos dos pragmáticos, na linha de Aristóteles, constrói-se na interação verbal e é puramente interno ao discurso, enquanto o dos sociólogos se inscreve em uma troca simbólica regrada por mecanismos sociais e por posições institucionais exteriores. (Amossy, 2005:122).

A autora então propõe, em uma perspectiva aberta pela nova retórica, que essas duas concepções de ethos não devem ser excludentes, mas podem ser complementares. A partir do pensamento de Perelman (1989, *apud* Amossy 2005:123), segundo o qual “...toda argumentação se desenvolve em função do auditório ao qual ela se dirige e ao qual o orador é obrigado a se adaptar”, Amossy (2005) argumenta que essa importância que Perelman atribui ao auditório conduz a uma *doxa* comum, ou seja, implica em um conjunto de valores, evidências e crenças que também constituem o diálogo, e, assim, a *doxa* – saber prévio que o auditório possui sobre o orador – se constitui em um fator determinante na construção do ethos do orador, que busca a adesão do seu interlocutor aos seus argumentos. Essa interação orador-auditório, segundo Amossy (2005:124) se constrói através da imagem que eles fazem um do outro:

Desenvolvendo o pensamento de Perelman, pode-se dizer que a construção discursiva do ethos se faz ao sabor de um verdadeiro jogo especular. O orador constrói sua própria imagem em função da imagem que ele faz de seu auditório, isto é, das representações do orador confiável e competente que ele crê ser as do público.

O ethos é uma questão central no processo persuasivo, e, para construí-lo, referindo-se especificamente ao escritor do artigo científico, as escolhas discursivas são

feitas cuidadosamente, sempre levando em conta esse jogo de imagens recíprocas orador-auditório, conforme pontua Amossy (2005).

Assim, no pensamento da autora, a construção do ethos depende simultaneamente, tanto dos aspectos internos (linguageiros), como dos aspectos exteriores (institucionais), de forma que há influências mútuas entre o ethos institucional e o ethos discursivo, considerando que:

Uma reciprocidade se estabelece, uma dinâmica funciona nos dois sentidos. ... Talvez se possa dizer que o *status* de que goza o orador e sua imagem pública delimitam sua autoridade no momento em que ele toma a palavra. Entretanto, a construção da imagem de si no discurso tem, em contrapartida, a capacidade de modificar as representações prévias, de contribuir para a instalação de imagens novas. ... A autoridade do locutor não provém somente do seu estatuto exterior e das modalidades da troca simbólica da qual ele participa. Ela é também produzida pelo discurso em uma troca verbal que visa a produzir e a fazer reconhecer sua legitimidade. (Amossy, 2005:138).

Em suma, podemos dizer que a abordagem de ethos de Amossy (2005), no quadro da Nova retórica, se fundamenta nas *situações de interações orador-auditório*, as quais são constituídas pela construção discursiva, pelo imaginário social, além da autoridade institucional. Aliás, podemos afirmar que essa é a visão de gêneros na perspectiva socioretórica, que tem como base as práticas retóricas e as convenções discursivas estabelecidas socialmente.

Os pressupostos de Amossy (2005) se revestem de fundamental importância para essa pesquisa, considerando que o gênero artigo científico, no quadro teórico aqui assumido, é uma forma de instaurar ações sociais tipificadas, para responder às exigências e demandas das situações recorrentes nas interações orador-auditório, nas comunidades disciplinares. Todavia, nesse processo de adquirir uma posição legitimada de membro efetivo dessa comunidade, e, assim, interagir academicamente por meio do AC – além de outros gêneros - a questão do ethos torna-se central, na medida em que o escritor necessita, primeiramente, mostrar ao seu auditório um ethos de pertencimento àquela comunidade, pois, conforme postula Mainguenu (2008b:59-60):

Em última instância, a questão do ethos está ligada à da construção da identidade. Cada tomada da palavra implica, ao mesmo tempo, levar em conta representações que os parceiros fazem um do outro e a estratégia de fala de um locutor que orienta o discurso de forma a sugerir através dele certa identidade.

Desse modo, o escritor do AC precisa identificar-se epistemologicamente e linguisticamente com a comunidade disciplinar à qual dirige o seu texto. E essa imagem é construída, sobretudo através de práticas discursivas, que envolve a adoção de várias estratégias e escolhas lingüísticas, incluindo o conjunto de práticas convencionais específicas de uma dada comunidade. Portanto, torna-se relevante também acrescentar, neste capítulo, uma breve discussão sobre o conceito de *identidade disciplinar*.

O conceito de identidade disciplinar

Segundo Dressen-Hammouda (2008:234), a teoria da *identidade disciplinar* pode ser construída a partir do conceito de *habitus*, do sociólogo Bourdieu. Nesta visão, segundo a autora, um indivíduo incorpora, inconscientemente, os padrões, normas e regularidades da estrutura social, que envolve também códigos comportamentais, hábitos, atitudes corporais e modos de falar. Assim, o *habitus* se constrói pelas estruturas internalizadas e, ao mesmo tempo, o indivíduo começa a adotá-las em seu próprio comportamento e em suas atitudes, para identificar-se aos padrões e regularidades de um grupo social.

Ivanic (1998, apud Dressen-Hammouda 2008:234) argumenta que o conhecimento do modo pelo qual se reproduz as normas da escrita acadêmica não é uma questão de letramento, mas é uma questão de identidade. Dressen-Hammouda (2008:234) explica que, como as pessoas são expostas a esses padrões e normas, elas, inconscientemente, assimilam tais estruturas em seu sistema sensoriomotor, e, posteriormente, as incorporam em seu comportamento. O *habitus* não deve ser confundido com regras, mas adquire sua estabilidade pelos *usos*, especificidades, sobre as quais um grupo social se dispõe a agir (Hanks, 2008). A performance conjunta desses padrões incorporados oferece segurança de pertencimento crescente à comunidade de práticas (Dressen-Hammouda 2008). A noção de *habitus*, portanto, de acordo a autora, oferece uma explanação socialmente estruturada para a formação de uma *identidade disciplinar*.

Segundo Hanks (2008:36), o conceito de *habitus*, em termos lingüísticos, se associa à “definição social do falante, mental e fisicamente, a seus modos rotineiros de falar, à sua gestualidade e ações comunicativas corporificadas e as perspectivas inculcadas pelas práticas referenciais cotidianas de uma dada língua”. Na esfera acadêmica, o *habitus*, possivelmente, está associado ao conjunto de convenções lingüísticas, visuais e retóricas adotadas por uma comunidade disciplinar, na construção do seu sistema e conjunto de gêneros.

Uma *identidade disciplinar* é construída, portanto, através do conjunto de regularidades, convenções e normas sócio-históricas que os acadêmicos incorporam em suas práticas, como um resultado de terem se tornado especialistas em suas disciplinas (Dressen-Hammouda 2008).

A idéia de *frames* também é utilizada pela autora para conceituar *identidade disciplinar*. Os *frames*, da mesma forma que o *habitus*, segundo ela, não se constituem como um artefato individual, mas são adquiridos no processo de socialização. Uma vez estabelecidos, os *frames*, assim como o *habitus*, possuem características mais estáveis que outras. *Frames* descreve como e por que nós reconhecemos padrões recorrentes em nossas interações sociais e, mais tarde, incorporamos os padrões mais significativos e relevantes, em nossas práticas (Dressen-Hammouda, 2008).

Assim, conforme a autora, a *identidade disciplinar*, pode também ser descrita como um conjunto de *frames* especializados incorporados pelos membros da comunidade. Esses *frames* são específicos para comunidades de práticas especializadas e moldam as maneiras de ver as coisas, o pensamento, as crenças, e conduzem a uma forma *comum* de construir e comunicar o conhecimento.

Desse modo, os escritores experientes demonstram confiança nos gêneros simbólicos já estruturados e incorporados em seu *habitus* a fim de construir credibilidade a partir da representação de uma competência disciplinar. Neste sentido, Hyland (2002a:1091) também postula que a competência pragmática do escritor deve habilitá-lo a aderir-se às identidades sociais formadas em sua respectiva comunidade. Esse processo está estreitamente relacionado com a construção do ethos do escritor, pois, conforme assinala Sullivan (1996:232): “O ethos de um texto é uma demonstração e um reflexo de disciplinaridade internalizada”.¹¹ Ao demonstrar identidade disciplinar, o escritor acadêmico está também demonstrando um *ethos* de disciplinaridade, fator determinante para a persuasão.

A competência pragmática e disciplinar para se construir um ethos de disciplinaridade, pode envolver o emprego de diversos recursos retóricos na construção do gênero. Conforme já explicitado na *Introdução*, focaremos, nesta pesquisa, a *prática das citações* e as formas de *menção de si* no AC, em decorrência do grande poder persuasivo desses recursos retóricos (Hyland, 1999, 2001a).

¹¹ “The ethos in a text is a display of disciplinarity, a reflection of internalized disciplinarity”.

As citações e referências a trabalhos anteriores é um tema de alta relevância na escrita acadêmica e tem sido objeto de análise de muitos pesquisadores, especialmente em textos de língua inglesa, sobretudo na perspectiva da área denominada de *EAP - English for Academic Purposes* (Inglês para Propósitos Acadêmicos). Destes, destacamos os estudos de Swales, (1990), Allen, Qin & Lancaster, (1994), Pickard, (1995), Hyland, (1999), Paul, (2000), Thompson & Tribble, (2001) e White, (2004). Em português, as citações são abordadas nos estudos de Ribeiro, (2002) e Macedo (2006).

Nossa pesquisa, como já assinalado, aborda as citações enquanto recursos de construção do ethos de disciplinaridade do escritor. Tais práticas são consideradas como ferramentas de persuasão e favorecem uma interação dinâmica entre escritor e comunidade, criando uma *identidade disciplinar*. São também vistas como formas de construção colaborativa do conhecimento, como respostas a declarações anteriores, as quais também serão avaliadas por outros. É, portanto, uma manifestação da intertextualidade¹² (Hyland, 1999).

Já a *menção de si* na escrita científica, que pode manifestar-se por meio da *autocitação* e do uso dos *pronomes pessoais de primeira pessoa*, embora ainda encontre resistência de alguns acadêmicos, é considerada uma poderosa forma de persuasão, pois permite ao escritor demonstrar um ethos de segurança em suas alegações (Hyland, 2001a, Tang & John, 1999, Kuo, 1999).

Dessa forma, com base nos pressupostos teóricos apresentados, além de outros, passaremos aos resultados e discussão dos dados encontrados em nossa pesquisa, nos capítulos subsequentes.

¹² Embora reconheçamos a importância teórica da *Intertextualidade*, não discorreremos aqui sobre este conceito, por não ser este o foco deste estudo.

CAPÍTULO II

Estrutura Organizacional dos Artigos Científicos em História e Sociologia

A análise de gênero na perspectiva de ação social e retórica, postulada por Miller (1984, 1994) - e demais autores que defendem essa abordagem - não privilegia o aspecto formal como o elemento mais relevante, mas isso não significa desprezar a análise da forma, uma vez que, para se chegar às ações sociais realizadas pelo gênero, temos que, primeiramente, reconhecer as suas regularidades (e diversidades) linguísticas, suas características prototípicas, pois um gênero é também composto de uma constelação de formas reconhecíveis atreladas por uma dinâmica interna (Miller, 1984). Desse modo, neste capítulo, mostraremos a organização retórica do gênero artigo científico de História e Sociologia, começando com uma análise dos títulos dos textos.

Análise de títulos dos artigos

Para procedermos à análise da estrutura dos artigos, consideramos também relevante incluir a análise da macroestrutura dos seus respectivos títulos. A análise de títulos de textos acadêmicos na perspectiva dos gêneros, apesar da sua relevância, é ainda uma atividade pouco explorada (Soler, 2007).

Para Swales (1990:224), a escolha dos títulos dos artigos são decisões importantes, que podem influenciar a decisão posterior sobre a sua leitura. O autor assinala que os títulos, embora consistam de poucas palavras, devem carregar a essência do texto. O título do trabalho científico tem a função de descrever sucintamente o seu conteúdo, além de ajudar o leitor na exploração do estudo, por fornecer-lhe o tópico (Soler, 2007).

Haggan (2004) considera os títulos como textos em miniaturas. Segundo a autora, eles podem compartilhar funções pragmáticas e oferecer uma introdução inicial para atrair a atenção do leitor, por meio de uma informação que pode até surpreendê-lo. A pesquisadora estudou a escrita de títulos em 120 artigos de três diferentes áreas do conhecimento: a) a primeira, denominada pela autora de *Science* - inclui 40 artigos de diversas disciplinas como Biologia, Bioquímica, Botânica, Ecologia, Física, Genética, Geologia, Química e Zoologia; b) *Linguística* (40 artigos); e c) *Literatura* (40 artigos). Seu estudo constatou a existência de variações disciplinares na escrita de títulos de trabalhos

científicos, considerando a organização textual, sintática, extensão e tipos de relações semânticas estabelecidas entre os componentes estruturais.

Temos ainda o estudo de Soler (2007), que analisou as construções estruturais mais recorrentes dos títulos de dois diferentes gêneros (artigos científicos e artigos de revisão), em seis disciplinas de duas áreas do conhecimento (ciências biológicas e ciências sociais). A pesquisadora constatou variações genéricas e disciplinares, em sua análise. Para Soler (2007) os títulos realizam uma função-chave nos gêneros acadêmicos, pois além de indicar o conteúdo do texto ao leitor, oferecem pistas para a inclusão apropriada dos textos na base de dados bibliográficos, direcionando-os, assim, às audiências corretas. A autora acrescenta que a construção dos títulos, quando não segue os padrões estabelecidos para o gênero, nas diversas disciplinas científicas, pode influenciar na aceitação dos textos. Assim, a escrita de títulos é um exercício desafiante que requer algumas habilidades dos autores a fim de empregá-los adequadamente.

No Brasil, encontramos apenas um estudo sobre os títulos de artigos científicos, na área de Enfermagem. Trata-se do trabalho de Lopes Neto *et al*, (2002), o qual, porém, não é desenvolvido na perspectiva da análise de gêneros, mas na perspectiva da metodologia da pesquisa científica. Os autores, para desenvolverem a sua análise, parte da indagação: “Será que os títulos da pesquisa em Enfermagem estão traduzindo o que realmente foi estudado?” (Lopes Neto *et al*, 2002:2). Eles analisaram artigos científicos de Enfermagem, publicados em periódicos especializados de circulação nacional, no período de 1997 a 1998, “tendo por intuito recomendar estratégias quanto à redação e ao estilo técnico, para a criação de títulos de pesquisas.” (Lopes Neto *et al*, 2002:2). Embora o estudo dos autores não se enquadre na perspectiva dos gêneros, eles investigaram alguns aspectos dos títulos dos ACs que encontramos também nos estudos de Haggan (2004) e Soler (2007) tais como, a extensão dos títulos, uso ou não da pontuação, a relação estabelecida com o conteúdo do texto, etc. Todavia, como já foi dito, o estudo de Lopes Neto *et al* (2002) não se volta para a análise de gênero, mas traz uma preocupação com a clareza, concisão e objetividade da escrita dos títulos dos artigos.

Assim, consideramos relevante a análise de alguns aspectos macroscópicos dos títulos dos artigos do nosso *corpus*, pois julgamos que essa análise pode nos fornecer pistas para melhor caracterizar estruturalmente esse gênero em História e Sociologia. Para tanto, adaptamos alguns procedimentos metodológicos utilizados por Haggan (2004) e Soler

(2007). Vamos abordar apenas dois aspectos dos títulos dos artigos científicos: 1. extensão; 2. construções estruturais.

Extensão dos títulos dos artigos científicos

Conforme podemos visualizar na Tabela 1, os nossos dados mostram que os títulos dos artigos de *História* são maiores que os de *Sociologia*. Seria necessário, entretanto, um estudo com uma amostragem mais expressiva para chegarmos a constatações mais seguras acerca da extensão dos títulos de artigos escritos em língua portuguesa, nessas disciplinas.

Tabela 1 – Extensão dos títulos de artigos científicos em História e Sociologia

Disciplina	Nº de Artigos/Títulos	Nº Total de Palavras dos Títulos	Média Palavras/Título
História	20	256	12,8
Sociologia	20	211	10.55

Os dados indicam uma extensão relativamente curta dos títulos dos artigos de História e de Sociologia, ao compará-los com os títulos dos AC's das disciplinas das ciências "duras". Encontramos respaldo para essa afirmação nos resultados do estudo de Soler (2007:96), segundo os quais os títulos dos artigos dessa área científica apresentam uma média de 15,33 palavras, em *Biologia*; 15,48 em *Medicina*; e 14,15 em *Bioquímica*. Já o estudo de Haggan (2004) revela um número médio de 13,8 palavras para os títulos dos artigos das disciplinas das *ciências*.

Por outro lado, os dados do nosso estudo parecem confirmar os achados de Soler (2007) sobre a extensão de títulos de artigos de duas disciplinas de ciências sociais, a saber, *Antropologia*, média de 12,06 palavras por título; e *Psicologia*, média de 12,63 palavras por título. Trata-se de uma extensão bastante próxima daquela que encontramos nos títulos dos artigos de *História*, isto é, um número médio de 12,8 palavras.

A extensão média de palavras que encontramos nos títulos dos artigos de *Sociologia* - 10,55 - parece aproximar-se mais da média encontrada por Haggan (2004) para os títulos dos artigos de Literatura, ou seja, 9,4 palavras. Entretanto, mesmo havendo constatado tais semelhanças, devemos sempre considerar que os artigos analisados por Haggan e Soler foram escritos em língua inglesa.

Lopes Neto *et al* (2002) considera como títulos longos - para a área de Enfermagem - aqueles que são escritos com mais de 15 palavras. Os autores encontraram

um percentual de 16,37% de títulos com esta extensão - considerados longos para eles, para os padrões da disciplina.

Um título bem construído não precisa ser longo, uma vez que os títulos têm a função pragmática de informar e informar rapidamente e assim, atrair a atenção de outros cientistas para aquele trabalho. Se o acadêmico falhar nisso, seu trabalho pode cair no esquecimento (Haggan, 2004:296).

Assim, a extensão média dos títulos dos artigos de História e Sociologia parece seguir uma tendência para esse gênero nas ciências humanas, fato que pode ser constatado pela semelhança desses traços com aqueles encontrados nos estudos de Haggan (2004) e Soler (2007). As variações encontradas na extensão dos títulos dos artigos podem ser explicadas pela natureza epistêmica das disciplinas.

A seguir, veremos a construção estrutural dos títulos dos AC's nas duas disciplinas.

Construção estrutural dos títulos de artigos científicos

Para identificar a construção estrutural dos títulos, adaptamos a classificação usada por Haggan (2004) e Soler (2007), conforme mostramos abaixo:

- **Construção frase nominal simples (FNS)** - (*nominal-group construction*, em Soler (2007:94); (*independent noun phrase*, em Haggan, 2004:309).
- **Construção com frase verbal (FV)** – (*full-sentence construction*, Haggan, 2004:295; Soler, 2007:94).
- **Construção frase nominal composta¹³ (FNC)** (*compound construction*, Haggan, 2004:301; Soler, 2007:94).

Tabela 2 – Construção estrutural dos títulos de AC's de História e Sociologia

DISCIPLINAS	TÍTULOS/ESTRUTURA			
	FRASE NOMINAL SIMPLES		FRASE NOMINAL COMPOSTA	
	Ocorrências	%	Ocorrências	%
História	4	20	16	80
Sociologia	9	45	11	55

Pelo indicativo dos dados mostrados na Tabela acima, podemos afirmar que a construção estrutural que prevalece na escrita dos títulos dos artigos analisados é a de *frase nominal composta*. Essa construção, aliás, parece ser uma característica bastante acentuada nos títulos dos artigos de *História* (80%), com maioria também em *Sociologia* (55%).

¹³ Os verbos nominalizados (forma gerúndio) também foram considerados como frases nominais.

Nesta modalidade, o título é composto por duas frases nominais justapostas, separadas por dois pontos (mais usual), ou outro sinal de pontuação. Normalmente, a primeira frase nominal indica um tópico geral, seguido por uma frase maior que o especifica. Mas também há ocorrências em que a primeira frase nominal dos títulos indica a área da pesquisa, e a segunda, indica a aplicação dessa pesquisa ou oferece alguma informação que ajuda a localizar o que foi trabalhado no texto, de acordo com o campo do estudo (Haggan, 2004).

Para exemplificar a ocorrência de títulos com *frases nominais compostas*, vejamos alguns exemplos do nosso corpus:

História

- (1) *Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849.* [AH6]
- (2) *A América do desejo: pesadelo, exotismo e sonho.* [AH2]
- (3) *Incultura e criminalidade: estereótipos sobre a educação da criança, do jovem e do camponês no século XIX* [AH3]
- (4) *Ferrovários em greve: relações de dominação e resistência na RVPSC.* [AH7]

Sociologia

- (5) *Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro.*[AS6]
- (6) *A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio.* [AS11]
- (7) *Uma ditadura contra a república: política econômica e poder político em Roberto Campos.* [AS9]
- (8) *Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil.* [AS19]

Percebemos que os títulos de *frase nominal composta* (FNC) apresentam muitas semelhanças nas duas disciplinas. O que prevalece é uma frase com um tópico mais geral, seguida de outra frase especificando a primeira.

Todavia, em se tratando de conteúdo, os títulos já nos fornecem algumas pistas semânticas que podem assinalar traços diferenciados de características da investigação

científica nas duas disciplinas. Como afirma Haggan (2004), os títulos encapsulam alguns traços de peculiaridades disciplinares na apresentação do conhecimento. Isto pode ser verificado, por exemplo, em alguns títulos dos artigos de *História*, em que aparecem frequentemente referências a *datas*, *períodos de tempo*, ou ainda termos específicos que nos ajudam a inferir que os textos irão tratar de um fato histórico, cuja análise frequentemente se dá pela narrativa. Podemos conferir tal constatação nos exemplos dados acima: em (1), na segunda frase do título, ... *lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849*; em (03) ... *estereótipos sobre a educação da criança, do jovem e do camponês no século XIX*. Podemos ainda verificar outros exemplos do *corpus*, como nas ocorrências (9) *1964: o golpe contra as reformas e a democracia*. (AH7).

Ao comparamos os títulos das duas disciplinas, constatamos que, dos vinte artigos de História, onze¹⁴ (55%) apresentam algum termo relativo a recorte temporal ou mesmo o emprego de um termo específico que já nos sinaliza algumas características disciplinares, como é possível verificar em (10) *A história da América Latina na Revista Desarrollo Económico dos anos sessenta do século passado*. Embora este título seja estruturado com **frase nominal simples**, também apresenta pistas semânticas para delimitar a disciplina científica. Já em Sociologia, dos vinte artigos, apenas três apresentam uma referência a tempo histórico, mas também sinalizam alguns traços característicos de temas que normalmente são tratados nas ciências sociais, tais como questões de poder e política, movimentos sociais, etc.

É importante ressaltar que a estrutura FNC parece ser uma característica predominante no gênero artigo científico das ciências sociais e humanas. Além dos dados da nossa pesquisa, isto também se evidencia na análise de Haggan (2004:301), que encontrou um índice de 60,8% nos títulos de construção nominal composta (*compound construction*) em artigos de *Literatura*, e somente 21,5% dessa construção de títulos em artigos de disciplinas das ciências duras. O estudo de Soler (2007) também aponta um índice considerável (41%) de ocorrências de títulos de construção composta em *Antropologia*.

Em nosso estudo, também encontramos alguns títulos compostos em que a primeira frase é uma citação, como também a presença de verbo nominalizado, fato também já

¹⁴ Veja outros exemplos nos Quadros I e II, que apresentam a lista completa dos títulos dos artigos das duas disciplinas, no Anexo I desta Dissertação.

constatado por Haggan (2004) em títulos de artigos de *Literatura*. Apresentamos, a seguir alguns exemplos, encontrados nos artigos de **História**:

a) **Verbo nominalizado:**

(11) *Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850)*. [AH5]

b) **Formas aspeadas:**

(12) *“Navalha não corta seda”*: Estética e performance no vestuário do malandro. [AH19]

(13) *“Hoje preciso refletir um pouco”*: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda 1971/1978. [AH1].

Os exemplos (12) e (13) são consideradas *frases nominais complexas*. Como podemos verificar, a presença verbal nestas duas ocorrências de títulos - artigos de História - não expressam ações propriamente ditas, relacionadas ao processo de pesquisa, antes são citações de frases cristalizadas relacionadas ao acervo das próprias fontes documentais que serão estudadas, algumas das quais já integram o repertório cultural da comunidade leitora. Trata-se de um convite, uma instigação ao leitor. Portanto, as expressões “*preciso refletir*”, e “*não corta seda*” ilustram o que será dito no segundo elemento do título, são estratégias criativas empregada para causar impacto ao leitor e conduzi-lo à leitura completa do artigo.

Os títulos dos AC's das ciências humanas e sociais seguem as convenções do gênero de acordo às especificidades disciplinares no que tange ao processo de pesquisa, que envolve sujeitos e questões *humanas*. Assim, a escrita desses artigos, desde a construção dos seus títulos, reflete a natureza do respectivo processo de pesquisa e objetos de estudo dessas disciplinas, que se constituem da vida humana, com toda a sua complexidade, riqueza cultural, conflitos sociais, relações de poder, etc.

A estrutura de títulos com frases verbais não foi encontrada neste estudo. Segundo Haggan (2004) e Soler (2007), os títulos estruturados com a presença de ações verbais aparecem de forma mais acentuada nos artigos de *Biologia*. Nessa estrutura, o título é formado por uma frase que abrange o todo e apresenta os achados gerais do estudo. É

como se o estudo inteiro tivesse sido condensado em uma sentença, combinando informatividade com economia (Haggan, 2004).

Por outro lado, conforme aponta a Tabela 2, a construção estrutural *frase nominal simples* (FNS) registrou uma frequência maior em Sociologia, com um percentual de 45%, um número bastante expressivo, ao ser comparado com a ocorrência dessa construção em História, apenas 20%. Abaixo, mostramos alguns exemplos:

História

(14) *Representação empresarial e reforma agrária na “Nova República”.*

[AH16]

(15) *Método, raça e identidade nacional em Sílvio Romero.* [AH12]

(16) *Narrativas fotográficas sobre a cidade.* [AH10]

Sociologia

(17) *Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais.*
[AS16]

(18) *As ciências sociais e o inglês.* [AS2]

(19) *Desafios das Ciências Sociais no desenvolvimento científico e tecnológico contemporâneo* [AS12]

(20) *Coalizões eleitorais e ajuste fiscal nos Estados brasileiros.* [AS5]

Não obstante a estrutura *frase nominal composta* tenha predominado no conjunto total dos títulos dos artigos das duas disciplinas, os títulos de artigos de *Sociologia* apresentam um elevado índice da estrutura *frase nominal simples* (45%). Essa construção de títulos, segundo alguns pesquisadores do tema, parece ser um traço mais característico dos artigos das ciências naturais e exatas. No estudo de Soler (2007), por exemplo, essa estrutura apresenta 72% ocorrências em AC's de *Medicina*. A pesquisa de Haggan (2004:306) também apresenta um índice de 69,4% para títulos estruturados desse modo nas disciplinas das ciências *duras*.

Quanto à construção de títulos com pergunta, não foi encontrada em nosso estudo. Essa modalidade de títulos, normalmente registra uma frequência baixa nos gêneros

acadêmicos. O estudo de Soler (2007:95), por exemplo, registrou pouquíssimas ocorrências dessa construção em títulos do artigo científico: Medicina (1%); Biologia (0%); Bioquímica (0%); Lingüística (5%); Psicologia (1%) e Antropologia 1%. A autora assinala que a construção de títulos com questionamento parece não ser bastante aceita no meio acadêmico. Lopes Neto *et al* (2002:81) também afirma que os títulos com frases interrogativas devem ser evitados.

Os dados da nossa pesquisa indicam, portanto, o predomínio da estrutura *frase nominal composta* na construção dos títulos dos artigos de História (80%) e Sociologia (55%) (cf. Tabela 2). Este dado está em consonância com os achados de Haggan (2004) e Soler (2007). Acreditamos que esse comparativo de dados torna-se relevante na medida em que pode ajudar na identificação de regularidades formais para o mesmo gênero em disciplinas de áreas científicas correlatas, embora escritos em contextos culturais bastante diferenciados.

As variações encontradas na extensão e na construção dos títulos dos artigos parecem estar relacionadas às especificidades das funções comunicativas do gênero AC nas respectivas disciplinas. Segundo Haggan (2004), em literatura, por exemplo, a convenção científica de colocar o maior número possível de informações no título não é aplicada, pois não há achados experimentais para ser relatados e, fora o conteúdo biográfico, qualquer nova informação contida no artigo não é usualmente do tipo factual. Assim, conforme relata a autora, a ênfase nos títulos dos artigos de literatura recai no sentido de conduzir o leitor a novos *insights* e apreciação dos trabalhos, através de recursos estéticos empregados para prender a atenção do leitor.

Acreditamos que algumas observações feitas por Haggan (2004) sobre os títulos dos artigos de literatura são igualmente válidas para as ciências sociais em geral, tanto na estruturação dos títulos (prevalência da forma composta), como também na exploração de alguns recursos variados para chamar a atenção do leitor, visto que, assim como ocorre na literatura, nas disciplinas de História e Sociologia, também não há relato de dados experimentais.

Organização retórica dos artigos científicos em História e Sociologia

Como já salientamos no capítulo anterior, antes de chegar à forma relativamente estável conhecida hoje, o gênero artigo científico sofreu diversas transformações em diferenciados aspectos (Bazerman, 1988; Allen, Qin e Lancaster, 1994). Segundo Kuo

(1999:122), após o século XIX, os achados e as teorias passaram, gradativamente, a receber maior destaque do que a função do pesquisador enquanto agente da investigação científica, e a descrição e a narração cederam lugar à explanação e à análise. Para o autor, essa tendência resultou em mudanças textuais do gênero, inclusive dando origem à divisão do artigo em seções (Kuo, 1999:122). Por essa razão, temos hoje, o padrão IMRD - *Introdução, Métodos, Resultados e Discussão* (Swales, 1990) - modelo organizacional adotado, principalmente, na escrita de artigos científicos das ciências exatas e da natureza .

Conforme pontua Burrough-Boenisch (1999), a escrita do AC na estrutura IMRD, especialmente dos artigos denominados *experimentais*, é uma exigência de alguns periódicos. Trata-se, portanto, de convenções requeridas por algumas comunidades científicas às quais os autores devem se adequar para serem aceitos. Todavia, o autor sugere que há duas visões opostas sobre a padronização da estrutura IMRD nos artigos: alguns cientistas alegam que essa estrutura padroniza a apresentação das informações e facilita a localização de uma informação particular, além de ajudar os autores a ordenar seus pensamentos e refletir na sequência lógica na qual é realizada a pesquisa; por outro lado, alguns autores defendem que o padrão IMRD não reflete o modo pelo qual os cientistas desejam receber as informações, pois ao ler os artigos eles querem primeiramente encontrar os resultados da pesquisa. Ademais, isto força o pesquisador a escrever e pensar num paradigma que não reflete o verdadeiro processo de investigação científica. Para Burrough-Boenisch (1999:298-299), esses prós e contras do formato IMRD têm sido bastante debatido por membros de associações de editoras científicas, mas, segundo ele, nesses debates não há qualquer referência à pesquisa do gênero artigo científico das ciências humanas.

As ciências exatas e da natureza, por terem se constituído antes das ciências humanas e sociais, impuseram seus modelos, e estas, para adquirir *status* de ciências, procuraram seguir à risca os passos daquelas. Devemos lembrar, porém, que os gêneros, sendo ações sociais de linguagem não são homogêneos. Diversos pesquisadores têm constatado variações nos padrões convencionais do gênero AC e de outros gêneros acadêmicos, e eles defendem que tal variação ocorre em função das peculiaridades culturais e epistemológicas das comunidades disciplinares (Holmes, 1997; Hyland, 1999; Varttala, 2001; Balloco, 2007).

Em nossa análise, julgamos importante apresentar, primeiramente, a extensão média dos artigos, a saber - os artigos de História apresentaram uma extensão média de

6.587,9 palavras, e os AC's de Sociologia, uma extensão média de 7.699,6 palavras¹⁵. Esta é, portanto, a primeira variação encontrada no aspecto formal desse gênero em História e Sociologia.

Quanto à distribuição das seções retóricas dos artigos, nas duas disciplinas, não encontramos ocorrências da estrutura IMRD. A seção de *Introdução* aparece claramente identificada em 05 artigos de História (25%) e 12 artigos de Sociologia (60%); Não houve ocorrências, claramente marcadas, das seções de *Metodologia*, *Resultados* e *Discussão* em todo o *corpus*. Já a seção de *Conclusão* aparece identificada em 06 artigos de História (30%) e em 07 artigos de Sociologia (35%). Entretanto, nos artigos das duas disciplinas há ocorrências de outras subdivisões internas, por meio de subtítulos alusivos aos temas discutidos nos textos. Encontramos também a existência de artigos com total ausência de divisões internas, isto é, os textos aparecem em bloco. Essa ocorrência aparece mais acentuada nos artigos de História, com 40% dos casos (08 artigos), enquanto que, em Sociologia a ocorrência é de 20% (04 artigos).

É necessário, porém, salientar que, embora algumas seções retóricas da estrutura *IMRD* não estejam identificadas explicitamente nos artigos, elas podem aparecer diluídas nos textos, pois, conforme sinaliza o próprio Swales (1990:170), as fronteiras entre as seções IMRD podem ser fluidas ou pode ocorrer a fusão de algumas seções como a de *Resultados* e *Discussão*.

Conforme podemos verificar, a organização estrutural dos artigos de História e Sociologia apresenta algumas semelhanças, como também algumas variações. Há semelhanças, por exemplo, na ausência total das seções de *Metodologia*, *Resultados* e *Discussão*, identificadas explicitamente, nas duas disciplinas; ademais, parte dos artigos das duas disciplinas apresenta as seções de *Introdução* e de *Conclusão*, além de outros *subtítulos*, na estrutura interna.

Mas há também algumas características que indicam variações no padrão estrutural das seções retóricas do gênero AC nessas disciplinas. A presença da seção de *Introdução*, por exemplo, parece ser um traço bem mais forte nos artigos de Sociologia, com uma menor frequência nos AC's de História. Por outro lado, os dados indicam uma frequência relativamente equilibrada da seção de *Conclusão*, explicitamente delimitada, nos artigos das duas disciplinas.

¹⁵ Para contar as palavras, excluímos o resumo (em português e em língua estrangeira), além das referências, notas bibliográficas e explicativas.

A presença dos subtítulos na estrutura textual dos artigos pode ser relevante para caracterizar a macroestrutura desse gênero em ciências humanas, é um recurso que permite melhor distribuir e organizar as informações do conteúdo em subtópicos. Essa estrutura apresenta uma ocorrência bastante significativa tanto em Sociologia (70%), quanto em História (60%).

Os dados deste estudo, pelo menos em parte, parecem corroborar com os achados de Holmes (1997), que encontrou variações no padrão de organização retórica do artigo científico de ciências sociais, ao compará-lo com o padrão do artigo das ciências naturais. Sua pesquisa é relevante para o nosso estudo, tendo em vista que ele também analisou artigos das disciplinas Sociologia e História, embora escritos em inglês. Em seu estudo, o autor encontrou semelhanças e diferenças no padrão organizacional dos ACs de História e Sociologia. Nas palavras de Holmes (1997:327-328):

Parece seguro dizer que existe uma sequência padrão de organização para ACs em ciência política e em sociologia e talvez, também para outras disciplinas sociais, consistindo, assim, em Introdução-Contextualização-Métodos-Resultados-Discussão,... A presença de extensivas sessões de contextualização pode ser considerado um traço distintivo de artigos das ciências sociais em oposição ao ACs das ciências naturais, e talvez reflita uma ausência de uma estrutura teórica comum, o que Bazerman (1988:35) chama “uma literatura codificada fixa”. Para os artigos de história, entretanto, a estrutura preferida é Introdução – uma sessão com argumento central ou narrativas, que por conveniência pode ser referida como Resultados/Discussão ou Conclusão... A diferença existente nos textos de história, possivelmente, está relacionada ao fato de que a disciplina está mais preocupada em fornecer dados de eventos discretos, do que com o descobrimento de padrões generalizáveis. (Holmes, 1997:327-328).¹⁶

A pesquisa de Holmes (1997:328) constatou a ausência da seção de *Metodologia* na maioria dos artigos de História. Para o autor, tal fato se justifica pela natureza específica dos dados de História: “A ausência de uma seção de Métodos na maioria dos textos de história é com toda a probabilidade uma consequência da natureza dos dados históricos, que podem ser seletivamente ignorados ou enfatizados ...”¹⁷. Do conjunto total de artigos

¹⁶ *It seems safe to say that there is a standard pattern of organization for RAs in political science and sociology and perhaps for other social science disciplines consisting of Introduction-Background-Methods-Results-Discussion, ... The present of such lengthy Background sections can perhaps be considered a distinctive feature of RAs in the social sciences as opposed to those in the natural sciences and might reflect the absence of an agreed theoretical framework and what Bazerman (1988:35) calls “a fixed codified literature”. For history RAs, however, the preferred structure is Introduction – a main argument or narrative sections that for convenience will be referred to as Results-Discussion or conclusion ... The distinctiveness of history texts is perhaps related to the discipline’s concern with providing accounts of discrete events rather than with the discovery of generalizable patterns.*

¹⁷ *The absence of a Methods section in most of the history texts is in all probability a consequence of the nature of historical data which, while they may be selectively ignored or emphasized...*

analisados, ele sugere que os artigos de História são os que apresentam um padrão mais diferenciado, ao estabelecer a comparação com os artigos das ciências naturais.

Conforme já assinalado, nós também não encontramos a seção de *Métodos* identificada na organização retórica dos artigos de História e de Sociologia, mas a metodologia do estudo, na maioria das vezes, está explicitada na parte introdutória dos textos, inclusive nos AC's de História, como veremos em alguns exemplos, a seguir:

(21) Interessamo-nos em nossa pesquisa, que visa analisar em detalhes o pensamento político do autor no contexto da retórica... Procedemos pela análise pelo modo como Cícero, usando uma forma de argumentação em discursos específicos, a *complexio*, movia sua audiência ... [AH18]

(22) Neste artigo, trato da escrita de biografias pela primeira geração de sócios do IHGB, propondo algumas reflexões acerca dos usos do gênero biográfico e as suas relações com a operação historiográfica no âmbito dessa instituição durante o século XIX. A idéia é estudar as biografias como um *corpus* de textos publicados no espaço da *Revista*... [AH5]

Os dados do nosso estudo também indicam variações no padrão organizacional dos artigos, tanto em História quanto em Sociologia, ao compará-los com o modelo IMRD. Entretanto - ratificando o que foi constatado na pesquisa de Holmes (1997) - em História esse gênero parece apresentar um distanciamento ainda maior desse padrão, pois, como já salientado, quase a metade dos artigos de História (40%) apresentam um formato sem divisão clara das seções, além da menor frequência da seção de Introdução, apenas 25%.

Essas variações podem estar relacionadas com aspectos epistemológicos de cada disciplina. Conforme sinaliza Burrough-Boenisch (1999:297), a construção IMRD não é imutável e o formato do artigo parece refletir a epistemologia específica de cada área científica. Percebemos que os artigos de História apresentam características mais diferenciadas: os dados são mais biográficos, documentais, a estrutura é eminentemente narrativa, conforme já observado por Holmes (1997). Não há, pois, como encaixar textos de natureza científica tão peculiar à estrutura *IMRD*. Nos artigos de História, a *Introdução*, por exemplo, embora não identificada explicitamente, às vezes se dá por meio de uma epígrafe, uma citação.

Para ilustrar, vejamos como se inicia o artigo intitulado *Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-42)*, Mauad (2005), da *Revista Brasileira de História* [AH8]:

Genevieve Naylor, fotógrafa: Impressões de viagem (Brasil, 1941-1942)¹

Ana Maria Mauad²
UFF

Ana Maria Mauad

Life é a única revista que eu conheço que distrai pela falta de assunto. A gente passa aquilo como criança passa livro de figuras, constatando rapidamente a aparição de uma curiosidade ou outra: 'totó', 'neném', 'fon-fon', e assim por diante.

Mas é impossível resistir-lhe à fotografia. Quem por acaso, já teve ocasião de conhecer algum fotógrafo de *Life*, sabe perfeitamente disso. São criaturas de conto de fadas, capazes de lambuzar de caramelo toda uma 'panzerdivisionem', verdadeiros gênios do instantâneo, sabedores de todas as infantilidades da alma grande. Eu já conheci dois, sendo que em ambos senti esse mesmo adejamento endiabrado, uma mesma alegria de vaga-lume que vai queimando as suas lâmpadas sobre as coisas surpreendidas. Um deles é uma americanazinha adorável que se acha aqui no Rio. Genevieve se chama, mulher desse grande Micha que conquistou a nossa pequena cidade artística com a sua simpatia e sua sensibilidade plástica.

Genevieve parece ter saído de uma história de Robin-Hood, com seu arzinho de jovem pajem, sua elegância bem colorida, uma pena sempre atrevidamente espetada no chapéu. Nada escapa, no entanto, à maquinazinha dessa enfeitada. Perto dela não há momento fotográfico que passe sem cair naquela arapuca bem armada. Genevieve dá um pulinho — e a vida ali ficou batendo asa na sua chapa impressionada.

Vinicius de Moraes,
"A Última Catedral",

A manhã, Rio de Janeiro, 19.10.1941

O fascínio do então cronista e crítico de cinema, Vinicius de Moraes, pelas imagens sensíveis de Genevieve Naylor, revelam a presença ambígua e sempre marcante dos Estados Unidos no Brasil, e por extensão na América Latina, como um todo. As imagens visuais — fotográficas, cinematográficas e publicitárias — sedimentaram a ponte pela qual a aproximação cultural entre as Américas se realizou.³

Mas, o que está em jogo na elaboração da chave de leitura histórica para se compreender as fotografias produzidas no Brasil por Genevieve Naylor, durante sua permanência entre 1940-1942, como funcionária do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (CIAA)? Por um lado, no contexto da Política da Boa Vizinhança o crescente interesse de intelectuais e artistas nor-

Logicamente, embora com estrutura diferenciada, há uma organização textual coerente nesses artigos. Em outro artigo de História – da Revista *Tempo*, da Universidade Federal Fluminense, encontramos também uma maneira bastante peculiar de realizar a introdução do texto:

“Navalha não corta seda”: *Estética e Performance no Vestuário do Malandro** **

Gilmar Rocha***

Com que Roupa?
Eu hoje estou pulando como sapo
Pra ver se escapo
Dessa praga de urubu.
Já estou coberto de farrapo,
Eu vou acabar ficando nu:
Meu paletó virou estopa
E já nem sei mais com que roupa?
Com que roupa eu vou
Pro samba que você me convidou?!

Noel Rosa é conhecido pela ironia de suas composições. Além da habilidade com a linguagem, o compositor era extremamente sensível aos temas do cotidiano, como os relacionados à dureza, ao vestuário, ao samba, à malandragem. Esta estrofe, de *Com que Roupa?*, samba de 1933, reúne todas estas coisas: ironia, dureza, vestuário e malandragem, ilustradas no encarte

Neste artigo, o trecho do *samba* de Noel Rosa é utilizado para introdução, conforme o próprio autor ressalta.

Por outro lado, nos artigos de Sociologia é mais comum encontrarmos uma *Introdução* mais diferenciada, Vejamos alguns exemplos:

Revista *Sociologias* [AS15]:

Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana

MIGUEL ÂNGELO MONTAGNER

Introdução

O largo emprego nas atuais ciências sociais, de fontes primárias de dados ligadas às subjetividades individuais, ao mundo real e concreto das relações humanas, sobretudo aquelas expressas em materiais biográficos ou autobiográficos, têm redobrado o interesse dos pesquisadores por teorias e metodologias que lidem com esse tipo de fonte e que promovam uma sustentação teórica consistente no tratamento destas informações.

O objetivo deste artigo é esboçar uma proposta definida de estudo de trajetórias individuais e de grupo, a partir da perspectiva teórica de Pierre Bourdieu e salientada por seu grupo de colaboradores, levando-se em conta o aparecimento, em suas obras, desse tipo de trabalho empírico, ligado a estudo de materiais biográficos e seus corolários teóricos. Se conseguirmos delinear

Temos aqui um exemplo de AC com indicação clara da seção de *Introdução*, e, conforme podemos conferir, no segundo parágrafo, o escritor apresenta, de modo bem explícito, o *objetivo*, a *metodologia* e o *referencial teórico* do estudo.

Um outro exemplo pode ser encontrado na *Revista Brasileira de Ciências Sociais* – [AS3]

HISTÓRIA DOS CONCEITOS E TEORIA POLÍTICA E SOCIAL: referências preliminares*

Marcelo Gantus Jasmin

O presente artigo discute, de forma sucinta, algumas das principais questões em torno das quais vem se dando o debate acerca do fazer história do pensamento político e social nas últimas três décadas. Importa esclarecer, comparando, limites e possibilidades teóricas e metodológicas das duas vertentes mais produtivas no campo hoje: o contextualismo lingüístico de Quentin Skinner e a história dos conceitos (*Begriffsgeschichte*) desenvolvida por Reinhart Koselleck. Pretende-se, com isso, organizar minimamente a pauta de questões em discussão.

* Este trabalho é parte do projeto “Contextualismo lingüístico e história conceitual: o debate teórico-metodológico contemporâneo sobre a história da teoria política” e teve apoio do CNPq.

Artigo recebido em novembro/2004
Aprovado em janeiro/2005

I

O debate acerca do que seriam as formas válidas da história do pensamento para o âmbito da teoria política e social ganhou enorme impulso com a publicação, em 1969, na revista *History and Theory*, do ensaio metodológico de Quentin Skinner, intitulado “Meaning and understanding in the history of ideas”. Neste ensaio, que ampliava argumentos inicialmente expostos por Dunn (1972) e por Pocock (1969) na esteira das pesquisas de Peter Laslett (1965), Skinner endereçou uma crítica violenta contra várias tradições da história das idéias políticas, acusando-as principalmente de incorrerem no erro comum do *anacronismo*, ou seja, de imputarem a autores e obras intenções e significados que jamais tiveram, nem poderiam ter tido, em seus contextos originais de produção. O resultado básico dessas histórias criticadas seria a produção de um conjunto de *mitologias* históricas

O artigo acima, embora seja um dos poucos de Sociologia sem identificação clara das seções retóricas, apresenta uma *introdução* mais próxima daquela normalmente encontrada no gênero AC de outras disciplinas: apresenta o tema da análise, o objetivo e metodologia do estudo, além de fazer referências teóricas. Não se trata do Resumo do artigo, pois, neste periódico, os resumos ficam na parte final do texto. A *Introdução* do

artigo de Sociologia parece aproximar-se mais do modelo *CARS*¹⁸ postulado por Swales (1990), enquanto que a Introdução dos artigos de História tende ao afastamento desse padrão. Aliás, Ozturk (2007:26), que também encontrou variação na estrutura do artigo científico, pontua que a seção de *Introdução* do AC de ciências sociais desvia-se marcadamente do modelo *CARS* apresentado por Swales (1990), fato também já observado por Holmes (1997).

Assim, os artigos de Sociologia também apresentam algumas características mais peculiares. Embora não sigam o rigor do padrão *IMRD*, apresentam, como vimos, uma maior frequência na identificação declarada da *Introdução* e *Conclusão*, como também mais subtítulos na divisão interna dos textos. Nos AC's de Sociologia, também não encontramos relatos de dados experimentais, no sentido estrito do termo, mas os artigos apresentam muitos dados estatísticos, portanto, mais tabelas e gráficos, dados mais quantitativos do que os encontrados nos artigos de História.

Os dados indicam, portanto, claras variações na organização retórica do artigo. Essa variação se dá tanto entre os AC's de História e Sociologia, quanto em relação a estrutura *IMRD*. Com essa observação, não estamos negando a existência, nos artigos, de uma introdução, dos métodos, resultados e discussão dos dados, mas essas atividades não se organizam da mesma forma, na mesma ordem e não seguem o mesmo rigor do padrão *IMRD*, mais comum nos artigos denominados *experimentais*, porque, como já mencionado, os próprios dados das ciências humanas e sociais são distintos. Devemos lembrar que o próprio Swales (1990:136,170) já adverte quanto à existência de variações linguísticas e retóricas na distribuição das quatro seções do artigo científico.

Sabemos que o caráter heterogêneo da linguagem e dos gêneros é uma realidade que não pode ser subestimada. Todavia, conforme já salientado por Moraes (2005:71), a maioria das observações e resultados de pesquisas sobre as diferentes seções do artigo científico “são reflexões feitas a partir da língua inglesa, podendo, portanto, haver variações em relação à língua portuguesa e às diferentes áreas de conhecimento”. Esta é uma observação relevante, tendo em vista que a grande maioria das pesquisas voltadas para esse gênero se baseia em textos escritos em inglês, até mesmo estudos realizados por pesquisadores brasileiros.

¹⁸ O modelo *CARS* (*Create a Research Space*) diz respeito ao modelo de Introdução do AC postulado por Swales (1990), segundo o qual a *Introdução* apresenta três movimentos retóricos: 1. Estabelecer um espaço de pesquisa; 2. Estabelecer um nicho ou contexto de pesquisa; e 3. Ocupar o nicho, ou mostrar os objetivos da nova pesquisa.

Entretanto, parece haver uma tentativa de padronização homogênea para o formato do gênero AC, o que reflete uma visão da pesquisa científica como uma atividade desvinculada das práticas sociais. Varttala (2001:64) faz o seguinte pronunciamento sobre o padrão IMRD para os artigos científicos: “essas quatro seções podem ser vistas como um reflexo de um procedimento de pesquisa idealizado”.¹⁹ Segundo o autor, o modo pelo qual o trabalho científico é relatado na literatura é, frequentemente distanciado do que verdadeiramente acontece no processo da pesquisa. Ele assinala que:

Os AC’s parecem seguir o processo científico ideal, com a máxima precisão possível, de modo que, teoricamente, seja possível seguir o raciocínio dos cientistas ao longo do processo de pesquisa, o que também implica que o formato dos ACs permitiria, no futuro, que outro estudioso repetisse a pesquisa reportada. (Varttala, 2001:65).²⁰

O autor considera essa postura como uma presunção e sugere:

... na verdade, os escritores podem fornecer uma explicação um tanto seletiva de suas pesquisas, modificando a ideal estrutura IMRD, em graus consideráveis, para transmitir informações de uma maneira que eles acham mais efetiva e racional. Mais do que isso, a estrutura dos AC’s pode não ser determinada somente nas bases do julgamento do autor, porque muitos periódicos onde os artigos são publicados, têm a sua própria estrutura preferencial e seu próprio processo editorial aos quais os autores precisam aderir. Por isso, talvez não seja sempre possível analisar, sem problemas, os AC’s conforme os padrões gerais do modelo IMRD e os movimentos relevantes. (Varttala, 2001:65).²¹

De fato, as convenções são negociadas nas comunidades científicas. Analisando a *Missão* e a seção de *Normas de publicação* dos periódicos dos quais coletamos os artigos de História e Sociologia, não encontramos qualquer orientação quanto à necessidade de se seguir um padrão no formato estrutural dos artigos. Mas os membros dessas comunidades disciplinares normalmente já são familiarizados com os padrões convencionais do gênero, e, ao mesmo tempo, são eles mesmos que ousam “transgredi-las”, graças à plasticidade dos gêneros, cujas características são “relativamente” estáveis, como já defendia Bakhtin

¹⁹ “these four sections may be seen as a reflection of an idealized research procedure” ...

²⁰ RAs appear to follow the ideal scientific procedure as closely and precisely as possible so that it is in theory possible to follow the scientists’ reasoning throughout the research process, which also implies that the format of RAs would later allow another scholar to replicate the research reported.

²¹ ... in fact, writers may provide rather selective accounts of their research, modifying the ideal IMRD structure to a considerable degree in order to convey information in a way that they find most effective and rational. Furthermore, the structure of RAs may not be solely determined on the basis of the author’s judgment, because the various journals in which RAs are published may often have their own structural preferences and editorial guidelines that authors must adhere to. Hence, it may not always be possible to analyze RAs with regard to the general IMRD patterns and the relevant moves unproblematically. (Varttala, 2001:65).

(2000). É oportuno ressaltar a fala de Silva (1999:22) sobre essa relação comunidade e função do gênero:

As características comuns a um grupo fazem desse grupo uma comunidade, e o conhecimento sobre essa comunidade pode ser um requisito para as pessoas aprenderem como ela funciona, como ela se comunica, que meios ela usa para isso e que tipos de funções têm esses meios.

É, portanto, nas interações da comunidade, nas situações retóricas recorrentes (Miller, 1984) que os gêneros vão se delineando, de modo heterogêneo, nos aspectos formais, contextuais e comunicativos. Conceber o artigo científico apenas no formato IMRD significa tentar encapsular o gênero em uma única forma, e essa visão não contempla as variações disciplinares dos gêneros. Vejamos, mais uma vez, o que observa Varttala (2001:66) sobre esta questão:

Porém, o que parece mais problemático para mim, ao descrever AC's conforme os padrões IMRD, é que este modelo não dá suficiente atenção à variação entre as diferentes disciplinas científicas, ainda que a existência de tal variação tenha sido sugerida em vários níveis da descrição linguística. A mim, parece que a presunção de uma homogeneidade genérica em que um certo grau de heterogeneidade provavelmente prevaleça, pode também ser um fator contribuinte para o baixo número de estudos (veja Holmes, 1997:322) que trata da variação disciplinar na estrutura do discurso do AC.²²

Assim, a força das convenções na escrita acadêmica se associa estreitamente às práticas das comunidades, como afirma Bazerman (2007:41): “cada comunidade letrada faz algumas coisas de certo jeito”. É nas relações das comunidades, que os gêneros e as práticas convencionais, são configurados, estabelecidos, e negociados.

Os nossos dados, portanto, indicam variações disciplinares na construção do gênero artigo científico de *História* e *Sociologia* a partir dos próprios títulos. Tal fato apresenta uma perfeita consonância com a concepção de gênero adotada nos pressupostos teóricos deste estudo. Nossos dados confirmam que cada comunidade disciplinar apresenta características próprias na construção do seu sistema de gêneros, de acordo à natureza do

²² *What seems most problematic to me in describing RAs according to the IMRD pattern, however, is that the model does not give sufficient attention to variation between the different scientific disciplines, although such variation has been suggested to exist at various levels of linguistic description. It seems to me that the presumption of generic homogeneity where a certain degree of heterogeneity may indeed prevail might also be a factor contributing to the low number of studies (see Holmes, 1997:322) dealing with disciplinary variation in RA discourse structure.*

conhecimento e às especificidades epistemológicas daquela disciplina. Além disso, as variações são necessárias porque as audiências e as situações retóricas também variam. E é justamente a situação retórica que dá origem às ações retóricas materializadas em nossos textos. O escritor acadêmico busca, portanto, adequar-se ao seu auditório, identificar-se com a cultura da sua disciplina e área científica, com vistas à obtenção de credibilidade e aceitação na comunidade.

CAPÍTULO III

A Prática de Citações no Artigo Científico – Formas Estruturais e Funções Retóricas

Pretendemos mostrar, neste capítulo, a contribuição das práticas de citação acadêmica para a construção do conhecimento nas disciplinas História e Sociologia, destacando as formas estruturais das citações nos artigos científicos, além de ressaltar as funções e o poder persuasivo dessas estratégias retóricas na construção da identidade disciplinar dos escritores. Seguindo a convenção adotada por Hyland (1999), faremos a referência ao citante como *escritor*, e ao cientista citado, como *autor*.

A citação acadêmica como prática social e ação retórica

A citação é uma característica central para a escrita acadêmica, para o contexto social de persuasão, e uma pesquisa, em qualquer campo teórico, ganha significância somente em relação à literatura existente (Hyland, 1999). Uma citação oferece muito mais que um nome e uma data (Paul, 2000), é uma prática que representa trocas de relações e traz uma carga de reputação do autor e periódico citados, bem como carrega as interpretações dos cientistas citantes.

Com base em alguns estudos de pesquisadores que têm investigado essa prática acadêmica, podemos destacar algumas importantes funções que a citação desempenha nos textos científicos: pode justificar argumentos e demonstrar o que é novo diante das posições já existentes; ajudar os escritores a estabelecer uma estrutura epistemológica persuasiva e social para a aceitação de seus argumentos; sinalizar a existência de um relacionamento entre os escritores, seus textos e seus leitores; confirmar a participação do escritor na comunidade científica (Gilbert, 1976, 1977; Allen, Qin e Lancaster, 1994; Hyland, 1999; Paul, 2000; Charles, 2006). As citações são também vistas como práticas intertextuais que colocam em discussão a experiência científica acumulada (Bazerman, 2007).

White (2004:107), com base em Garfield (1965), destaca algumas motivações para citar, a saber: prestar homenagem aos pioneiros; dar crédito ao trabalho relatado; identificar métodos, recursos de pesquisa e procedimentos; oferecer leituras de pesquisas anteriores; avaliar os próprios trabalhos e trabalhos de outros; criticar trabalhos prévios; substanciar alegações e alertar pesquisadores sobre a chegada de novos trabalhos. Para o autor, essas motivações implicam em agência psicológica.

A visão de citações como artifícios retóricos para persuadir leitores tem importantes implicações para as comunidades científicas, considerando que alguns autores citados podem apoiar opiniões similares àquelas do escritor, e podem ter opiniões mútuas sobre os autores e trabalhos citados (Allen, Qin e Lancaster, 1994). Em alguns casos, membros de uma comunidade podem, de forma indireta, estar associados com as afirmações apresentadas pelo autor citado. Neste sentido, Hyland (1999) assinala que a citação permite que o escritor se reúna a outros companheiros para sustentar seus argumentos. Como autoridade teórica ou metodológica, a reputação do autor citado pode ser reivindicada como suporte para o trabalho do escritor. Segundo Allen, Qin e Lancaster (1994), o único ambiente no qual uma referência pode ser persuasiva é em uma comunidade, cujos membros compartilham a opinião do escritor sobre a reputação de um cientista citado.

Paul (2000:186) argumenta que o sucesso de um artigo na comunidade científica pode ser avaliado pela publicação em um periódico de reconhecido prestígio ou pelo *status* histórico de um texto considerado como revolucionário. E as citações são importantes elementos de análise em ambos os casos. No primeiro caso, as citações são ferramentas de persuasão, no segundo caso, elas medem a aceitação comum.

A prática da citação acadêmica é, portanto, uma importante ação social e retórica realizada pelo gênero artigo científico, num ambiente de trocas e interações. Ao reconhecer um débito aos estudos precedentes, um escritor está também se mostrando fiel a uma comunidade particular, criando um espaço retórico para a sua pesquisa e estabelecendo um ethos de credibilidade.

Nesta perspectiva, procedemos à busca dessas práticas acadêmicas nos artigos de História e Sociologia, cujos resultados serão analisados à luz do referencial teórico adotado.

Dados gerais das citações empregadas nos artigos científicos

A Tabela 3 apresenta os dados gerais das citações empregadas nos artigos de História e Sociologia.

Tabela 3 – Dados gerais das citações usadas nos artigos

Disciplinas	Total/ Artigos	Total de Palavras	Média Palavras/ Artigo	Média Citações/ Artigo	Média Citações/ 1.000 Palavras	Total de Citações
<i>HISTÓRIA</i>	20	131.758	6.588	36,5	5,5	731
<i>SOCIOLOGIA</i>	20	153.992	7.700	60,1	7,8	1.203

Os dados revelam um número significativo de citações nas duas disciplinas, como também a existência de variações disciplinares quanto a sua frequência. Como podemos verificar, encontramos um número mais elevado de citações em Sociologia, tanto na média por artigo, como na média por 1.000 palavras.

Uma possível explicação para o menor número de citações nos artigos de História deve estar relacionada com o caráter peculiar da construção do conhecimento nessa disciplina, cuja estrutura de relato e de argumento se apóia bastante em citações das fontes documentais que, na maioria das vezes, se constituem em seu próprio objeto de estudo, utilizando, portanto, menos citações teóricas de trabalhos anteriores. Tal fato pode ser visto, por exemplo, em um dos artigos de História, em que o discurso de *Cícero* denominado *Pro Roscio Amerino*, constitui o *corpus* do estudo. Encontramos extensas citações²³ deste discurso distribuídas ao longo de todo o artigo [AH18]:

A *narratio* (§§ 15-34) apresenta a versão dos eventos que já comentamos em linhas gerais. Sua conclusão emocional (§§ 29b-34) inclui a primeira forma de *complexio* do discurso:

Pater occisus nefarie, domus obsessa ab inimicis, bona adempta, possessa, direpta, fili uita infesta, saepe ferro atque insidiis appetita. Quid ab his tot maleficiis sceleris abesse videtur? Tamen haec aliis nefariis cumulant atque adaugent, crimen incredibile confingunt, testis in hunc et accusatores huiusce pecunia comparant: hanc conditionam midero ferunt ut optet utrum malit cervices T. Roscio [sc. Magno] dare na insutus in culleum per summum dedecus uitam amittere. (§30).

Seu pai assassinado de maneira atroz, sua casa tomada por inimigos, suas propriedades confiscadas, atacadas e pilhadas, a vida de seu filho ameaçada, frequentemente assaltadas pela traição e pela espada – que tipo de crime pode ser cometido entre tantos outros? Eles ainda os coroam e agravam por outros atos ímpios. Inventam uma acusação inacreditável, subornando, com o próprio dinheiro de meu cliente, testemunhas e acusadores para depor contra ele, e reduzem o infeliz à alternativa de escolher se prefere oferecer o seu pescoço a Tito Róscio [sc. Magno] ou ser costurado num saco e perder sua vida pela morte mais infamante.

Nesta passagem, plena de argumento patético, vemos o próprio defensor confrontado com uma terrível aporia, em que todas as alternativas levam à morte de seu cliente. Tecnicamente, esta não é uma *complexio* verdadeira,

Outro exemplo que evidencia essa maneira peculiar de citação nos artigos de História pode ser encontrado no artigo [AH5], cujos dados se constituem de biografias de personagens ilustres publicadas na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (1839-1850):

²³ Esta modalidade de citação não foi computada em nossos dados estatísticos, uma vez que se constituem como dados do estudo e não como referências.

(...)

própria data de descobrimento do Brasil. A notícia biográfica incluía a citação de um fragmento da principal obra de Ravasco, *Descrição topographica, ecclesiastica, civil e natural do Estado do Brasil*, onde era feita menção à “descoberta desta parte da América em 3 de Maio de 1500”, ao que se adicionaria a seguinte nota explicativa:

Admira que o sabio escriptor Diogo Barboza Machado deixasse passar sem reparo um tão grande erro na sua Bibliotheca Lusitana, sacrificando talvez a verdade da historia á fidelidade de transcrever tal e qual o que se encontra no Ms. [manuscrito] de Bernardo Vieira Ravasco, do qual diz que possuia uma copia. E quem sabe se houve n'isso lapso de penna ou de um ou de outro escriptor? O certo é que o Brasil não foi descoberto no dia 3 de maio, e sim, como diz o sabio Bispo Jeronimo Ozorio, em sua obra ... e se assim foi, como se não pode duvidar, de certo enganou-se Ravasco. Cabral partiu das regiões Brasilicas para o Cabo da Boa Esperança no dia 5 de Maio; e no dia 3 d'este mez nenhuma celebridade tem na historia do descobrimento do Brasil. (Nota do Redactor da Revista).⁷³

A despeito do equívoco impresso na obra, outras sete notícias da seção aparecem como transcrições da *Bibliotheca Lusitana*, evocada no discurso inaugural do Instituto,

Este é um modo comum de citar em História e, possivelmente, justifica a menor frequência de citações teóricas nos artigos desta disciplina. Esse dado ratifica os resultados da pesquisa de Holmes (1997:328), que embora não tenha tratado especificamente das citações, mostrou que dos dez artigos de História por ele analisados, somente dois continham uma seção dedicada à contextualização teórica, porque, segundo o autor, nesta disciplina, uma longa contextualização é vista como desnecessária.

Esta modalidade de citação não é muito comum nos artigos de Sociologia. Por outro lado, os AC's de Sociologia frequentemente apresentam um grande número de citações usadas na contextualização teórica do conhecimento, sobretudo na seção introdutória do texto. Vejamos um exemplo [AS8]:

(...)

se em escopo e tornaram-se mais visíveis. Apesar da sua evolução ainda recente, pode-se afirmar que as ONGs alcançaram papel relevante como catalisadoras dos movimentos e das aspirações sociais e políticas da população brasileira.

Autores como Petras (1990) e Moller (1991) criticam as organizações não-governamentais por promoverem a “profissionalização” do exercício da cidadania e por beneficiarem-se de um processo de empobrecimento da população, que reduziria sua capacidade de agir autonomamente, sem o apoio de atores “externos” como as ONGs. Herculano (2000), por outro lado, sustenta que não se pode negar que, onde faltam bens públicos ligados à educação, à saúde, ao saneamento básico, dentre outros, os benefícios produzidos pela ação dessas organizações para as populações representam ganhos substantivos cujo valor é difícil desqualificar. A literatura sobre o tema e sobre as suas implicações sobre a cidadania já é extensa (cf., entre outros, FERNANDES, 1985; LANDIM & FERNANDES, 1988; DINIZ, 1995; AVRITZER, 1997; SERVA, 1997; LANDIM, 1998; LANDIM & BERES, 1999; REILLY, 1999; CAMARGO 2001; VIEIRA, 2001).

mam o que alguns autores caracterizam como um mercado próprio (GARRISON, 2000).

Mesmo sem se aderir a uma perspectiva neoliberal extremada, dominada pelo imperativo da redução do tamanho e das funções do Estado, é fácil constatar que nos anos recentes disseminou-se nos sistemas democráticos ou representativos de muitos países ocidentais o conceito de que a responsabilidade social não é mais um atributo exclusivo do Estado, nem da ação cívica dos indivíduos tomados um a um. Além do fenômeno da emergência das ONGs, podemos verificar em pesquisas recentes que segmentos da sociedade civil brasileira, especialmente empresas que buscam exclusivamente o lucro, estão aderindo a ou tomando a iniciativa de realizar programas de “responsabilidade social”. Seriam elas movidas por um sentimento de altruísmo? Provavelmente não, pois em uma economia globalizada essa atitude pode ser também uma estratégia capaz de ajudar as empresas a desenvolverem uma boa imagem junto aos seus consumidores, fornecedores e reguladores, implicando uma preciosa vantagem em um ambiente competitivo (COSTA, 2002).

Este estudo parte da premissa de que a socie-

É possível verificar que o autor empregou um número elevado de referências a trabalhos anteriores nesta seção do artigo, e as citações prosseguem ao longo de todo o texto. Tal prática mostrou-se um traço marcante nos artigos desta disciplina. A *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, por exemplo, apresentou uma média de 103 citações por artigo, praticamente a mesma média encontrada por Hyland (1999) em seu estudo de artigos desta disciplina, ou seja, 104 citações/artigo. A pesquisa de Holmes (1997) também aponta que, dos dez artigos de Sociologia, nove apresentaram uma seção extensiva dedicada à revisão teórica, justificando, portanto, o alto número de citações utilizadas nos artigos. Para ele, os sociólogos sentem uma maior necessidade de contextualizar, de forma mais ampla, o conhecimento disciplinar, em seus artigos.

Acreditamos, portanto, que as observações destes pesquisadores acerca das peculiaridades epistemológicas das disciplinas História e Sociologia, e a maneira como tais particularidades afetam a construção do gênero AC, podem também nos ajudar a compreender as razões para os diferenciados quantitativos de citações encontrados em nosso corpus – bem como suas diferenciadas formas.

A seguir, veremos a estrutura das citações – integrais e não-integrais - nos artigos das duas disciplinas.

Estrutura das citações – integrais e não-integrais

Swales (1990:149) declara que as estruturas das citações podem ser *integrais* e *não-integrais*, e essa distinção pode ser facilmente realizada, pois depende meramente da menção do autor citado, que pode tornar-se um elemento da sentença ou não. White (2004), com base em Swales (1990), afirma que o critério adotado para decidir se uma citação é integral ou não, é explicitamente sintático. A citação integral é parte sintática de uma sentença – e o nome do autor citado pode funcionar sintaticamente como **sujeito da oração**, como no exemplo: (23) *Maria Luiza Marcilio já havia chamado a atenção para a dificuldade ...* [AH11]; ou como **autor não-sujeito**, como no exemplo: (24) *Retomando o que foi posto por Bourdieu (1999), aqui se compreende...* [AS13].

Por seu turno, as citações não-integrais são feitas por meio do uso do **sistema autor-data**, como no exemplo (25) *Ora, independentemente da validade histórica do contínuo dos direitos de cidadania, aliás discutida na literatura (Turner, 1993)* [AS1]; ou por **sistema de numeração**, como no exemplo: (26) *A complexio, então, é uma forma de se apresentarem argumentos irrefutáveis, geralmente contra o acusador ou uma testemunha, demonstrando a falta de consistência de suas declarações*²⁴. [AH18]. Neste caso, a numeração é retomada, com a nota bibliográfica, que pode vir acompanhada ou não de notas explicativas.

Com base nos critérios adotados por esses autores, vejamos as formas estruturais de citação nas duas disciplinas:

Tabela 4 – Estruturas de citação nos artigos – integrais²⁴ e não-integrais

Disciplinas	Total/ Artigos	Total geral de citações	Citações integrais		Citações não-integrais	
			Qtde.	%	Qtde.	%
HISTÓRIA	20	731	281	38,4	450	61,6
SOCIOLOGIA	20	1203	472	39,2	731	60,8

Conforme aponta a Tabela 4, as citações *não-integrais* prevalecem nas duas disciplinas, com uma frequência bastante aproximada, se considerarmos os números percentuais. Os nossos dados se mostram muito próximos daqueles encontrados no estudo de Hyland (1999), a saber, uma frequência de 64,6% de citações integrais e 35,4% de citações não-integrais, em artigos de Sociologia.

²⁴ Para o levantamento do total de citações integrais nos artigos das duas disciplinas, foram também consideradas as formas de referência aos autores pelos mecanismos de anáforas nominais e pronominais.

A estrutura da citação é o resultado de uma escolha retórica do escritor: a citação integral pode trazer maior ênfase ao autor citado, enquanto que a escolha pela forma não-integral, normalmente, enfatiza mais a mensagem (Hyland, 1999; Thompson & Tribble (2001).

Entretanto, como o gênero é uma ação retórica socialmente construída (Miller, 1984), o emprego das formas de citação integrais ou não-integrais – assim como outras escolhas lingüísticas - sofre também influências das convenções da comunidade científica ao qual o escritor está inserido. Tais escolhas são afetadas pelo relacionamento entre o argumento do escritor e sua comunidade, tendo em vista que ele deseja persuadir o seu auditório por meio de um ethos de pertencimento a uma determinada comunidade acadêmica. Conforme pontua Mainguenu (2008a:15):

A persuasão não se cria se o auditório não puder ver no orador um homem que tem o mesmo ethos que ele: persuadir consistirá em fazer passar pelo discurso um ethos característico do auditório, para lhe dar a impressão de que é um dos seus que ali está.

Assim, a preferência pela forma não-integral de citação, nas duas disciplinas, certamente deve estar relacionada com uma necessidade do escritor em identificar-se com o seu auditório, visando obter a adesão deste às suas proposições. Segundo Gilbert (1976), a escrita acadêmica somente obtém um efeito persuasivo quando o escritor identifica corretamente as opiniões de sua audiência. Em nossos dados, tanto em *História* quanto em *Sociologia*, somente em um dos periódicos prevalece a forma integral de citação²⁵.

Como já dito, as citações não-integrais também podem ser feitas pelo *sistema autor-data*, porém, em nossos artigos, o *sistema numérico* prevalece nas duas disciplinas, mas, de maneira quase absoluta em História, conforme mostra a Tabela 5:

Tabela 5 – Citações não-integrais – sistema autor-data e sistema numérico

Disciplinas	Total/ Artigos	Citações não-integrais			
		Sistema autor-data		Sistema numérico/notas	
		Qtde.	%	Qtde.	%
HISTÓRIA	20	2	0,44	448	99,56
SOCIOLOGIA	20	323	44,2	408	55,8

Em Sociologia, a modalidade *autor/data* é bastante expressiva, mas o *sistema numérico* nas citações não-integrais ainda é predominante. Nos artigos de História, registramos apenas duas ocorrências da forma de citação não-integral *autor/data*. Nessa

²⁵ Cf. Tabelas 17 e 18 - Anexo II desta Dissertação.

disciplina, praticamente, 100% das citações não-integrais ocorrem na forma do *sistema numérico*, com notas de rodapé ou notas apresentadas no final dos textos (mais usual).

Esses dados se explicam, em parte, pelas convenções adotadas nos periódicos dos quais coletamos os artigos para a nossa análise. Em História, todos os periódicos (quatro) recomendam, na seção de *Normas* e instruções aos escritores, o uso do *sistema numérico* de notas de referências bibliográficas (e explicativas), no final do texto, ou no rodapé. Na *Revista Brasileira de História*, por exemplo, encontramos a seguinte orientação - seção ***Normas para a apresentação de colaborações***, item 8: “As notas devem ser colocadas no final do texto, não ultrapassando o número de 30. Serão admitidas notas explicativas, desde que imprescindíveis e limitadas ao menor número possível. A revista não publica bibliografia.” E, como vimos, as citações não-integrais nos artigos de História, com exceção de duas ocorrências, seguiram rigorosamente a convenção do sistema numérico, com notas de rodapé ou colocadas no final do texto..

Já em Sociologia, todos os periódicos recomendam o *sistema autor/data* para as referências feitas ao longo do texto. A *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, por exemplo, fornece orientações claras neste sentido, conforme podemos conferir na seção de ***Normas para apresentação das colaborações*** – segundo item: “As menções a autores, no correr do texto, seguem a forma – (Autor, data) ou (Autor, data, página), como nos exemplos: (Jaguaribe, 1962) ou (Jaguaribe, 1962, p. 35); Colocar como notas de rodapé apenas informações complementares e de natureza substantiva, sem ultrapassar 3 linhas; A bibliografia entra no final do artigo, em ordem alfabética”.

Lembramos que os quatro periódicos de Sociologia trazem uma recomendação clara quanto à adoção do *sistema autor-data* nas citações feitas no corpo textual do artigo. Entretanto, os dados apontam (cf. Tabela 5) que, nessa disciplina, 55,8% das citações não-integrais foram realizadas pelo *sistema numérico*. Isto nos leva a concluir que, nessa comunidade científica, as normas estabelecidas pelo periódico não são seguidas de modo tão rígido, embora, na maioria das vezes, haja uma advertência de não publicar o artigo, caso tais normas não sejam seguidas. No periódico *Tempo Social*, essa “transgressão” das normas chega a ser surpreendente, pois o índice do sistema de citação autor-data é de apenas 53 ocorrências (32,7%), enquanto que as citações não-integrais, sistema numérico registram 109 ocorrências, um índice de 67,3%.

Essa constatação reforça o argumento de que as convenções são negociadas, e as situações retóricas são diversificadas. O escritor acadêmico, como já acentuamos, pode dar

maior destaque ao autor citado ou à mensagem. Ademais, de acordo com Hyland (1999:355), o predomínio das citações não-integrais na escrita acadêmica – sobretudo as referências com *sistema numérico* - se relaciona à tradição da epistemologia positivista que, segundo ele, busca suprimir a agência humana na construção do conhecimento, posto que o nome do autor citado não aparece no corpo textual.

Algumas ocorrências de **citações não-integrais** em nosso *corpus*.

História:

(27) ... ‘promessa de felicidade’ que durava na exata medida da própria experiência da canção¹¹. [AH1].

Notas (final do artigo):

¹¹Aspecto notado no texto seminal de GALVÃO, W. MPB: uma análise ideológica. IN: *Saco de gatos*. São Paulo: Duas cidades, 1976. [AH1].

As citações não-integrais nos artigos de *História* apresentam aspectos bastante específicos - incomuns em outras áreas do conhecimento, como em Linguística, por exemplo – pois há ocorrências em que a referência numérica presente no corpo textual, ao ser resgatada na seção de *Notas*, ao invés de apresentar apenas o nome do autor/data e outros dados bibliográficos, são recheadas de explicações, comentários e até citações diretas, como vemos nos exemplos abaixo:

(28) ... momento em que a luta de classes no Brasil alcançou um de seus momentos mais intensos, dinâmicos e significativos³. [AH7].

Notas

³Para o historiador Jacob Gorender, o período ‘marca o ponto mais alto das lutas dos trabalhadores brasileiros’ no século XX. Para ele, ‘nos primeiros meses de 1964, esboçou-se uma situação pré-revolucionária e o golpe direitista se definiu, por isso mesmo, pelo caráter contra-revolucionário preventivo’. *Combate nas trevas. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*, 2ª. Ed. São Paulo: Ática, 1987, p. 66-7. [AH7].

O próximo exemplo aparece no rodapé da página, por isto resolvemos reproduzi-lo de forma escaneada para permitir uma melhor visualização. Observe a nota número 12, em que a autora faz uma espécie de ‘metacitação’ [AH16]:

(29)

segmentos distintos, no decorrer da própria modernização. A nova retórica estaria centrada tanto na construção da identidade de “empresários rurais”, quanto em sua identificação a uma imagem associada à “eficiência” e à “modernidade”.¹² A autora ainda focaliza como os grandes proprietários e empresários rurais continuaram a impregnar a sociedade, a cultura e a política de uma visão de mundo e idéias-força próprias, consolidando-se como porta-vozes

¹⁰ Em particular, pelo fato de a “modernização” acirrar o processo de dissociação entre “proprietários rurais” e donos de terras, suscitado pela valorização fundiária, ou mesmo por promover o crescimento do arrendamento capitalista no centro-sul em ramos integrados aos Complexos Agroindustriais (CAIs), o que igualmente acentuou a segmentação entre as figuras do proprietário rural e do “produtor rural moderno”. Tudo isto sem mencionar a crescente especialização da produção agrícola, enquanto tendência geral.

¹¹ Surgida em finais da década de 1970, a OCB passaria a representar as grandes associações cooperativas empresariais, uni ou multiprodutos. Neste aspecto, distanciava-se da SNA, que congregava, sobretudo, dirigentes de cooperativas pequenas e médias, pouco envolvidas no processo de caicização.

¹² Como coloca a autora, “O que se observa é uma trama complexa de contradições entre os diferentes setores, frações, grupos e classes dominantes, onde a luta competitiva pela tecnologia, pela repartição da mais-valia e da renda fundiária, o confronto entre os interesses e as acusações mútuas são particularmente intensos, em especial nos momentos de crise”. Regina Bruno, *Senhores...*, *op. cit.*, p. 8.

Esta é uma forma peculiar de fazer citações, certamente uma prática convencional na comunidade científica da escritora. Em Sociologia, também encontramos algumas particularidades semelhantes às encontradas nos artigos de História, mas com menor frequência, posto que nesta disciplina as citações não-integrais utilizam também o sistema autor-data.

Sociologia

(30) Tratava-se de uma solução de compromisso (LAFER, 1970) [AS19].

(31) ... os trabalhos de filosofia política seriam elaborados como *atos de fala* (cf. Austin, 1962). [AS3].

(32) Trata-se de uma tendência de alcances amplos³. [AS4].

Notas

³ Entre outros casos, ver o local Government Code nas Filipinas, a Ley de Participación Popular na Bolívia e o *New Localism* na Inglaterra (Gaventa, 2004); a Ley de Participación Ciudadana na Cidade do México (Zemeño, 2003; Sánchez-Mejorada e Álvarez, 2002); as Emendas Constitucionais 73 e 74 na Índia – especialmente a conhecida *People's planning campaign* no estado sulista de Kerala (Chaudhri e Heller, 2002). Para uma revisão de diferentes reformas de cessão de poder a unidades locais de participação na América Latina, ver Grindle (1999) [AS4].

Verificamos, no exemplo (32), que a nota 3 traz várias citações não-integrais. É comum também, a presença de notas bibliográficas com longas explicações e comentários. Em História, como as citações não-integrais se constituem em quase 100% de notas de referência, exemplos como estes são ainda mais comuns.

Embora as citações não-integrais predominem fortemente nos artigos das duas disciplinas, não podemos negligenciar a importância das *citações integrais*, apesar da sua menor frequência. Essa modalidade de citação também pode ser realizada de diversas formas, e tais escolhas têm grandes implicações retóricas, como por exemplo, a opção pela *posição sintática* do nome do autor citado: *sujeito* ou *não-sujeito* da oração, além dos *verbos de elocução*, usados para introduzir as citações.

Citações integrais – posição sintática do autor citado

A posição sintática do nome do autor na *citação integral* pode gerar menor ou maior impacto persuasivo (Hyland, 1999). Como já assinalado, nessa modalidade de citação, o autor citado pode figurar na posição sintática de sujeito ou não-sujeito da oração. Observemos o que dizem os nossos dados sobre tais escolhas retóricas nas citações integrais:

Tabela 6 – Posição sintática do autor nas citações integrais

Disciplinas	CITAÇÕES INTEGRAIS				Total geral de citações integrais
	Autor/sujeito		Autor/não-sujeito		
	Qtde.	%	Qtde.	%	
HISTÓRIA	166	59,1	115	40,9	281
SOCIOLOGIA	211	44,7	261	55,3	472

A Tabela 6 aponta o predomínio da posição sintática de *autor-sujeito* nas citações integrais dos artigos de *História*, embora também apresente uma frequência significativa nos artigos de *Sociologia*. Isto evidencia, portanto, mais uma forma de variação das convenções disciplinares.

Alguns exemplos de **citações integrais, autor-sujeito** nas duas disciplinas:

História

(33) **José Honório Rodrigues observou** que rebelião ou revolta referia-se a movimentos armados ...[AH6].

(34) **Lúcia Maria Paschoal Guimarães identificou** 167 biografias e necrológicos... [AH5].

(35) ...como **aponta Eduardo Viveiros de Castro** ... [AH20].

(36) **Joseli Maria Silva discute** a proposta teórica de Gillian Rose, trazendo para o debate... [AH14]

Sociologia

(37) **Maria Sylvia de Carvalho Franco caracteriza** as relações entre autoridade oficial e influência pessoal ... [AS1].

(38) **Bourdieu apontava** que o *par Parsons-Lazarsfeld (e entre os dois, Merton e suas teorias de médio alcance) constitui uma espécie de holding “científico”*... [AS15].

(39) **Daniel Pécaut observou** que se deve ‘evitar caricaturar o passado’... [AS18].

(40) **Bourdieu**, embora **considerasse** o campo científico um lugar de disputa ..., não deixava de **considerar** sua relação com outros campos sociais [AS12].

(41) Em outro momento, **Bourdieu (2000a) chegou a incluir** a mídia dentro do campo político ... [AS6]

Como já ressaltado, a estrutura integral de citação coloca mais em relevo o nome do autor do que os conceitos temáticos de um trabalho. Mas a citação integral que traz o autor como sujeito da oração denota maior força argumentativa, tendo em vista que, certamente o cientista citado já conquistou um elevado nível de credibilidade, respeito e autoridade teórica em sua comunidade. Notamos, por exemplo, nos artigos de Sociologia, que o nome do sociólogo *Bourdieu* é mais citado na forma integral, com grandes ocorrências na posição sintática de sujeito, e, como sabemos, este é um nome bastante consagrado na comunidade científica das ciências sociais.

O estudo de Pickard (1995:94) acrescenta que os escritores experientes tendem a preferir a citação integral, com posição sintática de autor-sujeito, e este, possivelmente, deve gozar de grande prestígio acadêmico. Paul (2000:199) argumenta que as citações que usam o nome dos autores como sujeito das orações, acrescentam *ethos*, sem requerer esforço extra do leitor para ir à seção de referência. Neste sentido, observamos um detalhe que chamou-nos a atenção nos artigos das duas disciplinas - sobretudo em História – trata-se do emprego de um recurso não muito usual na escrita acadêmica, isto é, a apresentação do *nome completo do autor* – conforme os exemplos mostrados - em lugar da forma mais usual – em Linguística, por exemplo: sobrenome e data. Acreditamos que essa estratégia deve ser uma forma convencional de demonstrar reconhecimento científico e respeito ao

trabalho e ao autor citados, nessas comunidades disciplinares. Esta é, a nosso ver, uma estratégia de grande poder persuasivo, pois o nome citado seguramente representa uma imagem de credibilidade já construída e reconhecida na comunidade científica. Assim, ao citar o nome completo, o escritor se associa à imagem do outro para construir a sua própria imagem.

Segundo Paul (2000), a nomeação favorece um sentido de comunidade e indica que o autor acredita que os leitores irão reconhecer o autor citado como um nome de valor. É uma forma de invocar a autoridade acadêmica, e *chamar o nome* já consagrado significa também uma forma de *identificar-se* às posturas teórico-metodológicas daquele autor, membro da comunidade científica, e assim, demonstrar um ethos de respeito e credibilidade.

Por outro lado, não salientar *nomes* é um reflexo de que a comunidade científica prefere enfatizar mais os conceitos e teorias do que os indivíduos. Há, portanto, um conjunto de recursos retóricos disponíveis ao escritor acadêmico, cujo emprego e convenções são negociados na comunidade disciplinar e varia de acordo às situações e audiências. Verificamos, por exemplo, através da Tabela 6, que, ao contrário do que ocorre em História, a forma *integral* de citação, com posição sintática de *autor não-sujeito* prevalece nos artigos de Sociologia. Nessa forma de citar, embora o nome do autor apareça no texto, não recebe muito destaque, a ênfase aqui recai mais nos conceitos e teorias.

A estrutura de *citação integral/autor não-sujeito* pode ser feita de três formas – primeiramente, por meio da forma *passiva* do verbo, ou ainda sem a presença do verbo de elocução, por meio de um processo denominado por Marcuschi (2007:148) de *construções adverbais e nominalizações*. A modalidade *construção adverbial*, para o autor: “introduz um discurso literalmente ou parafraseado” e as formas mais frequentes são: *segundo fulano, na opinião de..., para fulano, a seu ver..., de acordo com...*, etc. Já o processo de *nominalização* consiste, segundo ele, em nominalizar verbos. E, finalmente, a *citação integral autor não-sujeito* pode ainda ser estruturada de forma que, em lugar do autor, o sujeito da oração é a atividade de pesquisa, o estudo ou procedimento, como será exemplificado abaixo.

Exemplos de **citações integrais – autor não-sujeito**, dos artigos das duas disciplinas.

a) Construções adverbiais

História

(42) Era, **segundo Hannah Arendt**, pode-se dizer, a própria concretização de sonhos utópicos realizados. [AH2]

(43) A resistência na forma de poema, **para Bosi**, apresentava... [AH1]

(44) Conforme **Brito Broca**, este tipo de postura vinha, muitas vezes, dos próprios literatos... [AH17]

Sociologia

(45) **Para Jannuzzi** (2002, p. 70), o processo de planejamento no contexto de uma sociedade democrática ... [AS8]

(46) Essas novas tendências se vinculam, **segundo Gibbons** e seus colaboradores... [AS12]

(47) As diversas interpretações elaboradas a respeito da televisão são, nos **termos de Bourdieu (1998)**, disputas pelo poder de impor uma visão do mundo social... [AS19]

b) Nominalização de verbos

História

(48) Na **avaliação** do historiador norte-americano **Frederick Pike** ... [AH8]

(49) Neste sentido, a seguinte **formulação** de **Florestan Fernandes** é aqui plenamente endossada... [AH7]

(50) ... formando uma *teia de significados*, tomando emprestada a **definição** de cultura **em Geertz**. [AH19].

Sociologia

(51) Creio que a **contribuição** de **Abram de Swaan** (2001a) é relevante. [AS2]

(52) Seguindo os **ensinamentos** de **Montesquieu** (1992)... [AS9]

(53) Nesse aspecto, talvez valha a pena incorporar **ensinamentos de Pierra Bourdieu** (1996:201) [AS18].

(54) O campo político é, segundo a **definição de Bourdieu** (1986, p. 164), ... [AS6].

c) Estrutura verbal passiva

História

(55) A crítica literária, em Romero, teve um caráter instrumental bem **salientado por Vilhena** [AH12].

(56) Uma relação semelhante é **descrita por Gonçalves**, acerca do patrimônio... [AH19].

(57) Chico, dessa maneira, adensava a “rede de recados” contra a ditadura, tal como foi **sugerida por José Miguel Wisnik**.

Sociologia

(58) Limitar-me-ei a admitir alguns dados **apresentados por Murilo de Carvalho** [AS1].

(59) Retomando o que **foi posto por Bourdieu** (1999), aqui se compreende ... [AS8].

(60) Embora a dimensão subjetiva da representação tenha sido automaticamente desvalorizada no campo das teorias da democracia, **como apontado por Sartori**... [AS4]

d) O trabalho citado como sujeito da oração

História

(61) Embora concordemos que existe uma centralização de poderes nas mãos do Estado no período, entendemos que isto não significa aceitar a idéia de que ele paire sobre a sociedade ..., como **sugere o trabalho de Iyda**⁷. ... [AH13].

(62) O número crescente de representações do malandro trajando camisa listrada parece ser proporcional à sua valorização, como **sugere o estudo clássico de Cecília Meireles** [AH19].

Sociologia

(63) Como **revela o último estudo de Sidney Verba** e de sua equipe sobre ‘as raízes privadas da ação pública’ ... [AS1].

(64) **O conceito de “capital” é crucial** na Sociologia de **Bourdieu**, que o estende para muito além seu sentido econômico restrito. [AS6].

Nestes exemplos, os nomes dos autores, embora citados na modalidade integral, não recebem o maior relevo, antes, os escritores optaram pela ênfase nos trabalhos, nas

idéias e/ou conceitos defendidos pelos autores, e em suas contribuições para a construção do conhecimento na comunidade disciplinar. Ao optarem pelas formas adverbiais ou verbos nominalizados, os escritores, ao introduzirem a opinião de outros “assumem a posição de devolver a responsabilidade do dito ao próprio autor da opinião” (Marcuschi, 2007:148). É também uma forma de preservar a imagem do escritor acadêmico, de atenuar o comprometimento teórico, pois a responsabilidade do dito é transferida para o autor citado.

Em alguns casos, como se percebe no exemplo (61), a citação é feita até mesmo para contestar uma conclusão do trabalho do autor. Mas isto é feito de maneira bastante sutil, a crítica é atenuada pelo verbo *sugere*. Portanto, fatores diferenciados podem motivar a forma de citação, incluindo o propósito do escritor, conforme destaca Thompson e Tribble (2001:99): “Os tipos de trabalhos de pesquisa empreendidos, as bases epistemológicas sobre as quais a pesquisa é fundada, as convenções da disciplina, e os propósitos para os quais os textos são criados podem influenciar as formas de realizar as citações”²⁶. Temos mostrado aqui que esse conjunto de fatores afeta não somente as formas de citação, mas a construção do gênero AC como um todo.

Como já evidenciado, a *citação integral autor não-sujeito* pode fazer uso do verbo ou não, mas este, quando empregado nessa modalidade de citação, se apresenta de forma mais usual na *estrutura passiva*. No entanto, a *citação integral/autor-sujeito* da oração apresenta-se sempre estruturada com um *verbo* na *voz ativa*. Esses verbos, sempre atrelados de algum modo às citações integrais, desempenham importantes funções retóricas na escrita acadêmica. Por essa razão, nos deteremos mais acuradamente na análise dos verbos de elocução encontrados em nosso *corpus*.

Os verbos de elocução nas citações integrais

Os verbos de elocução, também denominados verbos *dicendi*, têm como principal função “indicar o interlocutor que está com a palavra” (Garcia, 1981:133). Para Neves (2000:48) os verbos *dicendi* (ou de dizer) são aqueles de elocução propriamente dita.

Marcuschi (2007:146) analisa a ação dos verbos introdutores de opinião em textos jornalísticos, mas acreditamos que as suas considerações sobre esses verbos também são válidas para as citações em gêneros acadêmicos. Em seu estudo, o autor parte da premissa

²⁶ *The types of research work undertaken, the epistemological bases upon which this research is founded, the conventions of the discipline, and the purposes for which texts are created all influence the form of citation made.*

de que ao apresentar ou citar o pensamento de alguém, além de fornecer informações, faz-se também uma tomada de posição diante do exposto. Esses verbos são recursos fundamentais nas citações integrais - diretas ou parafraseadas – pois apresentam um grande potencial semântico, e, por essa razão, evidenciam interpretações, posicionamentos e avaliações do escritor em relação aos autores e trabalhos citados.

Segundo Mainguenu (2001:150), “a escolha do verbo introdutor é bastante significativa, pois condiciona a interpretação, dando um certo direcionamento ao discurso citado”. A análise dos verbos de elocução é, portanto, uma questão central na escrita acadêmica, porque tais recursos lingüísticos não servem meramente para apresentar um pensamento ou um nome, mas direcionam e possibilitam a construção de sentidos diferenciados.

Primeiramente, mostraremos os dados quantitativos dos verbos de elocução nas citações integrais realizadas nos artigos das duas disciplinas, conforme a Tabela 7²⁷:

Tabela 7- Verbos de elocução nas citações integrais – autor sujeito e não-sujeito²⁸

Disciplinas	Total de citações integrais	Verbos +autor-sujeito		Verbos +autor não-sujeito		Total de verbos		Média/ Artigo
		Qtde.	% cit. integrais	Qtde.	% cit. integrais	Qtde.	% cit. integrais	
HISTÓRIA	281	166	59,1	33	11,7	199	70,8	9,95
SOCIOLOGIA	472	211	44,7	63	13,3	274	58,1	13,7

Registramos variações na frequência dos verbos usados nas citações do AC, nas duas disciplinas, conforme a Tabela 7. Lembramos que nem todas as citações integrais são feitas mediante o verbo de elocução. Ao considerarmos a média de *verbos por artigo*, encontramos uma média maior em Sociologia. Entretanto, se considerarmos a proporção de *verbos pelo total de citações integrais*, a média maior recai sobre os artigos História. Isso se deve ao fato de que, embora encontremos um maior número de citações integrais em Sociologia, em História, **59,1%** das citações integrais apresentam o autor como sujeito

²⁷ No Anexo II desta Dissertação, mostramos também essas ocorrências por periódicos, nas duas disciplinas (Tabelas 19 e 20).

²⁸ Lembramos que os conceitos de *autor-sujeito* e *autor não-sujeito* já foram discutidos no item *Citações integrais – posição sintática do autor citado*.

da oração, enquanto que, em Sociologia, este índice é de **44,7%**. Conseqüentemente, o índice de verbos *dicendi* empregados na *voz ativa* – forma predominante na estrutura autor-sujeito - é um pouco maior em História. Verificamos que a frequência dos *verbos na estrutura passiva* (estrutura autor/não-sujeito) é bastante inexpressiva nas duas disciplinas, principalmente em História.

Constatamos que os verbos *dicendi* são empregados, nas duas disciplinas, preferencialmente, na posição sintática autor/sujeito. Essa escolha, como já sublinhado, salienta mais o nome do autor citado. O autor e seu discurso são introduzidos no trabalho do escritor por meio do verbo, que possui força semântica e argumentativa, visto que pode revelar posturas do escritor em relação às idéias, pensamentos e colocações do autor, além de evidenciar julgamentos quanto à reputação acadêmica daquele autor e de sua pesquisa.

A Tabela 8 mostra os verbos mais frequentes nas citações integrais dos artigos do nosso corpus:

Tabela 8– Verbos *dicendi* mais frequentes nas citações integrais (até 3 ocorrências)

HISTÓRIA			SOCIOLOGIA		
Verbos	Total	% Total	Verbos	Total	% Total
DIZER	18	9,2	AFIRMAR	19	7,2
AFIRMAR	13	6,6	PROPOR	16	6,1
APONTAR	09	4,6	CHAMAR	14	5,3
ARGUMENTAR	07	3,6	DIZER	13	4,9
MOSTRAR	06	3,1	APONTAR	12	4,5
ACENTUAR	05	2,6	OBSERVAR	11	4,2
CHAMAR	05	2,6	ANALISAR	8	3,1
ENTENDER	05	2,6	DESENVOLVER	7	2,6
ESCREVER	05	2,6	DESCREVER	5	1,9
OBSERVAR	05	2,6	SUGERIR	5	1,9
RESSALTAR	05	2,6	CONSIDERAR	4	1,5
SALIENTAR	05	2,6	ELABORAR	4	1,5
SUGERIR	05	2,6	FORMULAR	4	1,5
DEMONSTRAR	04	2,1	RECONHECER	4	1,5
DESCREVER	04	2,1	RESSALTAR	4	1,5
DESTACAR	04	2,1	APRESENTAR	3	1,2
ESTABELEECER	04	2,1	ARGUMENTAR	3	1,2
IDENTIFICAR	04	2,1	ASSINALAR	3	1,2
APRESENTAR	03	1,6	CARACTERIZAR	3	1,2
ASSINALAR	03	1,6	DISCUTIR	3	1,2
CONSIDERAR	03	1,6	DAR	3	1,2
DEFINIR	03	1,6	ESCREVER	3	1,2
LEMBRAR	03	1,6	ESTABELEECER	3	1,2
PROPOR	03	1,6	FAZER	3	1,2
-	-	-	NOMEAR	3	1,2
-	-	-	TER	3	1,2

Como pode ser verificado, alguns verbos foram empregados de maneira significativa nas citações dos AC's de História e Sociologia, a exemplo dos verbos

afirmar, dizer, apontar, entre outros. Porém, percebemos algumas singularidades quanto aos níveis de ocorrências de outros verbos entre os artigos das duas disciplinas. O verbo *analisar*, por exemplo, foi empregado 8 vezes nos AC's de Sociologia, e somente uma vez nos artigos de História. Já o verbo *mostrar* teve uma frequência acentuada em História, sendo empregado apenas uma vez em Sociologia. O verbo *propor* aparece em segundo lugar na frequência dos artigos de Sociologia, enquanto que, em História, registra apenas três ocorrências. Os verbos *elaborar* e *formular* não aparecem nos artigos de História, mas foram usados em Sociologia, tendo quatro ocorrências.

Acreditamos que esses dados podem sinalizar algum traço característico do processo de pesquisa nessas disciplinas, a frequência e o modo pelo qual esses verbos foram empregados nas citações dos artigos podem traduzir elementos da cultura epistêmica disciplinar. Assim, no intuito de melhor elucidar essas particularidades e o potencial semântico e persuasivo dos verbos de elocução encontrados em nosso *corpus*, adotamos a categorização sugerida por Hyland (1999:349-350), com algumas adaptações. De acordo com o autor, os verbos de elocução (*reporting verbs*) podem se subdividir em *Categorias denotativas* (conforme a atividade a que se referem), e *Categorias avaliativas*.

Categorias denotativas dos verbos de elocução

As categorias denotativas dos verbos de elocução distinguem três processos (Hyland, 1999):

1. *Atos de pesquisa* – se relacionam mais à metodologia e aos resultados da pesquisa, são usados para relatar os *achados* (*observar, descobrir, notar, notificar*, além de outros.) ou *procedimentos* (*analisar, calcular, examinar, ensaiar, explorar, estabelecer* e outros similares);

2. *Atos de Cognição* – referentes aos processos mentais (*acreditar, pensar, conceituar, considerar, ponderar, ver, entender, teorizar*, etc.);

3. *Atos de discurso*: são os verbos que envolvem a expressão verbal do escritor, tais como: *escrever, declarar, dizer, expor, afirmar*, entre outros.

Todavia, considerando que os verbos indicadores de *atos discursivos* podem expressar distintos conteúdos semânticos, achamos por bem adaptar a proposta de Hyland e subdividir a categoria de *Atos de discurso*, em duas outras, a saber: a) *verbos indicadores de afirmação*; e b) *verbos indicadores da força do argumento*, termos empregados por Marcuschi (2007:163-164).

Para proceder à classificação das categorias denotativas dos verbos empregados nas citações, tomamos por base as atividades às quais eles se relacionam (*achados e procedimentos, processos mentais e expressão verbal*). O contexto discursivo, portanto, é fundamental nesse processo e, assim, pode acontecer de um mesmo verbo figurar em categorias distintas tendo em vista a expressão de sentidos diferenciados.

A frequência das categorias denotativas dos verbos de elocução podem ser visualizadas pela Tabela 9:

Tabela 9 – Categorias denotativas dos verbos de elocução:

Disciplinas	Atos de Pesquisa		Atos de Cognição		Atos de Discurso			
					V. indicadores de afirmação		V. indicadores de argumento	
	verbos	%	Verbos	%	verbos	%	verbos	%
História	<i>identificar demonstrar encontrar concluir mostrar ...</i> (27 ocor.)	13,5	<i>entender definir ponderar considerar etc.</i> (21 ocor.)	10,5	<i>dizer afirmar escrever descrever etc.</i> (96 ocor)	48,2	<i>argumentar ressaltar salientar destacar assinalar acentuar etc</i> (55 ocor.)	27,6
Sociologia	<i>analisar desenvolver concluir tratar apontar estudar...</i> (72 ocor.)	26,3	<i>pensar considerar entender acreditar ...</i> (34 ocor.)	12,4	<i>Afirmar dizer escrever nomear ...</i> (114 ocor.)	41,6	<i>argumentar assinalar propor defender...</i> (54 ocor.)	19,7

Os verbos indicadores de *Atos de Discurso* prevalecem nas duas disciplinas, com um índice ainda maior em História. Dentre esses, os verbos indicadores de *afirmação* abrangem a grande maioria, nas duas disciplinas, com especial destaque para os verbos *dizer* e *afirmar* (Tabela 8). A proeminência dos verbos da área semântica *de dizer* parece ser uma tendência geral na prática das citações acadêmicas. Em alguns casos, a alta frequência desses verbos pode estar relacionada com a pouca experiência do escritor no domínio dos gêneros acadêmicos. Este fato foi constatado na pesquisa de Pickard (1995), que aponta o excessivo uso do verbo *say* nas citações acadêmicas de falantes não-nativos de inglês. Os estudos de Dionisio (2001:243) e Ribeiro (2002) também constataram a presença dos verbos *afirmar* e *dizer* como os mais frequentes nas citações feitas em textos acadêmicos de alunos-autores. De acordo com Pickard (1995:89) “O excessivo uso do verbo *dizer* é, não somente um sintoma de pobreza de vocabulário, como também é parte

de um grave problema relacionado à falta de entendimento das exigências da escrita acadêmica, especialmente quando se trata do reconhecimento das fontes”.²⁹ Entretanto, para Marcuschi (2007:164), a elevada frequência do verbo *dizer* (e seus correlatos) nas citações pode ser explicada pela polivalência semântica que esse verbo expressa: “Este é considerado como um ‘coringa’, uma espécie de vale-tudo, pois aparece em todas as funções e não tem função específica”. Obviamente, essas considerações a respeito do verbo *dizer* podem não ser aplicadas ao verbo *say*, da língua inglesa.

Mas, em língua portuguesa, o verbo *dizer* – como também os demais - pode assumir diferentes acepções, as quais só podem ser melhor visualizadas no contexto discursivo. Por essa razão, vamos verificar os possíveis sentidos construídos por alguns verbos denotadores de *Atos de Discurso*, tendo em vista que eles representam mais da metade do total dos verbos empregados nas citações do nosso *corpus*, nas duas disciplinas.

Verbos denotadores de *Atos de Discurso* – indicando *afirmação*:

Veremos, em primeiro lugar, algumas ocorrências dos verbos *dizer* e *afirmar*, devido à alta frequência desses verbos nas citações dos artigos:

História

(65) Os missionários que exerceram seu ministério no México desenvolveram uma reflexão acerca do pecado da embriaguês que, provavelmente influenciou de alguma forma a mentalidade dos jesuítas no Brasil, embora esse seja um fato de difícil análise, até mesmo por conta do caráter relativamente iliterato da colonização portuguesa, como **bem disse Sérgio Buarque de Holanda**. [AH20].

(66) Memória que era permanentemente atualizada nos discursos dos grandes guerreiros ... durante os rituais do sacrifício canibal e, notadamente, durante as cauinagens, “a suma festa deste gentio”, como **disse Jácome Monteiro**... [AH20].

(67) **Dizia Prado**: “O espírito americano é um espírito de violência; o espírito latino transmitido aos brasileiros, mais ou menos deturpado através dos séculos ...” [AH2].

(68) **Eduardo Prado era taxativo ao afirmar** que teríamos muitas “razões para detestar essa Constituição exótica [a republicana], copiada de uma raça estranha [a norte-americana], sem raízes, nem antecedentes históricos entre nós...” [AH2].

²⁹ *The overuse of ‘say’ is not only symptomatic of lack of vocabulary, but is part of a much larger problem related to understanding the requirements of academic writing especially when acknowledging sources.*

Sociologia

(69) **Bourdieu**, em sua crítica ao estruturalismo lingüístico, **dizia** que ‘escutar é crer’... [AS2].

(70) É o caso de **Kachru**, ferrenho opositor à idéia da existência de um padrão britânico ou norte-americano. Quando se trata de entender sua presença na Índia ... **ele nos diz**: “o inglês tem uma clara vantagem lingüística ...” [AS2].

(71) **Diz Glauber** no texto: “uma estética da violência antes de ser primitiva é revolucionária...” [AS18].

(72) **Gerson Castelo afirma** que Fortaleza, aos 271 anos, é uma cidade sem identidade. **Segundo suas palavras**: “Ao contrário de capitais como Recife e Salvador, Fortaleza não passou pelo processo revitalizador de suas vilas mais antigas ...”[AS11].

Os exemplos acima ilustram um detalhe que notamos na grande maioria das citações feitas por meio dos verbos *dizer* e *afirmar*: eles são mais usados nas citações diretas. Esta é uma forma de atribuir a responsabilidade do dito ao autor citado. É também uma forma de demonstrar pouco envolvimento com a fala do outro. Observe que, em (72), por exemplo, o escritor procura manter distanciamento da citação que introduz por meio do verbo *afirmar*, então procura ressaltar ainda mais a responsabilidade do autor pelo discurso a ser relatado, através do uso da expressão: “segundo suas palavras”. Em alguns casos, os verbos *dizer* e *afirmar* foram usados em referências a algumas expressões e frases, provavelmente já conhecidas da comunidade disciplinar como sendo daquele autor, como nos exemplos (65), (66) e (69). Trata-se, talvez, de expressar o modo usado por aquele autor para *nomear* um determinado fenômeno, fato ou opinião. Desse modo, o autor é convocado para *falar*, *dizer* ou *afirmar* a frase de sua autoria com a sua própria voz.

Todavia, é importante observar que há uma diferença semântica entre os verbos *dizer* e *afirmar*. O Dicionário de Ferreira (1986) registra o seguinte significado para o vocábulo *dizer*: “expressar com palavras, enunciar”. Já a palavra *afirmar*, significa, segundo o autor: “tornar firme, consolidar; dizer ou declarar com firmeza”. Assim, o verbo *dizer*, frequentemente, realiza uma ação mais fraca do que a ação do verbo *afirmar* ou *dizer com firmeza*. Segundo Marcuschi (2007), há verbos que agem no sentido de enfraquecer a opinião do escritor em relação à mensagem citada, como também se dá o contrário. No entanto, a construção dos sentidos sempre depende do contexto discursivo. Como podemos verificar no exemplo (65), o escritor usou um advérbio que acentuou a ação do verbo *dizer*: “Como **bem disse Sérgio Buarque de Holanda**”. Neste caso, além de enfatizar o sentido

do verbo *dizer*, o advérbio também expressa uma avaliação positiva do trabalho e do autor citado.

Aliás, o uso de modificadores junto aos verbos de elocução mostrou-se um traço comum nos artigos de História e Sociologia. Isto também ocorreu no exemplo (68) Eduardo Prado era **taxativo ao afirmar**... . Aqui o emprego do adjetivo trouxe grande ênfase ao verbo afirmar, que já possui uma carga semântica mais forte do que o verbo dizer.

Outros verbos como *falar*, *escrever*, *chamar* - também da *categoria discursiva indicadora de afirmação* - foram empregados para introduzir as citações. Mas devemos sempre estar atentos aos diferentes sentidos e ações realizadas por esses verbos em seus respectivos contextos. O verbo *chamar*, por exemplo - com frequência bastante significativa em nossos artigos, principalmente em Sociologia – foi mais empregado no sentido de *denominar* ou *nomear* um fato ou um fenômeno. Em alguns casos, o sentido é de *nomear* algo ou *denominar* um pensamento, idéias ou conceitos. Praticamente, na totalidade de suas ocorrências, o verbo *chamar* introduz uma expressão ou termo aspeado, sugerindo esses termos ou conceitos como uma *criação* do autor. Assim, esse verbo, a nosso ver, pode figurar tanto na *categoria discursiva*, indicando uma *nomeação* de um fenômeno, quanto na categoria de *cognição*, no sentido de formular ou elaborar conceitos teóricos. Podemos conferir estas diferentes acepções nas ocorrências seguintes:

História:

(73) Com isto deu-se o que **Bruno chama** de ‘tentativa de renovação política das elites agrárias’... [AH16].

(74) Trata-se de pôr em prática o que **Michel Pollack chama** de “enquadramento de memória” ... Na perspectiva do **referencial teórico fornecido por Polack**, a escolha dos patronos da Academia Fluminense e o procedimento das solenidades acadêmicas servem para reforçar a memória da instituição, marcando o lugar que ela ocupa na sociedade. [AH17].

(75) Cria-se, enfim, na obra de Romero, o que **Nunes chama** de hierarquia oscilante de causas, na qual o meio e a raça convivem com outros fatores explicativos, como a política, a formação econômica ... [AH12].

Sociologia

(76) Pode-se dizer que a percepção do mundo depende em grande parte do que **Bourdieu** (1990) **chama de *habitus*** ... [AS13]

(77) Esses agentes, por sua vez, interiorizam o próprio campo, incorporando suas regras, também de maneira “natural”, em suas práticas, o que **Bourdieu chama de *habitus***. [AS6].

(78) Odilon Braga, o relator do capítulo relativo ao assunto da Constituinte, considerou-a sugestiva nas linhas gerais, mas impraticável no Brasil ...Outros foram bem menos polidos: **Almeida Moura chamou-a** de “projeto radical” e **Moraes Filho de “descabelado”** (MOURA, 1937, p. 123; MORAES FILHO, 1976, p.21). [AS7].

Ao compararmos o emprego do verbo *chamar* nas citações das frases acima, é possível perceber que os sentidos são diferenciados, embora com fronteiras semânticas bastante tênues. Nos exemplos (73) e (75) de História e na ocorrência (78), de Sociologia, o verbo *chamar* pode ser visto como denominando um fato histórico, um fenômeno, um acontecimento. Porém, nos exemplos (74) de História, e (76) e (77) de Sociologia, percebemos que o verbo *chamar* foi empregado no sentido de nomear ou também denominar uma noção ou conceito teórico do autor citado, devendo, portanto, ser considerado como um verbo indicador de *Ato de cognição*. Propositadamente, colocamos dois exemplos dos artigos de Sociologia (de distintos autores e periódicos) em que o verbo *chamar* foi usado para referir-se à palavra *habitus*, um reconhecido conceito teórico do sociólogo Bourdieu. No artigo de História (74), o próprio escritor deixa explícito que a expressão introduzida no texto pelo verbo *chamar*, faz parte do referencial teórico adotado para tratar do assunto em pauta no artigo. Assim, a tentativa de categorizar os verbos de elocução, é somente um procedimento metodológico, mas não pode haver classificações estanques, e o contexto lingüístico deve ser sempre considerado para nos ajudar a apreender distintos sentidos.

Na categoria denotativa de *Atos de Discurso*, temos ainda os **verbos indicadores da força do argumento**. Nesta modalidade, os verbos não somente indicam a expressão verbal do escritor, mas exprimem uma *ação argumentativa*. Vejamos algumas ocorrências:

História

(79) O geógrafo **James Duncan** ... **argumenta** que a interpretação, até então feita, entendia a cultura... [AH13].

(80) **Amaro Quintas enfatizou** a influência do socialismo utópico na insurreição. [AH6].

(81) Como **bem ressaltou Arnaldo Momigliano** ... a relação entre os dois modos de escrita variou segundo as épocas e os lugares... [AH5].

(82) **Sirinelli** (in Rémond, 1996, pp. 248-249) já **destacou** que as revistas se apresentam como meio importante para alcançar um conhecimento mais bem organizado acerca da produção intelectual ... [AH4].

Sociologia

(83) Conforme **argumenta Robert Dahl**, a idéia de uma oposição entre resultados substantivos e o processo democrático é completamente espúria [AS19].

(84) **Merton**, o grande teórico da Sociologia da Ciência, ... **propunha** uma autonomia da ciência. [AS12].

(85) **Sérgio Paulo Rouanet** e **Renato Ortiz** já **salientaram** que a indústria cultural brasileira [AS18].

(86) **Bendix assinalou de forma definitiva** a associação virtuosa entre a extensão da instrução pública e a cidadania política na construção do Estado moderno (Bendix, 1996) [AS1].

Esses verbos se constituem em importantes escolhas retóricas na prática da citação, pois não somente denotam expressão verbal, mas, seguramente, a ação argumentativa ganha uma força considerável. De fato, *dizer, falar, afirmar* não é o mesmo que *argumentar, ressaltar, propor*. De acordo com Marcuschi (2007:148), os verbos introdutórios de opinião funcionam como *parafraseamentos sintéticos*, uma vez que “eles resumem em uma só palavra o sentido geral do discurso a relatar”. Estes verbos sintetizam também uma avaliação do escritor em relação ao trabalho citado, que, neste caso, é mostrado de forma positiva, ao escolher essas categorias verbais, o escritor está também defendendo que as informações relatadas são verdadeiras. O escritor se envolve com mais firmeza com as proposições do autor citado, com o propósito de também tornar o seu texto mais persuasivo. E, mais uma vez, encontramos expressões adverbiais reforçando ainda mais o potencial argumentativo dos verbos, a exemplo das ocorrências (81) Como **bem ressaltou** ..., e (86) **assinalou de forma definitiva**. Este último exemplo evidencia uma carga interpretativa ainda mais forte.

Passemos agora a alguns exemplos das demais categorias verbais usadas nas citações:

Verbos que denotam *Atos de pesquisa*:

História

(87) Entre os 190 escravos com idade superior a 15 anos arrolados nos inventários... 36,8% deles eram casados ou viúvos... **Slenes encontrou** variações destes valores conforme a época e a região. [AH11].

(88) Com um critério de quantificação distinto, **Lúcia Maria Paschoal Guimarães identificou** 167 *biografias e necrológicos*, que correspondem a 30% dos impressos na *Revista* no período... [AH15].

(89) É como **sugere** Todorov ao **analisar** a relação do descobridor do Continente com os selvagens e afirmar que Colombo constrói simultânea e ambigualmente dois tipos de relação perante o “outro” ... [AH2].

(90) **Bomfim identificava**, já em 1903, aspectos característicos da população brasileira que posteriormente seriam trabalhados por outros intelectuais ... [AH2].

Sociologia

(91) Mas talvez nenhum estudo ilustre melhor o uso do analfabetismo como forma de controle e discriminação sociais do que o ensaio de **Elisa Reis** sobre a “opressão burocrática” no Brasil contemporâneo (1999, pp.239-269), onde a **autora analisa** a correspondência enviada por incitação do ministro brasileiro Hélio Beltrão ... [AS1].

(92) **Miceli encontra** respaldo, para sua delimitação de grupos de intelectuais...**o autor encontra** detalhes que, no varejo, margeiam as biografias clássicas... **o autor desenvolveu** o uso das biografias de maneira concatenada com a busca de definir e construir a estrutura do campo intelectual [AS15].

(93) **Hélio Trindade discute** os desafios da cultura política democrática no país... [AS17].

(94) **David Harvey**, por exemplo, **indaga** como é possível: “construir a próxima camada no palimpsesto urbano, de forma a canalizar aspirações e necessidades futuras ...” [AS11].

A categoria de verbos denotadores de *Atos de pesquisa* evoca o autor citado enquanto *pesquisador* da comunidade científica. Tais verbos ajudam o escritor a situar a pesquisa disciplinar em um dado tema, a fim de mostrar seu próprio posicionamento em relação ao assunto. E isto acrescenta ethos de cientificidade ao artigo.

Acreditamos também que o emprego desses verbos nas citações pode revelar características do processo de pesquisa nas respectivas disciplinas. Como podemos verificar, o *corpus* de pesquisa das duas disciplinas é constituído, em sua maioria, de textos e documentos, embora com objetivos diferenciados. Notamos, por exemplo, em (87) e

(88), que os textos mencionados foram estudados sob uma perspectiva histórica: *inventariar escravos e quantificar dados biográficos* em uma Revista, em um recorte temporal. Já a ocorrência (92), de um artigo de Sociologia, mostra as biografias sendo usadas para ... *definir e construir a estrutura do campo intelectual*, portanto, uma análise que não focaliza os aspectos históricos, mas sociológicos.

Temos ainda os verbos que denotam *Atos de cognição* e evidenciam os processos mentais do pesquisador, indissociáveis do processo de investigação científica. Observemos algumas ocorrências:

História

(95) A roupa pode ser vista como algo constitutivo de *técnicas corporais*. **Marcel Mauss** **as define** como atos tradicionais e eficazes que não diferem dos atos mágicos, religiosos e simbólicos. [AH19].

(96) Com este raciocínio, **Taine entendia** ocorrer uma seleção natural do que se poderia desenvolver com maior sucesso em cada lugar ... [AH17].

(97) **Darci Ribeiro**, um dos mais íntimos assessores de Goulart, **sintetizou** a visão do governo sobre o assunto ... [AH7].

(98) **Caio Prado Jr.** **considerava** a Praieira o último dentre os movimentos de caráter eminentemente popular e democrático que acompanharam o processo de Independência. [AH6].

Sociologia

(99) Assim **pensa Hewinson (1987)**, referindo-se a paisagens urbanas reconstruídas e reabilitadas, típicas da cidade de Londres, nomeadas pelo autor de manufatura da herança ... [AS11].

(100) **Swaan considera** ainda que toda linguagem é um ‘bem hiper-coletivo’ [AS2].

(101) **Basílio Teles**, abundara no mesmo sentido, não hesitando em **teorizar** o exercício da “ditadura administrativa” como forma rotineira de governar o país... [AS1].

(102) Essa expressão leva a um outro conceito, útil para compreender a estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária: o de “romantismo”, tal como **formulado por Lowy e Sayne (1995)**. [AS18].

Nesta categoria denotativa, os verbos estão mais relacionados ao contexto teórico da pesquisa disciplinar. Os exemplos sugerem a compreensão de que o escritor busca associar-se aos demais pesquisadores de sua comunidade para dialogar e declarar anuência – podendo também posicionar-se criticamente – às respectivas proposições e conceitos

teóricos explicitados pelo autor. Tais verbos ajudam o escritor na tarefa de construir e compartilhar um contexto epistêmico e disciplinar e são também importantes para o processo de interação, engajamento e entendimento epistemológico dos membros da comunidade científica (Hyland, 1999).

Os verbos que denotam *Atos de cognição* apresentaram um baixo índice de frequência em nossos artigos, ao compararmos com a frequência das demais categorias (cf. Tabela 9). Como já ressaltamos, a categoria de verbos que expressam atos discursivos prevalecem nas estruturas das citações das duas disciplinas, principalmente nos artigos de História. O estudo de Hyland (1999:350) também aponta o predomínio dos verbos indicadores de atividades discursivas nas disciplinas das ciências humanas e sociais, enquanto que os verbos indicadores de *Atos de pesquisa* foram mais marcantes nas disciplinas das ciências “duras”. Segundo o autor:

O achado que aponta os artigos de humanidades e ciências sociais contendo verbos de relato em maior quantidade, mais variados e mais argumentativos, se explica, parcialmente, em função de uma maior necessidade de elaborar um contexto compartilhado ... Nas ciências *soft*, convencer leitores de que um argumento é novo e, ao mesmo tempo, sólido, pode, freqüentemente, depender do uso de estruturas de relato, não somente para construir uma base teórica compartilhada para os argumentos, mas para estabelecer uma perspectiva comum sobre a confiabilidade das alegações relatadas ... Além de um maior investimento retórico na contextualização, o maior uso de verbos de relato no campo das ciências *soft* também reflete o caráter mais discursivo dessas disciplinas.³⁰ (Hyland, 1999:359).

Recorrendo-se a Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005), podemos afirmar que as ciências exatas e da natureza trabalham mais com a evidência e a demonstração de dados experimentais, mais relacionados, portanto, ao paradigma quantitativo, enquanto que as ciências humanas e sociais se caracterizam mais pela argumentação. Isto devido à sua própria natureza epistemológica, pelo seu caráter mais interpretativo e mais discursivo, conforme explicitado por Hyland (1999).

Ao comparar os dados de História e Sociologia, (Tabela 9) em relação às categorias dos verbos de elocução usados nas citações integrais, podemos verificar a existência de algumas diferenças significativas para a análise do gênero artigo científico nessas disciplinas. Em História registramos uma frequência mais elevada dos verbos indicadores

³⁰ *The finding that the humanities and social science articles contained far more, more varied, and more argumentative reporting verbs is partly a function of their greater need to elaborate a shared context. ... In the soft fields, convincing readers that an argument is both novel and sound may often depend on the use of reporting structures not only to build a shared theoretical basis for one's arguments, but establish a common perspective on the reliability of the claims one reports. ... In addition to a heavier rhetorical investment in contextualization, the greater use of reporting verbs in the soft fields also reflects the more discursive character of these disciplines.*

de *Atos do Discurso*. Mas o que nos chamou mais a atenção foi o fato de que, em Sociologia, o índice de verbos indicadores de *Atos de pesquisa* (26,3%) representa praticamente o dobro daquele apresentado em História (13,5%). Acreditamos que a explicação para tais diferenças esteja relacionada ao modo de construir o conhecimento nestas disciplinas. MacDonald (1994:74-75), ao discorrer sobre a construção do conhecimento em ciências sociais, mostra alguns pontos que diferenciam esse processo em História e Sociologia:

Na discussão sobre a diferença entre história e sociologia, Peter Burke aponta que, em história, há uma maior tendência de uso de uma variedade de termos que os sociólogos podem ver como um tipo de fenômeno. ... Para o sociólogo, o conceito estrutural como uma abstração precede o exame de circunstâncias locais particulares, enquanto que os termos variados e menos abstratos dos historiadores se originam em interpretações de fenômenos específicos. O historiador, então, pode ficar dividido entre o desejo de elucidar particularidades locais e o desejo de generalizar sobre os processos históricos. (MacDonald, 1994:74-75).³¹

Há, portanto, diversidade nas formas de realizar a investigação científica nas duas disciplinas e, conseqüentemente, na escrita do gênero artigo científico. Esta pode ser uma razão para o maior número de verbos indicadores de *Atos de pesquisa* e de *cognição* nas citações dos artigos de Sociologia, que apresenta uma maior preocupação em fazer generalizações teóricas, conforme também sinaliza Holmes (1997:328) - já salientado no capítulo dois.

Por outro lado, observamos também algumas particularidades nos artigos de História. Percebemos, por exemplo, que a análise e a narrativa se imbricam, daí a provável razão para a maior frequência de verbos de caráter discursivo nas citações. Embora o *tempo da ação verbal* não tenha sido nosso foco de estudo, notamos que, nas citações dos artigos de História, uma grande parte dos verbos de elocução foram empregados no *pretérito perfeito e imperfeito do indicativo*, e no *futuro do pretérito*, o que confere ao texto um ritmo de *narrativa*, como evidenciam os exemplos seguintes:

(103) Desde então, a prática do colecionismo de fotografias tornou-se crescente, acompanhando o próprio fazer fotográfico e atingindo, na era contemporânea, uma dimensão espantosa. Preocupada com isso é que **Susan Sontag perguntava-se** até que

³¹ In a discussion of the difference between history and sociology, Peter Burke points out history's greater tendency to use a variety of terms for what sociologists might view as one type of phenomenon. ... For the sociologist, the structural concept as an abstraction exists prior to the examination of particular local circumstances, whereas the historians' varied and less abstract terms originate in interpretation of particular phenomena. The historian, then, may be torn between the desire to elucidate local particulars and the desire to generalize about historical processes.

ponto pode-se atingir o conhecimento se as imagens, notadamente as fotográficas, interpõem-se entre o homem e o mundo ... [AH10].

(104) **Bonfim identificava**, já em 1903, aspectos característicos da população brasileira ... **dizia** que a América Latina não **poderia ter tido** a mesma evolução ... E **identificava** uma tristeza latente entre os povos latino-americanos, uma caracterização que **seria** tão cara – embora não original, como querem fazer crer alguns – das análises que **Paulo Prado construiria** alguns anos mais tarde, entre 1926-28, em seu *Retrato do Brasil*: ensaio sobre a pobreza brasileira... **Bonfim antecipava**-se assim à criação intelectual do desejo por uma utopia calcada na transformação do homem ... Neste sentido, igualmente **Monteiro Lobato**, ao escrever em 1931 um de seus livros... não se **limitaria em diagnosticar** a ausência de um Estado demiurgo ... **Lobato preconizava** que o motor do desenvolvimento – e aqui desenvolvimento é igual à supressão da miséria - **era** a economia. [AH2].

Desse modo, o tempo da ação dos verbos de relato torna-se relevante para a análise histórica, que se estrutura fundamentalmente por meio das narrativas. Esta é, pois, um traço marcante nos artigos de História, e, possivelmente, evidencia um aspecto da construção do conhecimento nesta disciplina.

Entretanto, de forma geral, o tempo *presente* prevalece nos verbos que integram todo o corpus deste estudo, e, de forma mais acentuada, nas citações integrais de Sociologia. Segundo Swales (1990:151-152), a escolha do *tempo* no uso dos verbos de elocução pode ser altamente significativa. Para o autor, as funções gerais dos tempos verbais: pretérito (*past*), presente (*present*) e pretérito perfeito composto (*present perfect*), parece ter mais relevância em narrativas, devido ao fato de trabalhar com *linhas de tempo* e seqüências temporais. Estes elementos, segundo o autor, embora sejam importantes em explicações tradicionais, são mais proeminentes em narrativas. Para Swales, se o texto abordar o relato de um debate acadêmico, por exemplo, a relevância do tempo verbal reside no fato de que este pode acrescentar generalizações.

Conforme o estudo de Malcolm (1987, citado por Swales, 1990:153) - baseado em artigos de Pediatria - as generalizações tendem a usar o presente (*present*), enquanto que as referências a dados experimentais tendem a utilizar o pretérito perfeito (*past tense*), e as referências a áreas de investigação tendem a usar o pretérito perfeito composto (*present perfect*). Talvez essas constatações possam ajudar a explicar o maior emprego do tempo presente nos verbos de elocução dos artigos de Sociologia, visto que esta disciplina, como já acentuamos, apresenta uma maior preocupação em elaborar padrões generalizáveis.

Outro aspecto relevante dos verbos de elocução é o seu *potencial avaliativo*. Embora já tenhamos mencionado este aspecto anteriormente, é necessário ressaltar que a

escolha desses verbos permite ao escritor demonstrar variados graus de confiança na mensagem citada, atribuindo um valor que pode ser positivo ou crítico. Segundo Hyland (1999), esses verbos indicam a posição do escritor em relação ao que foi relatado e sinaliza uma avaliação do *status* de evidência da proposição, demonstrando *confiança*, *neutralidade* ou *distanciamento* em relação ao que foi citado. Marcuschi (2007:146), apesar de reconhecer o potencial avaliativo dos verbos que introduzem as citações, argumenta que a *neutralidade* é impossível. Para o autor, a parcialidade pode acontecer na introdução do discurso alheio, “seja como interpretação, seleção ou avaliação”. Assim, ao pensarmos sobre as diversas ações realizadas pelo verbo de elocução, como vimos na análise das categorias denotativas, percebemos que cada escolha verbal já implica numa avaliação ou julgamento do autor e trabalho citados por parte do escritor. Podemos afirmar, por exemplo que os *verbos indicadores da força do argumento* apontam – a depender do contexto discursivo – uma avaliação mais positiva da credibilidade do autor citado e de seus achados do que um verbo que apenas indica *afirmação*.

Em nosso entender, os verbos da categoria dos *Atos de pesquisa* e *Atos de cognição* também expressam uma grande força argumentativa, e podem servir para indicar variados graus avaliativos das fontes citadas. Talvez possamos considerar os verbos da área semântica do *dizer*, como verbos que detêm um potencial avaliativo mais fraco, mas também concordamos com Marcuschi (2007) que não há neutralidade, uma vez que somente a escolha de um determinado verbo em detrimento de outro, já pode sinalizar graus diferenciados de confiança no trabalho e autor citados.

Como já sinalizado, chamou-nos a atenção os *adjetivos* e *expressões adverbiais* que acompanham os verbos nas citações integrais dos nossos artigos, fato também observado por Hyland (1999:362), em artigos de disciplinas das ciências humanas.

A seguir, apontamos outros exemplos de citações que utilizaram tais recursos linguísticos:

História

(105) **Aponta com precisão Jeffrey Mosher**, que a novidade das eleições de 1844 foi a organização ... [AH6].

(106) **João Alfredo Montenegro bem o demonstrou ao ressaltar** o discurso... [AH3].

(107) Todo este processo seria **magistralmente captado e fixado** pelo compositor Chico Buarque ... [AH19].

(108) A multidão, **tão bem descrita por Edgar Allan Poe em seu célebre conto “O homem da multidão”**. [AH10].

Sociologia

(109) Bem antes deles, já no Brasil alguém como **Oliveira Vianna argumentara com força** no sentido da necessidade de um ‘estado corporativo forte’ ... [AS1].

(110) ... caráter administrativo, **magistralmente caracterizado por Raymundo Faoro em *Os Donos do Poder*** ... [AS1].

(111) **Ramos observa com perspicácia** a permanência para os herdeiros do Cinema Novo ... [AS18].

(112) **Maquiavel esboça com notável clareza**, o essencial da ditadura romana ... [AS19].

As expressões adverbiais e adjetivos utilizados junto aos verbos reforçam, sobremaneira, a avaliação positiva do escritor em relação ao autor e trabalho citados. Trata-se de mais um poderoso recurso retórico empregado não somente para salientar o nome do pesquisador como também para demonstrar reconhecimento e credibilidade à pesquisa. Tais estratégias são adotadas pelo escritor para construir um *ethos* de segurança (Romualdo, 2008).

Quanto à utilização do verbo para introduzir uma citação indicando uma avaliação crítica dos autores e trabalhos citados, encontramos apenas quatro ocorrências, apenas nos artigos de História, como podemos conferir nos exemplos abaixo:

(113) Embora concordemos que existe uma centralização de poderes nas mãos do Estado no período, entendemos que isto não significa aceitar a idéia de que ele paire sobre a sociedade e as classes sociais, como **sugere o trabalho de Iyda**.⁷ [AH13].

(114) ... assimilar os paradigmas ... (como **sugere Richard Morse ao endear quase que ingenuamente** o capital político-cultural ibero-americano) ... [AH2].

Essa avaliação crítica, como se vê, aparece de forma bastante sutil e atenuada. É também uma maneira de demonstrar respeito ao trabalho do colega, mesmo havendo discordâncias teóricas ou pontos de vista diferenciados sobre um mesmo assunto.

Em nossa análise, observamos ainda outro importante aspecto na prática de citações, trata-se do emprego de *paráfrases* e *citações diretas*. A Tabela 10 aponta uma visão geral de tais ocorrências:

O emprego de *paráfrases* e *citações diretas* nos artigos científicos

Tabela 10– Visão geral de paráfrases e citações diretas nas duas disciplinas

Disciplinas	Paráfrases		Citações diretas		Total geral/citações
	Qtde.	%	Qtde	%	
HISTÓRIA	579	79,2	152	20,8	731
SOCIOLOGIA	981	81,5	222	18,5	1203

Pela indicação dos nossos dados, a preferência pela paráfrase parece ser um consenso das comunidades científicas de História e Sociologia. As paráfrases prevalecem significativamente sobre as citações diretas, nas duas disciplinas, independentemente da estrutura: integral ou não-integral, conforme aponta a Tabela 11:

Tabela 11 – Paráfrases e citações diretas nas formas integrais e não-integrais

Disciplinas	Citações integrais				Citações não-integrais			
	Paráfrases		Citações diretas		Paráfrases		Citações diretas	
	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%	Qtde.	%
HISTÓRIA	189	67,2	92	32,8	390	86,6	60	13,4
SOCIOLOGIA	356	75,4	116	24,6	625	85,5	106	14,5

Esta pode ser considerada uma regularidade no padrão convencional do gênero artigo científico nessas disciplinas, pois o predomínio das paráfrases foi constatado em todos os periódicos de História e Sociologia, cujos artigos compõem o corpus desta pesquisa³². Esses resultados estão diretamente relacionados às convenções discursivas adotadas na comunidade disciplinar representada.

As formas de citações parafraseadas ou diretas são opções disponíveis ao escritor para introduzir o trabalho de outros em seu próprio trabalho e essas escolhas podem gerar importantes impactos na construção dos argumentos. Conforme Pecorari (2006:6), as citações diretas não somente repetem palavras de um texto anterior, mas prometem ao leitor que aquelas palavras não foram adulteradas e não foram retiradas fora do seu contexto, mas realmente representam as palavras do autor e do trabalho citados. As citações são, portanto, práticas que envolvem grande responsabilidade do escritor e que manifestam o seu envolvimento e integração na comunidade científica.

³² Isto pode ser conferido na Tabela 21 – Anexo II desta Dissertação.

A opção pelas citações parafraseadas parece ser um consenso na escrita acadêmica, conforme também apontam os estudos de Pickard (1995) e Hyland (1999). Segundo Marcuschi (2007), a *paráfrase* é considerada a forma mais usual para reproduzir opiniões. É importante não somente fazer referências, mas interpretar corretamente as idéias e proposições dos autores citados. O modo de apresentar um autor e seu trabalho é também um aspecto fundamental para ganhar a aceitação das alegações. A citação parafraseada pode sustentar mais efetivamente os argumentos, permite aos escritores uma maior flexibilidade para enfatizar e interpretar o que está sendo citado e, desse modo, favorece, ao escritor, demonstrar, mais claramente, suas interpretações pessoais em relação ao pensamento do autor citado. Por essa razão, a tendência maior é expressar o conteúdo citado em seus próprios termos.

Porém, parafrasear é uma atividade que exige algumas habilidades do escritor, principalmente para aqueles menos experientes, que procuraram engajar-se na comunidade acadêmica. Esta foi uma das conclusões do estudo de Dionisio (2001), que analisou o emprego de citações em textos acadêmicos (resenhas, artigos e monografias) de alunos/professores de português. A autora constatou um índice de paráfrases bem inferior ao de citações diretas nas monografias escritas pelos alunos, fato que demonstra, segundo ela, a falta de habilidade de tais escritores em se posicionarem frente ao conteúdo temático utilizado para respaldar os estudos. Nas citações parafraseadas, é possível visualizarmos, de forma mais definida, a intervenção interpretativa do escritor na fala do autor.

Contudo, há situações que demandam a inclusão de referências explícitas. Em muitos casos, as palavras originais dos autores podem ser mais apropriadas, uma vez que permitem a apresentação do pensamento do autor de maneira mais real e efetiva, e a citação direta pode ser mais persuasiva. Citar explicitamente, portanto, é também uma importante escolha retórica que ajuda os escritores a estabelecer uma estrutura epistemológica persuasiva e social para a aceitação de seus argumentos.

Frequentemente, as citações diretas também aparecem associadas às paráfrases, visto que o escritor apresenta a sua interpretação do trecho citado. Como já mostramos diversos exemplos de citações parafraseadas, veremos algumas ocorrências de *citações diretas* nos artigos das duas disciplinas:

História

(115) Por causa da magnitude da serra que a ferrovia deveria escalar, “foi necessário procurar caminhos entre grotas, desfiladeiros e rios, com vales profundos, exigindo a construção de viadutos, pontes, túneis e muros de arrimo”.⁵ [AH15]

(116)

Segundo o pesquisador carioca Jota Efegê, no início do século XX, por volta de 1910:

Como era convencional [os boêmios, sambistas, malandros, capoeiras] tinham a preocupação de aparecer no arraial ostentando uma ‘beca’, um ‘pano’ novo. De preferência branco, caprichosamente engomado e bem lustroso. Juntando ao terno um sapato alto ‘carrapeta’ que também estava sendo estreado na ocasião.

Devidamente enfatizado na sua indumentária de calça ‘boca de sino’, ou tipo ‘bombacha’ com a boca bem estreita, o paletó bastante amplo, para que lhe facilitasse os movimentos na oportunidade de qualquer *entrevero*, o capoeira entrava triunfalmente no arraial. Aos primeiros ‘oba!, oba!’, com que o saudavam seus companheiros, ele sentia, na entonação efusiva, estar-se exibindo na elegância devida. A roupa em primeira exibição ‘pintava’ no arraial ‘de acordo com o figurino’ e a Nossa Senhora da Penha ia lhe dar muita sorte, pois esta era de sua crença²⁰

Aos poucos, sob a imagem do malandro estilizado, sempre elegante e alinhado, que mais prefere o jogo, a lábria, o conto, o golpe, surge o capoeira

[AH19]

Sociologia

(117)

Nesta perspectiva, pensando a manifestação dos juízes nos processos, pode-se dizer que cada um deles tem o “poder de falar e agir em nome do grupo”, tem o poder de produzir o discurso da corporação, pelo qual e no qual ela vai ser reconhecida, expressando, com isto, a ideologia dominante no grupo. Ainda segundo Bourdieu (1990), a linguagem do Direito é a da retórica da autonomia, da impessoalidade, da neutralidade e da universalidade.

O efeito da neutralização é obtido por um conjunto de características sintáticas tais como o predomínio de construções passivas e das frases impessoais, próprias para marcar a impessoalidade do enunciado normativo e para constituir o enunciador em sujeito universal, ao mesmo tempo imparcial e objetivo. O efeito da universalização é obtido por meio de vários processos convergentes: o recurso sistemático ao indicativo para enunciar normas, o emprego (...) de verbos atestivos na terceira pessoa do singular do presente ou do passado composto que exprimem o aspecto realizado; (...) o uso de indefinidos (“todo o condenado”) e do presente intemporal – ou do futuro jurídico – próprios para exprimirem a generalidade e a omnitemporalidade da regra do direito; a referência a valores transsubjectivos que pressupõem a existência de um consenso ético (por exemplo, “como bom pai de família”); o recurso de fórmulas lapidares e a formas fixas, deixando pouco lugar às variações individuais (Bourdieu, 1990, p. 215-216).

[AS13]

(118) Geertz (1978) afirma que *“o homem é um animal amarrado às teias de significados que ele mesmo teceu assumindo a cultura como sendo essas teias e sua análise (...) como uma ciência interpretativa, à procura do significado”* (Geertz, 1978, p. 15). [AS13].

As citações diretas abrem espaço para a própria voz do autor, e esta escolha, em dados momentos da construção textual, pode tornar a argumentação mais contundente e efetiva. Como se vê, há citações diretas de pequena extensão, mas também há citações diretas mais longas nos artigos das duas disciplinas. As situações retóricas podem, portanto, determinar o emprego da citação explícita ou parafraseada, e esta escolha pode revelar o nível de habilidade e experiência do escritor em interpretar o pensamento do outro.

A prática das citações, portanto, representa um complexo de ferramentas retóricas, que traduz as interações sociais dos membros de uma comunidade científica, por meio dos gêneros, que, ao mesmo tempo, organizam essa comunidade. É uma forma de validar os argumentos do escritor - seja pela anuência às idéias e teses do autor, seja para refutá-las - como também é uma forma de reconhecer a contribuição daquele pesquisador para a construção do conhecimento disciplinar.

Ademais, essa prática favorece o desenvolvimento de uma identidade disciplinar, tendo em vista que, ao citar um trabalho científico e um autor – seguindo as convenções adotadas na comunidade - o escritor também se torna participante efetivo daquele grupo social, compartilhando teorias, procedimentos, idéias e achados, e essas relações de troca ajudam a sustentar os seus argumentos e favorece a formação de um *ethos* de pesquisador e cientista daquela comunidade. A integração no grupo social gera confiança à escrita: “O escritor cria uma identidade com aquele cenário social e, assim, aposta nesta identidade” (Bazerman, 2007:67). Nesse processo de construção da identidade disciplinar, o escritor procura adequar o seu texto às convenções retórico-discursivas do gênero, que, além das regularidades, apresenta também características diferenciadas em cada comunidade, e realiza distintas ações sociais em situações recorrentes (Miller, 1984).

Dessa forma, não somente a quantidade de citações, como também as formas de estruturá-las nos artigos de História e Sociologia - integrais ou não-integrais; sistema autor-data ou sistema numérico; posição sintática do autor citado; a escolha dos verbos de elocução, forma passiva do verbo ou ativa; paráfrase ou citação direta - formam um conjunto de importantes estratégias empregadas na construção do gênero AC, que expressa características da cultura epistêmica disciplinar. Vimos, por exemplo, que, em História há

uma preferência em destacar os autores, por meio da escolha sintática autor-sujeito; já em Sociologia, predominou a ênfase sobre os *conceitos teóricos*. São vários os indícios que apontam uma preocupação conceitual nos artigos de Sociologia. Considerando que o conhecimento histórico e sociológico apresenta um caráter fortemente interpretativo e argumentativo, as diferenciadas formas de citar se constituem também em distintos recursos persuasivos, pois cada escolha pode conferir maior ou menor força ao argumento, e isto exige habilidade do escritor em adequar seu texto às situações, ao auditório, ao propósito do gênero, às convenções retórico-discursivas de sua respectiva comunidade científica e, dessa forma, construir uma imagem de si positiva.

Procuramos, pois, mostrar nesta análise, que as citações, no gênero artigo científico de História e Sociologia, são praticadas de formas variadas. E essa variação expressa os diferentes modos de construção do conhecimento nessas disciplinas, as diferentes bases epistemológicas que fundamentam a pesquisa, as convenções disciplinares, além dos propósitos comunicativos do gênero.

CAPÍTULO IV

A Representação de Si no AC – Manifestação de Identidade e *Ethos* Disciplinar

A menção de si tem sido considerada por alguns estudiosos como formas de manifestar a *agência e identidade*, ferramentas que ajudam o escritor na construção de uma imagem de credibilidade diante dos seus pares e de toda a comunidade disciplinar, que constitui sua principal audiência (Tang & John, 1999; Hyland, 2001a).

Assim, partindo do pressuposto de que “Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si” (Amossy, 2005:9) e de que “Toda escrita carrega informação sobre o escritor”³³ (Hyland, 2001a:209), neste capítulo investigamos a prática da *autocitação* e o emprego dos *pronomes pessoais de primeira pessoa* nos artigos do nosso *corpus*, como formas da *representação de si*, considerada uma forte estratégia na construção de um *ethos* de credibilidade.

A autocitação – frequência e funções retóricas

A citação de trabalhos do próprio escritor é a mais óbvia forma de menção de si, mas ainda é vista com resistência por alguns estudiosos (Hyland, 2001a). Hellsten *et al* (2007:469) argumenta que “Em grande parte da literatura sobre análise de citações, as citações de si são excluídas como ‘barulho’ ou são tratadas como um viés da análise.”³⁴ Por outro lado, Tang & John (1999) ressaltam que algumas pesquisas recentes sugerem o crescimento da tendência ao afastamento da noção tradicional de escrita acadêmica como distante e impessoal, graças a um reconhecimento de que essa escrita não precisa ser totalmente isenta da presença do escritor. Para Hyland (2001a), os motivos e circunstâncias que levam os escritores a citar seus próprios trabalhos são variados e complexos, pois envolvem fatores psicológicos, retóricos e sociais, pode demonstrar confiança, experiência e desejo de autopromoção.

Hellsten *et al* (2007:471-472) afirmam que, enquanto as citações usadas nas publicações revelam alguns aspectos do conhecimento em que se baseia a pesquisa, o fato de um autor ser citado em seu próprio artigo, indica um sinal da importância ou impacto dessa publicação sobre a base do conhecimento. E ainda, segundo eles, a citação de si pode

³³ *All writing carries information about the writer.*

³⁴ *In much of the literature in citations analysis, author’s self-citations are excluded as ‘noise’ or they are treated as a bias for the analysis.*

revelar funções cognitivas e sociais distintas das citações dos trabalhos de outros, como também pode apresentar as mesmas razões. Para os autores, a lacuna existente na literatura frente à emergência de um novo tema de pesquisa é também uma outra razão que pode justificar o uso da autocitação.

A Tabela 12 evidencia as ocorrências de autocitações nos artigos de História e Sociologia:

Tabela 12 – Ocorrências de autocitações nos artigos científicos

Disciplinas	Total/Ocorrências					Média/ artigo	% total geral/ citações	
	Citações integrals	Citações não-integrals			Total			
		Autor-data	Ref. numérica					
HISTÓRIA	-	-	-	29	100%	29	1,4	4
SOCIOLOGIA	01	33	47,8%	35	50,7%	69	3,4	5,7

Os dados indicam uma frequência significativa de citações dos próprios trabalhos, com maior frequência nos artigos de Sociologia. Esta é mais uma das variações disciplinares encontradas neste estudo.

Chamou-nos a atenção a predominância das escolhas pela forma *não-integral* nas citações de si. Essa opção, nos artigos de História, atinge a totalidade, enquanto que, em Sociologia, houve apenas uma única ocorrência de citação integral, autor não-sujeito. Nas ocorrências de autocitações *não-integrals*, em Sociologia, embora o sistema *autor-data* tenha sido significativo, prevalece a convenção do sistema *numérico*. Devemos lembrar que o predomínio da opção pela forma *não-integral* já é uma tendência geral das citações, conforme vimos no capítulo três. Desse modo, essa tendência - como também a preferência pelo sistema numérico - também se confirma na prática da autocitação, nas duas disciplinas. Tais escolhas, possivelmente, se constituem em estratégias adotadas pelos escritores numa tentativa de equilibrar a representação de si, tendo em vista a resistência de alguns acadêmicos ao fenômeno da presença explícita do *Eu* na escrita científica. Os exemplos seguintes nos permitem uma melhor visualização dessa prática acadêmica:

(119) Os senhores de engenho praieiros já estavam de armas na mão quando receberam a adesão dos demais deputados do partido que voltavam do Rio de Janeiro⁶. [AH6]

Notas

⁶ Sobre a Praieira no interior, veja-se ainda CARVALHO, Marcus J.M. de. “A Guerra do Moraes: A Luta dos Senhores de Engenho na Praieira”. Recife, Diss. de Mestrado, UFPE, 1986.

(120) Para isso, pretende-se incursionar pelas especificidades da proposta de reforma agrária enunciada por uma destas entidades patronais – a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA) do Rio de Janeiro² – no decorrer da década de 1980. [AH16].

2 A este respeito ver **Sonia Regina de Mendonça**, *O Ruralismo Brasileiro*, São Paulo, Hucitec, 1997; _____. *Mundo rural, intelectuais e organização da cultura: A Sociedade Nacional de Agricultura; Mundo Agrário* (Revista Virtual), Universidad Nacional de La Plata, La Plata, 2000, 25 pp.; _____. *A política de Cooperativização Agrícola do Estado Brasileiro (1930-1945)*, Niterói, EDUFF, 2002.

(121) Não é gratuito o fato de que Antonio Parreiras tenha proferido diversos discursos na instituição na década de 1930, quando seu livro já havia sido lido por vários acadêmicos²³. [AH17].

23 Alguns discursos do pintor na Academia Fluminense de Letras encontram-se em forma manuscrita no acervo do Museu Antonio Parreiras, em Niterói, e foram recentemente publicados por **Valéria Salgueiro** (Introd. e Org.), *Antonio Parreiras: notas e críticas, discursos e contos – coletânea textos de um pintor paisagista*. Niterói, EDUFF, 2000.

A citação não-integral pelo *sistema numérico*, como já evidenciado, é uma convenção fortemente adotada entre os pesquisadores de História. No exemplo (120), notamos que a referência se dá pelo nome completo da autora, prática também adotada nas citações de trabalhos de outros autores, como já salientamos. Verificamos também que várias citações de si, feitas em série. Isto contribui para a projeção da escritora como uma autoridade no tema estudado, e evidencia um ethos de pesquisadora experiente na comunidade, que participa efetivamente das publicações teóricas da disciplina.

A citação dos próprios trabalhos é também considerada uma manifestação de *agência* no gênero artigo científico, uma forma de inscrição do escritor em seu próprio texto (Bazerman, 2006). É uma forma de salientar a figura do escritor como um profissional que adquire credenciais por meio de uma demonstração de familiaridade nas práticas de pesquisa, além de tornar visível que ele é uma agente nesse processo (Hyland (2001a). Pela inserção de si em suas atividades de pesquisa, o escritor injeta um elemento de julgamento qualitativo em seu texto.

Em *Sociologia*, a autocitação nos artigos mostrou-se uma prática ainda mais forte. A seguir, veremos alguns exemplos:

(122) O contato com os informantes selecionados foi realizada através dos procedimentos de *sistemas de rede*, tais como propostas inicialmente por Furtado (1993) e **adaptados por Martins (2004a)** para estudos em comunidades predominantemente agrícolas.[AS13].

(123) Essa alta convergência de temas em algumas áreas mostra a relação estreita entre desenvolvimento científico e tecnológico ou a efetivação de um “**modelo misto de desenvolvimento científico e tecnológico**” (Sobral e Trigueiro, 1994). [AS12].

(124) A relação entre os dois campos, para o que se propõe o nome de “simbiose tensionada”, obedece a um modelo complexo, que as simplificações correntes em boa parte da análise política não permitem entender (MIGUEL, 2002). [AS6].

(125) Parece que o tropicalismo musical também é constituinte – talvez o derradeiro – dessa estrutura de sentimento da brasilidade revolucionária, ao mesmo tempo que anuncia seu esgotamento e sua superação, quem sabe antevendo uma nova estrutura de sentimento¹⁴.

14 **Tratei** do tema num capítulo sobre Caetano Veloso (Ridenti, 2000, PP. 265-315).

Nos exemplos de citações de si, mostrados acima, há algumas particularidades que merecem destaque. Em (122) temos a *única* ocorrência de autocitação na estrutura *integral*, em todo o corpus. O exemplo (123) - autocitação em um trabalho de coautoria - aponta o único caso na forma de *citação direta*, as demais são todas parafraseadas. Ambos os exemplos constam no mesmo periódico de Sociologia. A ocorrência (124) ilustra a autocitação no sistema *autor-data*, forma encontrada apenas nos artigos de Sociologia – seguindo um padrão convencional adotado para as citações nesta disciplina. Por sua vez, a ocorrência (125) exemplifica a autocitação no sistema numérico de referências. Interessante aqui é que o escritor, ao resgatar a referência numérica, não se limitou apenas a mencionar o seu nome ou trabalho - forma mais usual - mas também faz uma *menção de si* pelo emprego do verbo “**Tratar**”... com morfema indicativo de pessoa e número (1ª. pessoa do singular).

Os dados indicam uma preferência do escritor em fazer comentários de seus próprios trabalhos em notas anexas ao texto. Esta prática mostrou-se bastante comum em autocitações não-integrais, sistema numérico. A citação de si na estrutura integral e na forma direta, por sua vez, é praticamente inexistente. Talvez estas escolhas estejam relacionadas com uma preocupação em atenuar a exposição da própria imagem, além da influência do padrão de impessoalidade postulado pela tradição positivista. Em alguns artigos, embora não haja autocitação no corpo do texto, constam várias referências bibliográficas de trabalhos do escritor.

Ao comparar os dados entre as disciplinas, encontramos algumas variações. Do total de 20 artigos de História, 08 deles (40%) apresentaram ocorrências de autocitações,

enquanto que, em Sociologia, dos 20 artigos, 16 apresentaram autocitações, ou seja, **80%** do total. Em alguns artigos de Sociologia há registros de dez ou mais ocorrências de citações das próprias obras em um só artigo.

Os nossos dados demonstram similaridade com os achados de Hyland (2001a) – o autor constatou um índice de **5,6%** de autocitações em artigos de Sociologia, e o nosso estudo aponta que, nesta disciplina, do total geral de referências feitas nos AC's, **5,7%** são citações de si. Portanto, essa prática parece ser uma característica marcante deste gênero, nesta disciplina. Já em História, a autocitação também marcou presença, embora com uma frequência mais baixa. Possivelmente, tais escolhas se explicam pelas convenções adotadas em cada comunidade científica.

Citar os próprios trabalhos é, também, uma forma de demonstrar que o escritor é participante da publicação das pesquisas em sua disciplina. E isto evidencia uma conexão do cientista com outros pesquisadores, fator que ajuda a promover um engajamento em uma literatura comum e demonstra uma intimidade do pesquisador com as teorias e os problemas disciplinares, portanto, uma forma de demonstrar disciplinaridade (Hyland (2001). Essa prática favorece a socialização do conhecimento, e esta socialização, conforme Bazerman (2007:33) é um modo de instrumentalizar os escritores com as ferramentas da agência, que os tornam “atores poderosos e com autoridade num palco social altamente especializado da literatura científica”. Além de manifestar a agência, a citação de si, segundo Harwood (2005), possibilita uma ratificação disciplinar, uma vez que o escritor pode ser considerado como um vanguarda da pesquisa, além de mostrar que ele está familiarizado com as questões que são discutidas em sua comunidade.

Assim, a citação dos próprios trabalhos acadêmicos é uma decisão retórica que pode produzir grande impacto persuasivo, uma vez que contribui para a construção de um ethos de disciplinaridade, ao projetar o escritor enquanto pesquisador e integrante efetivo do contexto social em que se dá a atividade científica. Essa prática discursiva permite a demonstração das contribuições específicas do escritor no processo da construção do conhecimento em sua comunidade científica, e pode sinalizar ao leitor a perspectiva da qual as declarações do escritor podem ser interpretadas (Hyland, 2001a).

As formas de representação de si na escrita acadêmica se associam à criação da identidade disciplinar do escritor: “A escrita acadêmica, como todas as formas de comunicação, é um ato de identidade: não somente transmite ‘conteúdo’ disciplinar, mas

também carrega uma representação do escritor”³⁵(Hyland, 2002a:1092). A identidade, na visão do autor, é delineada na rede de relações sociais que se travam na construção do conhecimento disciplinar e esse processo também inclui a autocitação.

A representação de si na escrita acadêmica é também construída pelo emprego dos *pronomes pessoais e possessivos de primeira pessoa*, conforme abordamos, a seguir.

Os pronomes de 1ª. pessoa – estratégias persuasivas

Embora as convenções de projeção pessoal - particularmente os pronomes de primeira pessoa - sejam consideradas importantes meios de representação de si, ainda há, no discurso científico, um grande preconceito no tocante à questão da subjetividade³⁶ explícita do escritor. Hyland (2001a:208) assinala que:

A convenção do relato impessoal permanece como um conceito consagrado para muitos, uma pedra fundamental da presunção positivista, que concebe a pesquisa acadêmica como puramente empírica e objetiva, e, portanto, melhor apresentada como se a agência humana não fosse parte do processo.³⁷

Os que defendem a erradicação de si na escrita acadêmica subestimam o julgamento humano mediando a ligação na interpretação dos dados, os fenômenos são descritos e representados como uma realidade independente da construção do investigador.

A visão da suposta imparcialidade científica também é criticada por Perelman & Olbrechts-Tyteca (2005:20):

Os autores de comunicações ou de memórias científicas costumam pensar que lhes basta relatar certas experiências, mencionar certos fatos, enunciar certo número de verdades, para suscitar infalivelmente o interesse de seus eventuais ouvintes ou leitores. Tal atitude resulta da ilusão, muito difundida em certos meios racionalistas e científicos, de que os fatos falam por si sós e imprimem uma marca indelével em todo espírito humano, cuja adesão força, seja quais forem suas disposições. ... Para que uma argumentação se desenvolva, é preciso, de fato, que aqueles a quem ela se destina lhe prestem alguma atenção.

Assim, a escrita acadêmica, de um modo geral, na busca pela objetividade na expressão das idéias, tenta evitar referências específicas de opiniões pessoais, eliminando pronomes pessoais, tanto quanto possível (Kuo, 1999; Tang e John, 1999). Romualdo (2008:213) afirma que as estratégias empregadas para tentar ocultar a subjetividade no

³⁵ *Academic writing, like all forms of communication, is an act of identity: it not only conveys disciplinary 'content' but also carries a representation of the writer.*

³⁶ Não discutiremos aqui a questão da subjetividade no discurso científico, considerando que o assunto já foi largamente discutido na literatura.

³⁷ *The convention of impersonal reporting remains a hallowed concept for many, a cornerstone of the positivist assumption that academic research is purely empirical and objective, and therefore Best presented as if human agency was not part of the process.*

discurso científico – como o uso dos pronomes de terceira pessoa em vez dos de primeira ou segunda – pode nos levar à conclusão de que “o discurso científico é uma persuasão que não se assume como tal”. No entanto, a projeção de uma imagem de si nas práticas discursivas é sempre inevitável (Amossy, 2005).

A impessoalidade, embora seja frequentemente sacralizada institucionalmente, é uma convenção constantemente transgredida. Para Hyland (2001a), essa transgressão se deve ao fato de que, geralmente as escolhas pelos pronomes pessoais de primeira pessoa explicitam a presença do escritor e se associam com identidade e autoridade. Harwood (2005:1211) argumenta que “Os pronomes associam os pesquisadores aos seus achados, mostrando que os escritores são responsáveis pelas alegações. O efeito pode ser o de persuadir o leitor de que os escritores, como as alegações que eles estão evidenciando, são dignas de serem observadas”³⁸. O emprego dos pronomes pessoais, além de dar uma maior visibilidade ao escritor, mostra também a *agência* na escrita acadêmica.

Kuo (1999:122) lembra que os primeiros artigos científicos, ainda na forma de cartas, eram escritos em pronomes de primeira pessoa. E, nessa forma de relato, a agência humana era reconhecida como uma importante função na investigação científica. Somente após o século XIX, o foco dos artigos - principalmente nos relatos experimentais – foi gradualmente sendo deslocado para os métodos de investigação, os resultados e achados, e isto também afetou a escrita do gênero AC, tornando-o impessoal. Todavia, conforme o autor, modernamente, o estilo do artigo tem se tornado mais variado e dinâmico para atender necessidades e exigências específicas de cada disciplina científica. Conforme Hyland (2001b:561), o uso de pronomes pessoais é uma forma de engajamento mais característico do argumento acadêmico das ciências humanas e sociais. Em nossa pesquisa, contamos uma frequência bastante significativa dessas estratégias discursivas, conforme nos apontam as Tabelas 13 e 14:

Tabela 13– Frequência dos pronomes pessoais e possessivos – 1ª. pessoa singular e plural

DISCIPLINAS	EU sujeito	ME	MEU	NÓS sujeito	NOSSO	NOS	Total	Média/Artigo	1.000 palavras ³⁹
HISTÓRIA (18 artigos)	80	18	10	72	3	8	191	10,6	1,6
SOCIOLOGIA (17 artigos)	67	16	12	174	10	15	294	17,3	2,2

³⁸ *Pronouns link the researchers to their findings, showing that the writers are responsible for the claim. The effect can be to persuade the reader that the writers, like the claim they are putting forward, are worth taking notice of.*

³⁹ Para o cálculo da frequência dos pronomes por 1.000 palavras, consideramos o número total de palavras dos ACs de autoria individual - 18 artigos em *História* (118.958 palavras); e 17 artigos em *Sociologia* (131.210 palavras).

Tabela 14 - Frequência dos pronomes pessoais e possessivos – 1ª. pessoa plural (coautoria)

DISCIPLINAS	NÓS (sujeito)	NOSSO	NOS	Total	Média/Artigo	1.000 palavras ⁴⁰
HISTÓRIA	19	01	01	21	10,5	1,6
SOCIOLOGIA	47	6	2	55	18,3	2,4

Como revelam os dados, os pronomes pessoais *Eu* e *Nós* foram os mais utilizados para a representação de si nos artigos. Mais uma vez, constatamos variações disciplinares. Os pronomes pessoais e possessivos de *1ª. pessoa do singular* apresentaram uma frequência um pouco maior nos artigos de História (único autor) - 56,6%, e, em Sociologia, 32,3%. Por outro lado, o emprego dos pronomes na forma *plural* prevalece nos artigos de Sociologia com um índice de 67,7% – enquanto que, em História, este percentual é de 43,4%.

É importante observar que os periódicos dos quais coletamos os artigos não trazem nenhuma instrução ou recomendação sobre o emprego de pronomes ou sobre o estilo de pessoalidade ou impessoalidade na escrita dos artigos. Não obstante, a publicação de artigos em periódicos acadêmicos demanda que o escritor demonstre uma familiaridade com as convenções retóricas e códigos sociais de sua respectiva comunidade, e observe o emprego de padrões apropriados para as interações sócio-retóricas. Assim, essa variação pode revelar as diferentes formas de realizar a investigação científica entre as disciplinas. Neste sentido, Hyland (2002b:352-353) faz a seguinte reflexão:

Pesquisa recente tem enfatizado que as disciplinas têm diferentes visões do conhecimento, diferentes práticas de pesquisa e diferentes modos de ver o mundo, e essas diferenças são refletidas nas diversas formas de expressão e construção dos argumentos (Hyland, 2000; Johns 1997). Essencialmente, a escrita acadêmica não é uma massa única não diferenciada, mas uma variedade de letramentos específicos às disciplinas. Através desses letramentos os membros das disciplinas comunicam com seus pares, e estudantes com seus professores. As palavras que eles escolhem devem apresentar suas idéias de um modo que faça mais sentido para seus leitores, e parte disso envolve a adoção de uma identidade apropriada. ... Os autores constroem um posicionamento pessoal em seus textos para estabelecer uma identidade de estudiosos com credibilidade, e para sublinhar o que eles têm a dizer.⁴¹

⁴⁰ Nos artigos de *coautoria*, foram computadas 12.800 palavras em *História* (02 artigos), e 22.782 palavras em *Sociologia* (03 artigos).

⁴¹ *Recent research has emphasized that disciplines have different views of knowledge, different research practices, and different ways of seeing the world, and these difference are reflected in diverse forms of argument and expression (Hyland 2000; Johns 1997). Essentially, academic writing is not a single undifferentiated mass, but a variety of subject-specific literacies. Through these literacies members of disciplines communicate with their peers, and students with their professors. The words they choose must present their ideas in ways that make most sense to their readers, and part of this involves adopting an appropriate identity. ... Authors make a personal standing in their texts to establish a credible scholarly identity, and to underline what they have to say.*

Podemos, então, afirmar que a decisão pelo emprego do *EU* ou pelo uso do pronome *NÓS*, em artigos de autoria individual, pode estar associada às distintas convenções adotadas nas comunidades de História e Sociologia, às quais favorecem a construção de identidades sociais disciplinares.

A presença explícita do *Eu* no AC evidencia fortemente a contribuição individual do escritor para a construção do conhecimento na comunidade. A decisão para empregar o pronome da primeira pessoa, em especial na forma singular - pode evidenciar posturas autorais e tornar os argumentos mais fortes, demonstrando segurança na apropriação do conhecimento. A adoção de uma perspectiva pessoal na escrita científica permite que o escritor delimite os seus próprios trabalhos e alegações diante de outros: “O emprego do ‘*Eu*’ enfatiza o que você tem feito”⁴² (Hyland, 2001a:217). Verifiquemos alguns exemplos:

História

(126) Em um primeiro momento, **analiso** as condições sob as quais a escrita das vidas dos brasileiros ilustres justifica-se com base em fórmulas... Em seguida, **investigo** os usos da tópica das *armas e letras* ...E por fim, **procuro identificar** como a elaboração das notícias biográficas foi incorporada às tarefas do historiador.. [AH5].

(127) **Utilizo** aqui o recurso do paralelismo das situações históricas, e só eventualmente **demonstro** a influência de um espaço regional sobre o outro. [AH3].

(128) **Evidencio** que as diferenças de acessibilidades não são aceitas passivamente pelas mulheres ... **Destaco** que nas idéias de Robert Putnan é dada ênfase ao fator cultural... [AH14].

Sociologia

(129) **Argumento** que a política estadual... [AS5].

(130) **Vou** mostrar como esta questão se tem colocado na política recente de ciência e tecnologia (1998/2002). [AS12].

(131) Como hipótese geral, **afirmo** que a mídia interfere na estrutura da carreira política, exatamente por influenciar a produção de capital político. [AS6].

Nestas ocorrências notamos um aspecto relevante a ser considerado no emprego de pronomes de primeira pessoa: o pronome encontra-se na *posição sintática de sujeito*, e esta escolha tem grandes implicações retóricas (Hyland, 2001). Aliás, em nosso estudo,

⁴² Using ‘I’ emphasizes what you have done.

constatamos (cf. Tabelas 13 e 14) que os pronomes pessoais (*Eu/Nós*) - empregados na posição sintática de *sujeito das orações* - representam a absoluta maioria. Tais escolhas se constituem em um elemento adicional da presença de si no discurso acadêmico. A decisão de colocar um pronome de primeira pessoa como sujeito da oração dá um foco especial e sinaliza a presença do escritor como um visível participante no processo de pesquisa. Essa estratégia serve para anunciar e projetar o escritor no texto, identificando-o e associando-o como a fonte daquela proposição.

Por outro lado, o uso do pronome *Nós* em lugar do pronome *Eu*, nos artigos de autoria singular, pode sugerir uma intenção de reduzir a projeção pessoal (Kuo,1999), embora essa escolha não consiga ofuscar a presença autoral. O alto índice de emprego do pronome de 1ª. pessoa do plural também pode estar associado ao relacionamento do escritor com a sua comunidade disciplinar e à interação escritor/leitor. Para melhor elucidar essa relação do emprego do pronome pessoal *NÓS* com a interação escritor/leitor, recorreremos ao estudo de Kuo (1999:125), que distingue o *Nós inclusivo* do *exclusivo*, sendo que o primeiro é usado para referir-se à interação escritor/leitor, e o segundo é empregado para referir-se mais especificamente aos posicionamentos do escritor. Por exemplo:

a) *Nós inclusivo*

(132) **Pensem**os agora nos líderes populares da Praiaira...[AH6].

(133) Não é em vão que **podemos resumir** a relação entre os argumentos éticos e o uso da *complexio* por Cícero. [AH18].

(134) Para **atingirmos** a legibilidade do social, **devemos realizar** uma tripla vigilância epistemológica, a começar pelas idéias comuns e a sociologia espontânea...[AS15].

(135) Estas heterogeneidades podem adquirir cores mais nítidas se **considerarmos** que, conforme **nos** sugere Cândido (1998) em seu estudo clássico sobre as transformações dos meios de vida do caipira paulista ... [AS14]

Nota-se aqui, que o escritor, ao empregar o *Nós Inclusivo* considera o leitor como participante de um diálogo, traz o leitor para as discussões como um parceiro que supostamente conhece ou está interessado em conhecer o tema analisado. O leitor é convidado a adentrar nos argumentos, e isto pressupõe um certo grau de conhecimento

sobre o assunto abordado (Kuo, 1999). É, portanto, uma forma de solicitar a solidariedade do leitor como participante do discurso.

Já o *Nós exclusivo* é mais empregado para manifestar as proposições e posicionamentos mais específicos do escritor, conforme se verifica nas ocorrências seguintes:

b) *Nós exclusivo*

(136) Ao **afirmarmos** que o golpe de 1964 teve como protagonistas principais as facções *duras* das forças armadas e o empresariado nacional ... não significa que devemos isentar os setores nacionalistas e de esquerda... [AH7].

(137) **Procedemos**, então, pela análise de cada discurso, em termos de sua unicidade, incluindo seus aspectos legais específicos ... [AH18].

(138) Em **nosso entender**, a imagem da ditadura comissária é mobilizada por Campos a fim de justificar o golpe do Estado de 1964 e a atividade dos governos militares... [AS9].

(139) Neste artigo **analisamos** a gênese e o desenvolvimento do controle de constitucionalidade ... **Nosso** objetivo é relatar como forjou-se o controle jurisdicional nestas diferentes escolas .

O emprego do *Nós Exclusivo* – como se pode verificar – embora também demonstre a interação escritor/leitor, focaliza bem mais os posicionamentos e pressupostos teóricos do escritor, coloca em relevo a sua pesquisa, as suas propostas e teses. E quando o pronome funciona sintaticamente como *sujeito* – como nas ocorrências (134), (136) e (137), a figura do escritor é ainda mais projetada. É um modo de evidenciar a *agência* do pesquisador. Segundo Kuo (1999), nesta modalidade, o pronome pode colocar o escritor representando a disciplina como um todo. Entendemos, então, que o escritor, ao assumir posicionamentos pessoais, possivelmente, busca adquirir a posição de um legítimo membro ou representante da disciplina. Assim, a construção social de uma *identidade disciplinar* é também criada por uma combinação de escolhas discursivas, que envolve a opção pelos pronomes de primeira pessoa na construção dos argumentos.

De acordo o pensamento de Tang e John (1999), os pronomes de primeira pessoa expressam uma extensão de papéis ou *identidades* que demonstram *poder de autoria*, e pode conferir um maior nível de autoridade científica ao texto. Com base na proposta de Ivanic (1998, *apud* Tang e John, 1999), os autores ordenaram as funções do *EU* ao longo

de um *continuum*, em termos de graus de poder de autoria e aplicaram a proposta na análise de *ensaios* acadêmicos. A seguir, destacamos os pontos principais do *continuum* sugerido por Tang & John (1999:527-529) para o estudo das funções identitárias do *Eu*, tendo em vista que adotamos essa proposta para a nossa análise, com algumas adaptações.

a) **O Eu representativo** - é um pronome genérico, usado geralmente no plural (*nós, nos*) e representa um amplo grupo de pessoas, como no exemplo: “*It resulted in the English we know today*” (Tang & John, 1999:527). Aqui, o *nós* se refere à pessoa em geral, e afasta do leitor a informação do escritor, efetivamente reduz o escritor a uma não-entidade. Segundo os autores, em termos do poder da presença autorial, essa é a função menos poderosa do pronome de 1ª. pessoa.

b) **O Eu como um guia** – Segundo os autores, a melhor forma de entender essa função é pensar no texto como uma pátria estrangeira, em que o escritor guia o leitor em território não familiar, como no exemplo: *Let us now look at some examples of Jamaican Creole compared to Standard British* (Tang & John, 1999:527). Trata-se da função do *Eu* como guia, aquele que conduz o leitor e o situa no texto, e busca sua atenção para pontuar as evidências visíveis ou óbvias no texto (normalmente, através de exemplos citados no texto) e chegar à conclusão (destino), que presume, dividida com o leitor. De acordo com os autores, a função do *Eu* do escritor como *guia*, normalmente acontece no plural, inclusive as formas *nós (we)* ou *nos (us)*.

c) **O Eu como o arquiteto do texto** - Frequentemente usado na 1ª. pessoa do singular, o emprego do *Eu* em primeiro plano indica a pessoa que escreve, organiza, estrutura e esboça o conteúdo do texto, como nos exemplo seguinte: *In this essay, I Will discuss the bastard status of English from the pre-English period..*(Tang & John, 1999:528). A função de *arquiteto*, segundo eles, exibe similaridades com a função de *guia*, mas “o *arquiteto*” tem a responsabilidade de organizar e esboçar o conteúdo na escrita (mostrando como se deu o processo da escrita), enquanto que o *guia* parece meramente mostrar ao leitor um “terreno” já existente. Então, a função de *arquiteto* parece ser uma função mais poderosa (Tang & John, 1999).

d) **O Eu como narrador do processo de pesquisa** – diz respeito à pessoa que descreve ou narra as várias etapas do processo de pesquisa. Pode incluir algumas atividades, como leituras de fontes textuais, entrevistas, coleta de dados, além de outras. Essa função particular do pronome é freqüentemente acompanhada por verbos indicadores de

processos, como *trabalhar, ler, entrevistar, coletar*, etc, como no exemplo: “*The data I collected included written texts, transcripts of discussions and notes made as a result of observation*” (Tang & John, 1999:528).

e) **O Eu portador de opinião**- Conforme os autores, trata-se da pessoa que compartilha uma opinião, visão ou atitude e considera conhecer informações ou fatos estabelecidos. Essa função do *Eu* pode ocorrer, frequentemente, em cooperação com verbos descritivos ou representativos de processos mentais de cognição, como em: *I think Kushwant Singh has managed to succinctly convey the essence of the English Language....* (Tang & John, 1999:528).

f) **O Eu originador** – Para Tang e John (1999), essa função é a mais poderosa que um escritor pode criar e desenvolver, porque pressupõe que ele tem idéias próprias ou alegações de conhecimento, e isto o conluma a sinalizar o que é *novum* no texto. Ademais, essa função é importante porque o escritor reivindica autoridade e exhibe alguma forma de propriedade do conteúdo de sua escrita, mostrando que ele percebe a si mesmo como hábil para originar novas idéias.

O *continuum* das possíveis identidades dos pronomes pessoais, postulado por Tang e John (1999) é apresentado na figura abaixo:

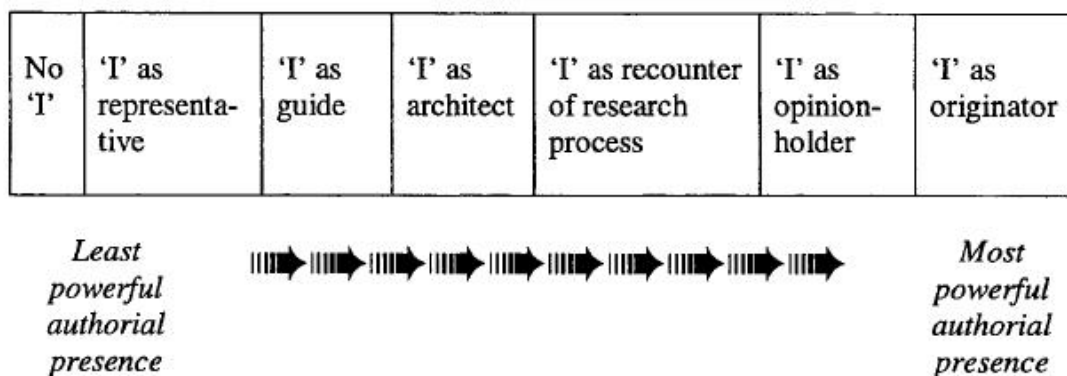


Fig. 1. A typology of possible identities behind the first person pronoun in academic writing.

Fonte: Tang & John (1999:529)

Considerando, pois, que um dos objetivos do nosso estudo é investigar o *ethos* dos escritores dos artigos científicos, e esse *ethos* está estreitamente relacionado à construção da identidade (Mainguenu, 2008b), acreditamos que o modelo sugerido por Tang e John (1999) – sobre o *continuum* da extensão de identidades evidenciadas pelos pronomes de primeira pessoa - pode contribuir para ampliar o nosso entendimento sobre essa questão, e,

assim, nos ajudar a melhor compreender a relação *menções de si/identidade/ethos* no gênero AC de História e Sociologia. Entretanto, julgamos necessário efetuarmos uma pequena adaptação: levando-se em conta as semelhanças das funções *Eu arquiteto* e *Eu narrador do processo de pesquisa*, elas foram reunidas em uma única categoria - a do *Eu arquiteto*. Assim, o termo *Eu arquiteto* será aqui empregada tanto para referir-se ao emprego do pronome na função de *arquitetura da pesquisa*, como também para a *arquitetura* (ou organização) *da estrutura textual*.

As Tabelas 15 e 16 apontam as ocorrências das funções do *Eu* em nossos artigos:

Tabela 15 – Funções Identitárias do *Eu* nos artigos de autoria individual⁴³

Disciplinas	EU Representativo	EU Guia		Eu Arquiteto		Eu Portador de Opinião		Eu Originador	
	(plural)	Sing.	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural
História	9 4,7%	51 26,7%	41 21,5%	19 10%	9 4,7%	31 16,2%	19 10%	7 3,7%	5 2,6%
Sociologia	32 10,9%	29 9,9%	65 22,1%	27 9,2%	35 11,9%	31 10,5%	58 19,7%	8 2,7%	9 3,1%

Tabela 16 – Funções Identitárias do *Eu* nos artigos de coautoria

Disciplinas	EU Representativo	EU Guia	Eu Arquiteto	Eu Portador de Opinião	Eu Originador
História (02 artigos)	01 4,8%	11 52,4%	4 19%	4 19%	1 4,8%
Sociologia (03 artigos)	5 9,1%	15 27,3%	14 25,4%	19 34,6%	2 3,6%

Ao atentarmos para os dados da Tabela 15, constatamos que há um contraste entre as duas disciplinas: nos artigos de História, prevalece o uso dos pronomes na forma *singular* em todas as funções do EU na extensão do *continuum*, enquanto que, nos AC's de Sociologia se dá exatamente o contrário: prevalece a forma *plural* dos pronomes em todas as funções identitárias do EU. Aliás, já comentamos esta variação, apontada pela Tabela 13, e esta tendência se confirma também aqui, no *continuum* das funções do EU. Essas escolhas discursivas são guiadas pelas convenções retóricas das respectivas comunidades. Vamos conferir algumas ocorrências das diversas funções do *EU* em nossos artigos:

Eu representativo

Como mostra a Tabela 15, o *Eu representativo* registrou uma frequência maior nos artigos de Sociologia. Devemos lembrar que essa função é evidenciada especialmente pelo pronome de 1ª. pessoa do plural (*Nós*):

⁴³ Foram considerados apenas os artigos de autoria individual, que são 18 em História e 17 em Sociologia.

História

(140) O golpe de 64, bem **sabemos**, não foi um raio em céu azul...[AH7].

(141) Um exercício de construção política difícil de entender se partirmos de um outro pressuposto: o de que **somos** mais do que um lugar de simbiose histórica. [AH2].

(142) **Sabemos** que tanto o defensor como o oponente podem ser o alvo de uma *complexio*, com resultados muito diferentes. ÁH18].

Sociologia

(143) Ou seja, **nascemos** em transformação, **vivemos** em transformação, **estamos** em transformação. [AS12].

(144) **Estamos** condenados a uma *insustentável leveza do ser*. [AS15].

(145) Trata-se da noção de *familismo amoral*, cunhada há mais de quarenta anos pelo sociólogo norte-americano Edward Banfield, a fim de caracterizar aquilo a que dava o nome, numa linguagem à qual também já não **estamos habituados**... [AS1].

A *função representativa* do EU representa uma voz geral, abrangente, que pode representar a comunidade científica da qual o escritor é participante. Esta função, segundo Tang e John (1999) pode sinalizar que o escritor é um membro da comunidade, na medida em que ele demonstra conhecimento dos fatos e compartilha opiniões que são aceitas por outros colegas. O uso do pronome, na função representativa, indica um conhecimento compartilhado entre escritor e leitor, é também um tipo de *Nós Inclusivo* - postulado por Kuo (1999), como vimos. Tal estratégia retórica é usada a fim de criar uma identidade com os interesses, valores e crenças aceitas na comunidade, portanto, é também uma forma de exibir disciplinaridade.

Sem perder de vista a idéia de *continuum* da força autoral, veremos algumas ocorrências da função *Eu Guia*.

História

(146) Após duas imagens comparativas da cidade, às quais **retornarei** adiante, seguem mais duas imagens de praças ... [AH10].

(147) Conforme **disse** antes, é possível que a ausência dos cauíns esteja relacionada a um determinado viés documental. [AH20].

(148) **Voltemos** às canções. [AH1].

(149) **Vejamos**, então, o primeiro caso criminal de Cícero... [AH18].

Sociologia

(150) Como **aponto** alhures, a teoria da *práxis* ou *praxiologia* de Bourdieu...[AS15].

(151) O índice de *mobilização política*, de que **falarei** a seguir ...[AS1].

(152) Mas a isto **voltaremos** depois. [AS15].

(153) Como **veremos** adiante, o predomínio dos interesses... [AS14].

Essa função do *Eu* sinaliza claramente as marcas da interatividade na escrita, diz respeito aos “traços de interatividade que estabelecem uma relação direta do escrevente com seu interlocutor” (Marcuschi, 1999:139). A presença do *Eu* como *Guia* é bem marcante nas duas disciplinas, mas com maior intensidade em História. A interatividade com o leitor é uma característica fortemente marcada nas ciências humanas e sociais, devido ao caráter mais interpretativo e argumentativo destas áreas científicas. Mas o predomínio da função *Guia* nos pronomes pessoais usados nos AC’s de História, provavelmente se explica pela forte presença da estrutura *narrativa* na análise dos dados, e esse fator certamente favorece uma interação mais efetiva com o leitor.

O *Eu* Arquiteto

Devemos lembrar que, além da *arquitetura textual*, incluímos aqui a função do *Eu arquiteto da pesquisa*. Os pronomes pessoais, nesta função, são empregados freqüentemente na *introdução* do artigo. Acreditamos que, ao fazer a apresentação do seu trabalho científico através dessa escolha discursiva, o escritor também apresenta a si mesmo ao leitor como *agente* de sua pesquisa. Por essa razão, o *Eu arquiteto* apresenta um maior grau de poder persuasivo, segundo o modelo do *continuum* de Tang e John. Vejamos algumas ocorrências:

História

(154) Para analisar a mensagem fotográfica elaborada pela fotógrafa durante sua permanência no Brasil, **pretendo**, primeiramente, relacionar a produção brasileira... [AH8].

(158) Neste artigo, **trato** da escrita de biografias ... **analiso** as condições sob as quais a escrita das vidas de brasileiros... [AH5].

(159) Dentro desta tradição de análise, **vamos propor** outras considerações ... [AH1].

(160) **Interessamo-nos**, em **nossa** pesquisa, que visa analisar em detalhes o pensamento político... **Procedemos** pela análise do modo como Cícero movia sua audiência ... [AH18].

Sociologia

(161) Quanto ao que se passa no Brasil, não **entrarei**, naturalmente, em pormenores. **Limitar-me-ei** a admitir que alguns dados apresentados por Murilo de Carvalho... O que **pretendo fazer** nesta primeira parte desta exposição é explorar empiricamente... [AS1].

(162) **Apresento**, primeiro, os detalhes do ajuste fiscal dos estados ... [AS5].

(163) A seguir, **apresentaremos** um estudo de caso que desenvolve tal problemática ... **buscaremos** compreender como os interesses de um segmento...primeiramente, **trataremos** do modo como a participação dos agricultores ...e, posteriormente, **abordaremos** as contradições do perfil concreto dessa participação. [AS14].

(164) Para marcar as mudanças ocorridas no tratamento do tema, **vamos fazer** uma comparação entre os três trabalhos pioneiros... [AS19].

Pelos exemplos acima, podemos verificar a expressão de posicionamentos mais firmes dos escritores perante as suas pesquisas, percebemos um envolvimento pessoal mais forte do que nas funções do *Eu representativo e guia*. Podemos afirmar que todas essas manifestações das menções de si, por meio dos pronomes de 1ª. pessoa, são marcas da interatividade do escritor com o leitor. Mas, a função do *Eu arquiteto*, acrescenta um ethos de pesquisador engajado na comunidade científica, ao evidenciar os posicionamentos pessoais do escritor na atividade de pesquisa e em sua comunicação. Percebe-se uma preocupação maior do escritor na construção da imagem de si, ao assumir claramente a autoria da investigação científica, e mostrar-se como um membro efetivo do grupo social de pesquisa, em sua comunidade.

Normalmente, o *Eu Arquiteto* funciona, sintaticamente, como *sujeito* da oração, o que confere uma maior visibilidade à imagem do escritor, como podemos conferir nos exemplos mostrados.

Os dados também apontam variabilidade disciplinar, quanto à frequência do *Eu Arquiteto*, que, de forma geral, apresentou um índice mais elevado nos artigos de *Sociologia*. Devemos também lembrar que a frequência dos *verbos de elocução*, na categoria indicadora de *Atos de Pesquisa* foi maior também nos artigos de Sociologia (cf. Capítulo 3). Acreditamos que esses dados podem indicar traços das peculiaridades

epistemológicas da disciplina, pois, como já sinalizamos, em Sociologia, há uma maior preocupação em estabelecer *generalizações* e discutir questões *teórico-conceituais*. Notamos também que, em Sociologia, há uma maior preocupação em detalhar a *metodologia* da investigação científica. Isto é visível, sobretudo na seção de *Introdução* dos artigos – como evidenciado no Capítulo II – esta seção é mais elaborada no sentido de apresentar a arquitetura do texto e da pesquisa. Conseqüentemente, há uma maior demanda pelo uso do *EU* na função *arquiteto*.

Prosseguindo nesse *continuum* de funções identitárias, vamos verificar as ocorrências do *Eu Portador de Opinião*, em nossos artigos:

História

(165) Ao **argumentar** que existe uma pluralidade de identidades femininas, **ressalto** que a síntese das identidades vai se dar na tensão performativa a partir da reserva pessoal ... [AH14].

(166) Cabe ainda ressaltar que não **pressuponho** história e biografia como gêneros puros ou inalteráveis em suas disposições... [AH5].

(167) Tal exercício, **a meu ver**, se reveste não apenas de legitimidade acadêmica, como também, e sobretudo, de relevância política... [AH16].

(168) Poder-se-ia atribuir esse detalhe a um descuido do fotógrafo. No entanto, **interpreto** esse aparente ‘descuido’ como intenção do fotógrafo em deixar visível na fotografia o seu ponto de observação. [AH10].

Sociologia

(169) Por outra via, **podemos dizer** que essas alterações foram cruciais para o fortalecimento da supremacia constitucional em detrimento da supremacia parlamentar...[AS10].

(170) **Devemos insistir** aqui na questão das representações e categorias do discurso porque não há realidade social que seja pré-discursiva. [AS8].

(171) **Estou seguro** de que uma leitura dessas imagens facultará um reconhecimento menos anacrônico das intenções visadas pelos autores à época de sua feitura. [AS12].

(172) Tal ‘heterodoxia’ seria, **do meu ponto de vista**, um dos pilares de sustentação do projeto acadêmico de Antonio Candido e de seu grupo... [AS20].

Verificamos, nas ocorrências apontadas, que o *Eu portador de opinião* auxilia o escritor na tarefa de apresentar e compartilhar seus posicionamentos e opiniões com seus

pares. Essa escolha linguística se constitui em uma atitude do escritor em adotar as práticas, convenções e discursos de sua comunidade, assumindo uma identidade disciplinar (Hyland, 2002b, Tang, 2006). Mas também permite que ele expresse os seus próprios pontos de vista, perspectivas, interpretações e, desse modo, se posicione frente aos argumentos de outros estudiosos.

Conforme a Tabela 15, a função do *Eu portador de opinião* foi representativa nas duas disciplinas, com variações na forma singular e plural. Mas, em alguns casos, as fronteiras de uma função para outra não são nítidas, daí a idéia de *continuum*. Observemos os exemplos abaixo:

(173) Neste breve texto, **procuramos argumentar** que o movimento político-militar de abril de 1964 representou, de um lado, um *golpe* contra as reformas sociais ...[AH7].

(174) Por fim, **evidenciamos** que, como partícipe da organização do Estado, aquilo que estamos chamando de “representação das associações profissionais” envolveu, igualmente, uma discussão conceitual, cujos reflexos são de ordem terminológica. [AS7].

Estas ocorrências figuram na parte introdutória do artigo, e os pronomes pessoais funcionam aqui como *arquitetos* do texto e da pesquisa e, ao mesmo tempo, evidenciam as opiniões e argumentos do escritor. Essa ‘transição’ de funções no *continuum* é ainda mais visível, quando comparamos a função do *Eu portador de opinião* com o *Eu originador*, momento em que o escritor, geralmente, apresenta as contribuições de sua pesquisa científica, e aponta o que é novo no conhecimento disciplinar. Na verdade, essas duas funções são fortemente argumentativas. A argumentação, aliás, é uma característica própria das ciências humanas (Romualdo, 2008). Veremos alguns exemplos encontrados em nossos artigos, a fim de visualizar melhor a função do *Eu Originador* no *continuum*.

História

(175) Não obstante compartilharmos da tipologia da poética política de Chico Buarque, proposta por Adélia Meneses (nostalgia/crítica/utopia), **sublinhamos** que as três dimensões do tempo correspondente – ontem – hoje – amanhã – não se anulavam, mas faziam parte da estilizada identidade do ser no tempo...[AH1].

(176) Ao analisar a representação feminina no Executivo e Legislativo municipal de Ponta Grossa, **constatamos** que as mulheres possuem pequena representação. Na história dos cargos executivos não há um único registro, e, no legislativo, a representação das mulheres ainda é ínfima, como pode ser constatado na tabela 1. [AH14].

(177) Vimos que não há um único tipo de malandro, ao contrário, parece haver mesmo um sistema da malandragem em que o malandro do morro se veste diferente do malandro da Lapa... O fato é que o *guarda-roupa* do malandro, se assim **nos podemos expressar**, metaforicamente, acerca das variações de estilo e da multiplicidade de ornamentos ... é extremamente rico em simbolismos e significados sociais. [AH19].

(178) O paradoxo, no entanto, esboroa-se no momento em que **percebo** que essas imagens de obras várias, que expõem o corpo da cidade de forma tão ‘desrespeitosa’, exibem o trabalho sobre o corpo de uma cidade revolvida por pás e picaretas e de cujo processo de transformação deverá surgir uma nova cidade de fisionomia almejada pelos produtores da edição. [AH10].

Sociologia

(179) **A idéia que sustento** é que o formulismo, a rigidez e a própria morosidade dos procedimentos administrativos não são, como os discursos oficiais querem fazer crer, meras ineficiências susceptíveis de desejáveis correções; pelo contrário, do ponto de vista político, são instrumentos funcionais, se não deliberados, *de poder, do poder.*” [AS1].

(180) Por isso **prefiro dizer** que o inglês é uma língua mundial e não global, pois **preservo**, na afirmação, a diferença entre a diversidade da esfera cultural diante da unicidade dos domínios econômico e tecnológico. Sua mundialidade se dá no interior de um universo transglóssico habitado por outros idiomas. O leitor pode aceitar ou não **minha proposição**, considerá-la relevante ou insuficiente, mas somente **pude** elaborá-la porque a língua portuguesa possui termos distintos, que podiam ser investidos de termos diferenciados... [AS2].

(181) **Penso** que a conjunção de uma teoria da dominação como a de Pierre Bourdieu, apta a deslindar as estruturas de poder simbólico dentro da sociedade e que fornece elementos e categorias de análises poderosas – como a de *campo e habitus, trajetórias sociais e biografia coletiva*, com uma técnica apurada de entrevista focada como a de Merton, permite a realização de pesquisas profundas, nas quais serão levadas em conta tanto a subjetividade individual contida nas histórias de vida, quanto as idiosincrasias do espaço social [AS15].

(182) Em síntese, **podemos** apontar ao menos dois processos essenciais envolvidos nesta *fixação*. O primeiro deles se refere à manutenção da situação social (e não natural) de ausência de água no cotidiano dos peque os produtores rurais do município...o segundo processo de fixação-de-fronteiras está diretamente relacionado com a frágil situação desses agricultores dentro da estrutura regional de gestão de águas... [AS14].

Como se vê, as funções do *Eu Portador de Opinião* e *Eu originador* podem ser vistas, praticamente, como uma única função: a de apresentar argumentos. A função *originadora* do *Eu*, segundo Tang e John (1999) é o resultado de uma progressão natural do *Eu Portador de Opinião*, e evidencia os posicionamentos mais contundentes do escritor, revelando suas proposições inovadoras. E essa percepção se torna mais clara ao

procedermos à leitura de todo o artigo, pois se trata, realmente, de uma progressão das opiniões e pontos de vistas gerais do escritor para o seu posicionamento particular sobre o argumento principal - proposto a ser discutido no início do texto. Enfatizamos que esta é considerada por Tang e John (1999) a mais poderosa função persuasiva do pronome de 1ª. pessoa, porque apresenta o escritor como pensador e como originador de conhecimento em sua comunidade.

Como podemos constatar pelas Tabelas 15 e 16, houve uma baixa frequência do *Eu originador* nos artigos de História e Sociologia. O estudo de Tang e John (1999:534) também constatou um baixo índice dessa função, a saber, apenas **5,61%**, de um total de 92 ocorrências. Para os autores, o distanciamento é um mecanismo de proteção usado pelo escritor no momento de declarar novos posicionamentos ou alegações. Segundo Hyland (2002b:354), a objetividade ou estilo impessoal faz com que o escritor subordine sua própria voz à voz dos seus resultados. Mas esta escolha, segundo o autor, pode levar o escritor, principalmente o estudante ou escritor emergente, a correr o risco de não estabelecer uma identidade de efetiva autoridade, e, conseqüentemente, não obter sucesso em seus argumentos acadêmicos.

Talvez seja esta também a explicação para a menor frequência dessa função do *Eu*, nos artigos que analisamos, ou seja, a opção por subordinar a própria voz à voz dos achados científicos. Constatamos também que, em alguns casos, os escritores empregaram largamente os pronomes de primeira pessoa, até mesmo para expressar opiniões mais gerais, aceitação das teses de outros cientistas, etc. No entanto, na seção de *Conclusão* do artigo, momento de expressar os achados da pesquisa, ele, normalmente, faz uso da estrutura passiva, mantendo distanciamento e impessoalidade. Isso ocorreu, por exemplo, em um dos artigos de História, que registra um elevado índice de menção de si, pelos pronomes de 1ª. pessoa, responsável por 90% da frequência dos pronomes de 1ª. pessoa do singular, e por 58,6% do uso dos pronomes de 1ª. pessoa, em geral. Entretanto, na *Conclusão* do artigo não há forma alguma da manifestação de si. Assim começa a *conclusão* do artigo:

(183) Nesse sentido, **este artigo evidenciou** uma discussão sobre os conceitos de Gênero, Estado e Espaço Urbano ... concluindo que o acesso das mulheres ao Estado pode ser visível... É então no movimento que **se percebe** que centro e margem estão simultaneamente juntos e separados... [AH14].

Para alguns estudiosos, a estrutura passiva é considerada uma forma de atenuar as proposições, uma estratégia usada para a preservação da face (Rosa 1992, Hyland, 1995, 1996). Acreditamos que a estratégia do distanciamento e impessoalidade adotada pelo escritor se explica pela necessidade de adequar-se às variadas audiências acadêmicas, pois, como já salientamos, a menção de si ainda é vista negativamente por alguns acadêmicos.

Mas há também conclusões estruturadas com menções de si, através dos pronomes de 1ª. pessoa - singular e plural, sendo esta última, a forma mais frequente. Dos vinte artigos de História, encontramos apenas **cinco artigos** (25%), cujas *conclusões* apresentam *menções de si*, sendo que dois dos cinco artigos foram escritos em coautoria. Já em Sociologia, encontramos um maior emprego da presença explícita do *Eu* nas seções de *Conclusão* dos artigos, ou seja, **nove artigos**, 45% do total, sendo um de coautoria. Deste total, quatro empregaram a forma singular do pronome. A seguir, mostramos alguns exemplos:

Menções de si na *Conclusão* do AC

História

(AC/coautoria)

(184) Concluindo, **podemos afirmar** que a Revista D.E. reuniu, entre editores, autores e público leitor, um grupo de intelectuais que, nos anos sessenta do século passado, estavam identificados, a seu modo, com a temática da latino-americanidade. [AH4].

(AC/ autoria individual)

(185) Conforme **disse antes**, é possível que a ausência dos cauins esteja relacionada a um determinado viés documental. [AH20].

Sociologia

(AC/ autoria individual)

(186) Portanto, **concluímos** que a análise de um fenômeno judicial com forte implicações políticas, ... pode ser significativamente melhor compreendido se os aspectos institucionais forem levados em consideração. [AS10].

(187) Por fim, **gostaria** de citar um personagem da rica literatura de Calvino que, a **meu ver**, contém a imagem metafórica da busca por algo que se perdeu no tempo. [AS11].

(AC/coautoria)

(188) A principal conclusão da **nossa pesquisa** sugere que as ONGs ambientalistas, atuando em conjunto com o governo, são um eficiente instrumento de planejamento e execução de políticas públicas na área ambiental. [AS8].

Pela indicação dos dados, notamos que os escritores ainda se mostram, de certa forma, *tímidos* para assumir uma postura pessoal na *conclusão* de suas investigações científicas. Todavia, na análise geral dos artigos, ao considerarmos a prática da autocitação e o emprego dos pronomes de 1ª. pessoa, constatamos que as convenções da impessoalidade não prevalecem no gênero artigo científico de História e Sociologia, embora haja variações na forma e frequência das menções de si.

Há também alguns casos – apenas nos AC's de Sociologia - em que a autocitação e o pronome pessoal de 1ª. pessoa foram empregados de forma concomitante, conforme verificamos nas ocorrências seguintes:

(189) Com efeito, **eu próprio** já **me** havia deparado, na década de 1980, com algo semelhante à estrutura e às funções desse *familismo amoral*, no **meu próprio trabalho**... [AS1].

(190) Retiro um exemplo de **minha própria pesquisa**, quando **propus**, faz algum tempo, uma distinção conceitual entre 'mundialização' e 'globalização'. [AS2].

(191) A hipótese proposta em **meu livro** *Em busca do povo brasileiro*... [AS18].

(192) Desde o **meu primeiro inquérito** sobre as atitudes da população portuguesa ante o crescimento econômico, em 1991, aquilo que saltou à vista não foi tanto a privação econômica... [AS1].

Nos exemplos acima, vemos claramente a menção de si sendo empregada para tornar o argumento ainda mais forte, em uma tentativa de demonstrar que as obras citadas, como também os próprios *nomes* desses autores gozam de prestígio acadêmico em suas respectivas comunidades científicas. Para Harwood (2005), a combinação da autocitação com o uso de pronomes pessoais produz um efeito de grande poder persuasivo. Tais escolhas discursivas exibem uma *marca* do escritor e de seus argumentos no texto, expressam *agência* e, portanto, favorece a construção de um *ethos de competência disciplinar*.

Assim, a escrita acadêmica “não é uniformemente *sem cara*”⁴⁴ (Hyland, 2002b:352) ou destituída de identidade. Os dados mostram a existência de algumas regularidades nas formas e frequência das *menções de si*, no gênero AC, nas duas disciplinas. Por exemplo, constatamos o emprego de autocitações e de pronomes pessoais e possessivos de 1ª. pessoa, tanto nos artigos de História, quanto nos de Sociologia. Todas as funções identitárias do *EU* – conforme a proposta do *continuum* de Tang e John (1999) - foram encontradas nos artigos das duas disciplinas. Porém, confirmando uma das hipóteses da nossa pesquisa, não encontramos *uniformidade*, constatamos variações na frequência, nas formas estruturais da autocitação, na decisão pela escolha do pronome pessoal - singular ou plural, na decisão pelos distintos graus de pessoalidade ou impessoalidade, entre outras. Aliás, a própria linguagem e os gêneros não são uniformes, pelo contrário, se caracterizam pela heterogeneidade e diversidade. Sobre esta característica da escrita acadêmica, assim se pronuncia Balloco, (2007:629):

...há diferenças de várias ordens no interior do discurso acadêmico, começando pelas diferenças entre disciplinas. Não se escreve da mesma forma em literatura ou em lingüística: há modos de argumentar, de sustentar um argumento, ou de produzir conhecimentos diferenciados na academia, em diferentes áreas disciplinares. Assim, a noção de discurso disciplinar implica uma determinada visão teórica das disciplinas: as diferenças entre disciplinas são muito mais do que diferenças epistemológicas (ou diferenças de conteúdo): as diferenças são vistas cada uma como uma cultura, com regras próprias de interação social e com práticas discursivas específicas.

As variações trazem, portanto, marcas da *cultura disciplinar*, e essa cultura é alimentada e recriada pelos padrões sociais e convencionais da comunidade que afeta os indivíduos, ou seja, o *habitus* de que fala Bourdieu (apud Hanks, 2008) e os *frames* especializados (Dressen-Hammouda, 2008), os quais constroem a *identidade* disciplinar.

Vale ressaltar as declarações de Ivanic (1998:32, *apud* Hyland 2001a:210) sobre a questão da identidade e sua relação com a escrita: “A escrita é, particularmente, uma forma saliente de ação social para a negociação de identidades, porque o texto escrito é deliberado, potencialmente permanente e usado como evidência de muitos propósitos sociais.”⁴⁵ Ao adotar as práticas e discursos de uma comunidade, ao mesmo tempo, os escritores adotam essas perspectivas e interpretações, compartilhando pontos de vistas,

⁴⁴ *My results suggest that academic writing is not uniformly faceless ...*

⁴⁵ *Writing is a particularly salient form of social action for the negotiation of identities, because written text is deliberate, potentially permanent and used as evidence for many social purposes.*

argumentos e convenções. Trata-se do *habitus* e *frames* (Dressen-Hammouda, 2008) específicos da comunidade que são incorporados na identidade do escritor.

Desse modo, a prática da menção de si ajuda na construção de posicionamentos específicos, sendo também considerada uma forma de promover o próprio *nome* do escritor (Hellsten et al, 2007). E isto significa construir uma imagem positiva de si, e pode ajudar o orador a ocupar uma posição institucional de respeito acadêmico. Segundo Marinkovich & Benitez (2000:121): “O ethos profissional de um cientista não depende somente de como as audiências percebem sua competência, mas também de como se considera o ‘lugar’ que esse cientista ocupa em sua comunidade científica legitimadora”.⁴⁶ E a conquista de tal *posição* na comunidade científica é um constructo social, também construída discursivamente.

Talvez possamos associar essa *posição legitimadora* que o escritor pode adquirir na comunidade com a idéia de *estereótipo*, no sentido postulado por Amossy (2005). Para a autora, a persuasão pode ser construída não somente pela força dos argumentos verbais, ela deriva também da posição social e institucional que o autor ocupa, por “jogos de poder simbólicos” (Amossy, 2005:135).

Para desenvolver o seu pensamento, Amossy (2005) recorre às noções de *doxa*, *ethos prévio* (ou *pré-discursivo*) e *estereotipagem*. A *doxa* é definida como: “o saber prévio que o auditório possui sobre o orador. Essa imagem pública intervém, sobretudo, quando se trata de uma personalidade há muito conhecida” (Amossy, 2005:124-125). O *ethos prévio*, correspondente ao *ethos pré-discursivo* de Mainguenu (2005), diz respeito, segundo Amossy (2005), à idéia que o orador faz de seu auditório e da maneira pela qual será percebido, no momento em que toma a palavra. Por meio do *ethos prévio* o locutor “avalia o impacto sobre seu discurso atual e trabalha para confirmar sua imagem, para reelaborá-la ou transformá-la e produzir uma impressão conforme as exigências de seu projeto argumentativo” (Amossy, 2005:125). Já a *estereotipagem*, que segundo a autora desempenha papel essencial no estabelecimento do ethos, é definida como:

a operação que consiste em pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado. Assim, a comunidade avalia e percebe o indivíduo segundo um modelo pré-construído da categoria por ela difundida e no interior da qual ela o classifica (Amossy, 2005:125-126).

⁴⁶ *El ethos profesional de un científico no sólo depende de como las audiencias perciben su competencia, sino también de cómo se considera el ‘lugar’ de ese científico dentro de la comunidad científica legitimadora.*

Para Amossy (2005), a posição institucional do orador lhe confere algum grau de legitimidade que pode suscitar uma imagem prévia ou um ethos pré-discursivo, já presente na “bagagem dóxica” dos interlocutores, que é mobilizado pelo enunciado em uma situação. A autora ainda acrescenta que o *estereótipo* pode ser evocado no jogo da interação verbal, por um nome, uma assinatura, papéis preexistentes, ou elementos lacunares em uma representação familiar para o leitor, como a imagem de um “*intelectual engajado*, o humanista, o homem do campo, etc.” (Amossy, 2005:137). (grifo nosso).

Acreditamos, então, que a representação de si na escrita acadêmica - cujas marcas podem ser encontradas na autocitação e no uso dos pronomes pessoais - pode ser um dos modos de apreender esse *estereótipo* de ‘intelectual engajado’ no nível da enunciação. Esse engajamento, por sua vez, se associa aos *esquemas coletivos* que constroem o *estereótipo* como elemento da construção do ethos, pois o escritor “adapta sua imagem de si aos esquemas coletivos que ele crê interiorizados e valorizados por seu público-alvo” (Amossy, 2005:126). Em outras palavras, podemos afirmar que o escritor cria uma *identidade* com os *esquemas coletivos* – que, a nosso ver, se relacionam aos *frames* e *habitus* que integram o conjunto de práticas convencionais da cultura disciplinar, valorizados pela comunidade científica de História e Sociologia - público-alvo e audiência do escritor do gênero artigo científico, objeto deste estudo.

CONCLUSÃO

Procuramos mostrar, neste trabalho, que o *artigo científico* das comunidades disciplinares de História e Sociologia evidencia um conjunto de práticas sócioretóricas – construção de *títulos, organização estrutural, citações, representação de si* – que apresentam algumas regularidades, mas também se caracterizam pela diversidade. Estaremos, então, pontuando os principais aspectos de similaridades e variedades desse gênero, nas duas disciplinas.

Como vimos no segundo capítulo, os *títulos* dos artigos das duas disciplinas apresentam uma extensão média de 11,7 palavras, mas, se considerados individualmente, os títulos dos artigos de História são maiores do que os de Sociologia. Quanto ao aspecto estrutural, a *forma nominal composta* predomina nos títulos dos AC's das duas disciplinas, porém, com um índice bem mais elevado em História. Percebemos também uma diferença considerável, ao compararmos a frequência dos títulos estruturados na forma *nominal simples* – 20% nos artigos de História, e um índice de 45% em Sociologia.

Em se tratando do padrão de organização retórica, os dados apontam que a estrutura IMRD não é adotada rigidamente nos artigos das duas disciplinas, uma vez que não encontramos nenhum artigo com as seções de *Metodologia, Resultados e Discussão*, explicitamente identificadas. No entanto, registramos, nos artigos das duas disciplinas, ocorrências explícitas das seções de *Introdução* - com maior concentração nos artigos de Sociologia - e *Conclusão*, com frequência equilibrada nas duas disciplinas.

A ausência da identificação das seções de *Metodologia, Resultados e Discussão*, nos artigos do nosso *corpus*, pode ser explicada pela natureza epistemológica da ciência histórica e sociológica, uma vez que a investigação científica nessas disciplinas, não se processa com dados experimentais, mas com dados sociais e históricos. Ademais, apesar de a organização retórica dos artigos não seguir o padrão IMRD, a *metodologia* do estudo é apresentada na maioria dos artigos, geralmente, na parte introdutória. E os *resultados* e a *discussão* dos dados não são apresentados separadamente, mas se imbricam no processo argumentativo e, particularmente em História, também nos relatos e narrativas.

Devemos também assinalar a ocorrência de variação em outro aspecto da estrutura organizacional dos artigos: a ausência total de divisão do AC em seções. Em História, encontramos 08 artigos (40%) com esse formato, enquanto que, em Sociologia, registramos a ocorrência de 04 artigos (20%). Essa constatação nos remete à observação de

Kuo (1999:122), segundo a qual, até o século XIX, os métodos, os resultados e achados da pesquisa científica não se constituíam como foco central do AC. Esse gênero, segundo o autor, se caracterizava mais pela *descrição e narração* – talvez por ainda carregar traços do gênero carta, considerada a forma embrionária do AC (Swales, 1990; Bazerman, 2005). Assim, o índice de 40% de artigos, cuja organização retórica não apresenta divisão em seções, talvez possa sinalizar um traço específico da tipificação dos artigos de História, posto que a construção do conhecimento histórico se associa, intrinsecamente, à estrutura de relatos e narrativas (MacDonald, 1994).

Voltando-nos para as citações - formas estruturais, frequência e funções retóricas, incluindo aí os verbos de elocução empregados, verificamos uma concentração mais elevada de citações nos artigos de Sociologia e, em História, uma frequência menor. Procuramos mostrar que as peculiaridades relacionadas ao processo de pesquisa científica, nas respectivas disciplinas, podem explicar essa variação, como por exemplo, os próprios dados da investigação histórica, que, frequentemente se constituem de fontes documentais, e, ao mesmo tempo, servem de exemplificação para sustentar os argumentos do escritor. Ademais, conforme Holmes (1997:328) observou, em História, a revisão de literatura não costuma ser extensa.

Em relação ao aspecto estrutural, vimos que as *citações não-integrais* prevalecem nas duas disciplinas, com frequência equilibrada. Todavia, em História, parece ser consenso a adoção do *sistema numérico*, enquanto que, em Sociologia, são empregados tanto o *sistema numérico*, quanto o *sistema autor-data*. Também encontramos variações nas maneiras de citar integralmente, isto é, em História, predomina a posição sintática autor-sujeito, e em Sociologia, prevalece, sintaticamente, a posição autor não-sujeito. Ainda no tocante às citações integrais, observamos nos artigos das duas disciplinas - com maior força em História - que a referência ao autor é feita, na maioria das vezes, pelo seu nome completo, em vez do uso de sobrenome/data, forma mais comum.

Os nossos dados apontam também que as *paráfrases* prevalecem fortemente sobre as *citações diretas*, tanto nos artigos de História, quanto nos de Sociologia, com frequência equilibrada. Essa preferência pela *paráfrase* parece ser um consenso na comunidade acadêmica, e, pode apresentar um maior grau de poder persuasivo, por mostrar as interpretações do escritor amarradas às citações.

Dessa forma, os padrões estruturais das citações do gênero artigo científico de História e Sociologia variam - assim como as demais atividades acadêmicas na construção

do conhecimento - porque são construídos socialmente por membros da comunidade disciplinar. Portanto, a decisão do escritor – de salientar mais ou menos o nome de um autor citado, ou optar pelo maior enfoque nos conceitos ou no tema do trabalho desenvolvido – é também uma decisão da comunidade, do contexto disciplinar. Essas práticas se associam ao conjunto de convenções estabelecidas na interação dos membros da comunidade e têm implicações retóricas. São, pois, os diferenciados tipos de destinatários ou auditórios, e suas particularidades constitutivas, que determinam a diversidade dos gêneros, e “quando se subestima a relação do locutor com o *outro* e com seus enunciados (existentes ou presumidos), não se pode compreender nem o gênero nem o estilo de um discurso” (Bakhtin, 2000:324).

A análise das funções discursivas dos verbos de elocução, empregados para introduzir as citações integrais, também nos revelou alguns importantes aspectos para a compreensão retórica das ações realizadas pelo gênero AC, nas duas disciplinas. Esses verbos realizam diversos atos discursivos e epistêmicos, além de revelar avaliações e julgamentos.

Assim, os nossos dados indicam um elevado índice de verbos de *Atos de discurso* em todos os artigos, mas com uma expressividade maior nos AC's de História, enquanto que, os verbos indicadores de *Atos de pesquisa* e de *cognição* apresentaram uma frequência maior nos artigos de Sociologia. Com base nos estudos teóricos que servem de base para a nossa pesquisa, temos enfatizado que devemos buscar as possíveis explicações para tais diferenças nas especificidades culturais e epistemológicas das disciplinas. Devemos acentuar que as maneiras de construir o conhecimento se diferem entre as disciplinas, o próprio conhecimento científico é concebido de modos distintos, há distinções quanto à natureza dos dados, dos métodos investigativos, como também nas formas de validar os argumentos.

Conforme já salientado, possivelmente o artigo científico de História ainda carrega traços do gênero *carta*, pois, além do estilo formal ser mais diferenciado, as marcas discursivas da interatividade escritor/leitor (Marcuschi, 1999) aparecem com maior intensidade. Isto fica evidente, por exemplo, no maior índice de verbos de relato da categoria de *Atos de discurso*, encontrado nos artigos de História, além de uma alto índice da função do *Eu guia* (artigos de autoria individual e de coautoria) – forma de menção de si que mais expressa interatividade com o leitor, segundo o *continuum* estabelecido por Tang e John (1999).

Aliás, a imagem de si aparece de forma bem marcante nos artigos das duas disciplinas, porém de formas diferenciadas. A média de autocitações é maior nos artigos de Sociologia. O emprego dos pronomes de 1ª. pessoa também apresenta uma frequência variada. A manifestação do *Eu* na forma singular - em artigos de autoria individual – mostrou-se mais acentuada em História, estratégia que acentua mais a *imagem* e as contribuições individuais do escritor para a construção do conhecimento disciplinar. E a forma do *Eu* no plural aparece com maior força em Sociologia, estratégia que enfatiza mais a representatividade do escritor como membro da comunidade disciplinar. As estratégias para persuadir são, portanto, diferenciadas nas duas disciplinas.

Voltando ao *continuum* das funções de poder autoral do *EU* através do emprego dos pronomes de 1ª. pessoa, e considerando a frequência dessas funções distribuídas entre as duas disciplinas, verificamos o seguinte: nos artigos de História (autoria individual), prevalecem o *Eu guia* (singular e plural), *Eu portador de opinião* (plural) e *Eu originador* (plural); já, em Sociologia, predominam o *Eu representativo*, o *Eu arquiteto* (singular e plural), *Eu portador de opinião* (singular) e *Eu originador* (singular). Os artigos de Sociologia abrangem um maior número de funções, todavia, ao considerarmos a frequência, percebemos que a presença do *Eu* é mais acentuada nos artigos de História, porque a função do *Eu guia*, como já afirmamos, apresenta um índice bastante elevado nessa disciplina.

As menções de si na escrita acadêmica, uma prática ainda vista com resistência por alguns estudiosos, manifesta a *agência* e a *identidade* do escritor, conferindo-lhe um ethos de autoria e de credibilidade científica (Hyland, 1999, 2002a, 2002b). Mas as escolhas retórico-linguísticas para a representação de si – e para as demais práticas sócioretóricas – são guiadas pela cultura disciplinar, que inclui o *habitus* e o conjunto de *frames* especializados da comunidade acadêmica da qual participa o escritor (Dressen-Hammouda, 2008; Hanks, 2008).

O gênero artigo científico de *História* e *Sociologia* realiza, portanto, um conjunto de práticas sócioretóricas nas situações de interação das respectivas comunidades, promovendo o engajamento disciplinar (Hyland, 2005). E a construção social do conhecimento nessas disciplinas – que se constitui como um dos principais propósitos comunicativos desse gênero – é um processo essencialmente argumentativo.

O AC é um gênero da comunidade acadêmica e disciplinar (Swales, 1990). Segundo Bazerman (2006:17), os “gêneros de trabalho e de comunidade são formas de

agência acessíveis se as pessoas são preparadas para se engajarem nelas”. Assim, parafraseando o autor, podemos dizer que o gênero artigo científico é uma forma acessível de agência na comunidade disciplinar, se os escritores estiverem preparados para se engajarem nela. Esse preparo, por sua vez, implica numa atitude do escritor no sentido de assumir o conjunto de práticas retóricas e convencionais adotadas pelos membros da comunidade, a fim de construir uma competência disciplinar (Hyland, 2005). Esse processo demanda, então, uma convivência, uma familiaridade do escritor com a epistemologia, as metas e os constructos teóricos de uma comunidade científica. Nas palavras de Bazerman, 2006:68:

A familiaridade com a estrutura social de uma comunidade lhe cerca com posições, papéis, direitos, obrigações, atitudes apropriadas e ações aceitáveis. Você aprende o que precisa fazer e como você deve agir para participar de atividade na comunidade, quais são os graus e extensões aceitáveis de variação e quais as sanções prováveis para eventuais violações.

Em outras palavras, é necessário que o escritor incorpore o *habitus* desse grupo social na perspectiva de construir uma *identidade disciplinar* (Dressen-Hammouda, 2008) e, então, legitimar-se como um membro respeitado de sua disciplina.

Assim, a nossa análise sugere, em primeiro lugar, que o processo persuasivo do gênero artigo científico de História e Sociologia é construído a partir da criação de uma *identidade disciplinar*, que confere aos escritores um *ethos* de *disciplinaridade*. Dessa forma, as escolhas discursivas empregadas na escrita dos artigos do nosso *corpus* - tais como: a escolha dos *títulos*, a *organização retórica*, a *prática das citações* e as *formas de menção de si* – parecem estar diretamente associadas com a busca da *identidade disciplinar*. E como a cultura disciplinar se caracteriza pela heterogeneidade, as práticas discursivas das comunidades variam, afinal as situações retóricas e as comunidades disciplinares de *História* e *Sociologia* se constituem em audiências diversificadas.

REFERÊNCIAS

ABNT. 2003. NBR 6022: *Informação e documentação: artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação*. Rio de Janeiro.

Allen, B; Qin, J; Lancaster, F.W. 1994. Persuasive Communities: A Longitudinal Analysis of References in the Philosophical Transactions of the Royal Society -1665-1990. *Social Studies of Science*. 24: 279-310.

Amossy, Ruth. 2005. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: R. Amossy, (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.

Araújo, Antonia D. 2000. Análise de gênero: uma abordagem alternativa para o ensino da redação acadêmica. In: Mailce B. M. Fortkamp & Lêda Maria B. Tomitch (Orgs.). *Aspectos da lingüística Aplicada: Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular.

Aristóteles. s/d. *Arte Retórica e Arte Poética*. Rio de Janeiro: Ediouro.

Askehave, I. & Swales J. 2001. Genre identification and communicative purpose: A problem and a possible solution. *Applied Linguistics*. 11(2):195-212.

Bakhtin, M. 2000. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.

Balloco, Ana E. 2007. Gênero e identidade: um estudo de caso. In: *4th International Symposium on Genre Studies*, Tubarão: Unisul - Universidade do Sul de Santa Catarina, v. 1, p. 629-638. Disponível em: <http://www.3.unisul.br> . Acesso em 10 de janeiro de 2008.

Balloco, Ana. Padrões de avaliação e de organização textual do artigo acadêmico na área da pesquisa literária em inglês. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Bazerman, C. 2007. *Escrita, Gênero e Interação Social*. São Paulo: Cortez.

Bazerman, C. 2006. *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez.

Bazerman, C. 2005 *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.

Bazerman, C. 1988. *Shaping Written Knowledge: The Genre and Activity of the Experimental Article in Science*. WAC Clearinghouse Landmark Publications in Writing Studies. Disponível em: <http://wac.colostate.edu/books/bazermanshaping> . Acesso em 15/05/2007.

Bezerra, Benedito G. 2006. Gêneros introdutórios em livros acadêmicos. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco.

Burrough-Boenisch, J. 1999. International Reading Strategies for IMRD Articles. *Written Communication*. 16(3):296-316.

Carvalho, Gisele. 2005. Gênero como ação social em Miller e Bazerman: o conceito, uma sugestão metodológica e um exemplo de aplicação. In.: J.L. Meurer, Adair Bonini e Désirée Motta-Roth (Orgs.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola.

Charaudeau, Patrick; Maingueneau, Dominique. 2004. *Dicionário de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto.

Charles, Maggie. 2006. Phraseological patterns in reporting clauses used in citation: A corpus-based study of theses in two disciplines. *English for Specific Purposes*. 25:310-331.

Cherry, Roger D. 1998. Ethos Versus Persona: Self-Representation in Written Discourse. *Written Communication*. 15:384-410.

Coracini, M. J. 1991. *Um fazer persuasivo: o discurso subjetivo da ciência*. Campinas-SP: Pontes.

Costa, Adriano R. 2003. O gênero textual artigo científico: estratégias de organização. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

Dionísio, Angela P. 2001. Formas de referência a autores em textos acadêmicos produzidos por alunos e professores de português. *Investigações: Linguística e Teoria Literária*. 13:233-245.

Dressen-Hammouda, Dacia. 2008. From novice to disciplinary expert: Disciplinary identity and genre mastery. *English for Specific Purposes*. 27:233-252.

Eggs, E. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. 2005. In: R. Amossy (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.

Ferreira, Aurélio B. de H. 1986. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Garcia, Othon M. 1981. *Comunicação em prosa moderna: aprendendo a escrever, aprendendo a pensar*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

Gilbert, G. N. 1977. Referencing as persuasion. *Social Studies of Science*. 7:113-122.

Gilbert, G. N. 1976. The transformation of research findings into scientific knowledge. *Social Studies of Science*. 6:281-306.

Goffman, E. 2007. *A representação do Eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes.

Haggan, M. 2004. Research paper titles in literature, linguistics and science: dimensions of attraction. *Journal of Pragmatics*. 36:293-317.

Hanks, William F. 2008. *Língua como prática social: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin*. São Paulo: Cortez.

Harwood, Nigel. 2005. Nowhere has anyone attempted ... in this article I aim to do just that a corpus-based study of self-promotional I and We in academic writing across four disciplines. *Journal of Pragmatics*. 37:1207-1231.

Hellsten, I. *et al.* 2007. Self-citations, co-authorships and keywords: A new approach to scientists' field mobility? *Scientometrics*. 72(3):469-486.

Hemais, B. & Biasi-Rodrigues, B. 2005. A proposta sócio-retórica de John M. Swales para o estudo dos gêneros textuais. In.: J. L. Meurer, A. Bonini, A., D. Motta-Roth, (Orgs.) *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial.

Hoffnagel, Judith C. 2005. Gêneros discursivos e a universidade. Anais do *VI Congresso Latinoamericano de Estudios del Discurso*. Santiago, Chile. Disponível em: http://extensionfl.com/linguistica/hosted/6to_congreso/vi_congreso_aled-parte_3.pdf. Acesso em 17/05/2007.

Holmes, Richard. 1997. Genre Analysis, and the Social Sciences: An Investigation of the Structure of Research Article Discussion Sections in Three Disciplines. *English for Specific Purposes*. 16 (4): 321-337.

Hyland, K. 2005. Stance and engagement: a model of interaction in academic discourse. *Discourse Studies*. 7(2):173-192.

Hyland, K. 2002a. Authority and Invisibility: Authorial Identity in Academic Writing. *Journal of Pragmatics*. 34:1091-1112.

Hyland, K. 2002b. Options of identity in academic writing. *ELT Journal*. 56 (4): 351-358.

Hyland, K. 2001a. Humble servants of the discipline? Self-mention in research articles. *English for Specific Purposes*. 20: 207-226.

Hyland, K. 2001b. Bringing in the reader: addressee features in academic articles. *Written Communication*. 18(4):549-574.

Hyland, K. 2000. *Disciplinary Discourse: Social Interactions in Academic Writing*. Essex: Pearson Education.

Hyland, K. 1999. Academic Attribution: Citation and the Construction of Disciplinary Knowledge. *Applied Linguistics*. 20 (3):341-367.

Hyland, K. 1998. Persuasion and Context: The Pragmatics of Academic Metadiscourse. *Journal of Pragmatics*. 30:437-455.

Hyland, K. 1996. Writing Without Conviction? Hedging in Science Research Articles. *Applied Linguistics*. 17 (4):433-454.

Hyland, K. 1995. The Author in the Text: Hedging Scientific Writing. *Hong Kong Papers In Linguistic and Language Teaching*. 18:33-42.

- Kelly, G. J. & Bazerman, C. 2003. How Students Argue Scientific Claims: A Rhetoric-Semantic Analysis. *Applied Linguistics*. 24(1):28-55.
- Kostelnick, C. 2003. *Shaping information: the rhetoric of visual conventions*. Southern Illinois University.
- Kuo, C. 1999. The use of personal pronouns: role relationships in scientific journal articles. *English for Specific Purposes*. 18(2):121-138.
- Lopes Neto, David et al. 2002. Análise de títulos de artigos de pesquisas publicadas em um periódico brasileiro de enfermagem. *Revista Latino Americana de Enfermagem*. Ribeirão Preto, 10 (1).Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em março de 2008.
- MacDonald, Susan P. 1994. *Professional academic writing in the humanities and social sciences*. Southern Illinois University.
- Macedo, Tatiana S.C.L. 2006. A citação como recurso de afiliação acadêmica. Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Mainguenu, D. 2008a. A noção de ethos discursivo. In: Ana R. Motta & Luciana Salgado. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto.
- Mainguenu, D. 2008b. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola.
- Mainguenu, D. 2005. Ethos, cenografia, incorporação. In: R. Amossy (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. São Paulo: Contexto.
- Mainguenu, D. 2001. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez.
- Malufe, J. R. 1992. *A retórica da ciência: uma leitura de Goffman*. São Paulo: EDUC.
- Marcuschi, Luiz A. 2007. A ação dos verbos introdutórios de opinião. In: L. A. Marcuschi, *Fenômenos da linguagem: Reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, Série Dispersos.
- Marcuschi, Luiz A. 2002. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: Angela P. Dionísio, Anna R. Machado e Maria A. Bezerra (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- Marcuschi, Luiz A. 1999. Marcas de interatividade no processo de textualização na escrita. In: *Anais do I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa*. São Paulo: Humanitas, p. 139-156.
- Marcuzzo, Patrícia. 2006. Um estudo de relatos de pesquisa em análise de gênero. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.
- Marinkovich, J. & Benitez, R. 2000. Aproximaciones al análisis intertextual del discurso científico. *Revista Signos*, 33(48):117-128.

Miller, Carolyn R. 1994. Rhetorical Community: The Cultural Basis of Genre. In: Aviva Freedman & Peter Medway. *Genre and New Rhetoric*. London, Taylor & Francis, p.67-78.

Miller, Carolyn R. 1984. Genre as social action. *Quarterly Journal of Speech* 70:151-167.

Moraes, Luciana S. B. 2005. O Metadiscorso em Artigos Acadêmicos: Variação Intercultural, Interdisciplinar e Retórica. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Motta-Roth, D. 2000. Gêneros discursivos no ensino de línguas para fins acadêmicos. In: Mailce B. M. Fortkamp & Lêda Maria B. Tomitch (Orgs.). *Aspectos da lingüística Aplicada: Estudos em homenagem ao professor Hilário Inácio Bohn*. Florianópolis: Insular.

Neves, Maria H. M. 2000. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.

Oliveira, Flávia M. 2003. A configuração textual da seção de metodologia em artigos acadêmicos de Linguística Aplicada. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.

Ozturk, I. 2007. The textual organisation of research article introductions in applied linguistics: Variability within a single discipline. In: *English for Specific Purposes*. 26:25-38.

Paré, A. & Smart, G. 1994. Observing Genre in Action: Towards a Research Methodology. In: A. Freedman e P. Medway (Orgs.). *Genre and New Rhetoric*. London: Taylor & Francis, p. 146-154.

Paul, Danette. 2000. In citing Chaos: A study of the rhetorical use of citations. *Journal of Business and Technical Communication*. 14:185-222.

Pecorari, D. 2006. Visible and occluded citation features in postgraduate second-language writing. *English for Specific Purposes*. 25:4-29.

Perelman, C. & Olbrechts-Tyteca, L. 2005. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes.

Pickard, Valerie. 1995. Citing previous writers: what can we say instead of 'say'? *Hong Kong Papers in Linguistics and Language Teaching*, 18:89-102.

Possamai, Viviane. 2004. Marcadores textuais do artigo científico em comparação português e inglês: um estudo sob a perspectiva da tradução. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Rezende, P. & Hemais, B.. 2004. Análise comparativa de artigos científicos da área de saúde. *The Specialist*. 25(2):131-152.

Ribeiro, Silvana S. 2002. As citações em textos científicos. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco.

Romualdo, Jonas A. 2008. Ethos e discurso científico. In: Ana R. Motta & Luciana Salgado. (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto.

Silva, Lisane F. 1999. Análise de Gênero: Uma Investigação da Seção de Resultados e Discussão em Artigos Científicos em Química. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Maria.

Silveira, Maria I.M. 2005. *Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica*. Maceió: EDUFAL.

Soler, Viviane. 2007. Writing Title in Science: An Exploratory Study. *English for Specific Purposes*. 26:90-102.

Sprecker, Kim. 2002. How involvement, citation style, and funding source affect the credibility of University scientists. *Science Communication*. 24 (1):72-97.

Sullivan, Dale L. 1996. Displaying Disciplinarity. *Written Communication*. 13 (2):221-250.

Swales, J. 1990. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press.

Swales, J. 2004. *Research Genres: Exploration and Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.

Tang, Ramona. 2006. Addressing self-representation in academic writing in a beginner's EAP classroom. *Journal of Language and Learning*. 5 (2):76-85.

Tang, R. & John, S. 1999. The 'I' in identity: exploring writer identity in student academic writing through the first person pronoun. *English for Specific Purposes*. 18:523-539.

Thompson, P. & Tribble, C. 2001. Looking at citations: using corpora in English for academic purposes. *Language Learning & Technology*, 5(3):91-105.

Varttala, T. 2001. *Hedging in Scientifically Oriented Discourse: Exploring Variation According to Discipline and Intended Audience*. Doctoral Dissertation. University of Tampere. Disponível em: <http://acta.uta.fi/pdf/951-44-5195-3.pdf>. Acesso em fevereiro de 2008.

White, Howard D. 2004. Citation Analysis and Discourse Analysis Revisited. *Applied Linguistics*. 25(1):89-116.

ANEXO I

Quadro 1 - Referências aos Artigos Científicos de História

HISTÓRIA			
Periódicos	Ano	Artigo Nº	Referência
História UNESP	2003	01	NAPOLITANO, M. Hoje preciso refletir um pouco: ser social e tempo histórico na obra de Chico Buarque de Hollanda 1971/1978. <i>História</i> , 2003, vol.22, no.1, p.115-134.
	2004	02	Cancelli, Elizabeth. A América do desejo: pesadelo, exotismo e sonho. <i>História</i> , 2004, vol.23, no.1-2, p.111-132.
	2005	03	PIMENTEL FILHO, J. E. Incultura e criminalidade: estereótipos sobre a educação da criança, do jovem e do camponês no século XIX. <i>História</i> , 2005, vol.24, no.1, p.227-246.
	2006	04	REICHEL, H. J, BRONICZACK, A. P. S. e EHLERT, D. A história da América Latina na <i>Revista Desarrollo Económico</i> dos anos sessenta do século passado. <i>História</i> , 2006, vol.25, no.1, p.203-225.
	2007	05	OLIVEIRA, M. da Glória de. Traçando vidas de brasileiros distintos com escrupulosa exatidão: biografia, erudição e escrita da história na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1839-1850). <i>História</i> , 2007, vol.26, n. 1, p.172-196.
Revista Bras. de História ANPUH	2003	06	CARVALHO, Marcus J. M. Os nomes da Revolução: lideranças populares na Insurreição Praieira, Recife, 1848-1849. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2003, vol. 23, n. 45, p. 209-238.
	2004	07	TOLEDO, Caio N. de. 1964: o golpe contra as reformas e a democracia. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2004, vol.24, n. 47, p.13-28.
	2005	08	MAUAD, A M. Genevieve Naylor, fotógrafa: impressões de viagem (Brasil, 1941-1942), <i>Rev. Bras. Hist.</i> , 2004, vol.25, n. 49, p. 43-75.
	2006	09	DUARTE, Regina H. Natureza e sociedade, evolução e revolução: a geografia libertária de Elisée Reclus. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , jan./jun. 2006, vol.26, no.51, p.11-24.
	2007	10	POSSAMAI, Zita R. Narrativas fotográficas sobre a cidade. <i>Rev. Bras. Hist.</i> , jan./jun. 2007, vol.27, no.53, p.55-90.
Revista História Regional	2003	11	FERNANDES, Edson. Família escrava numa boca do sertão, Lenções, 1860-1888. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2003, vol. 8, nº 1, p. 9-30.
	2004	12	SOUZA, Ricardo L. Método, raça e identidade nacional em Silvio Romero. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2004, vol. 9, nº 1, p. 9-30.
	2005	13	CARVALHO, Antonio C. D. Saúde pública: centralização, autoritarismo e expansão dos serviços São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2005, vol. 10, nº 1, p. 9-25.
	2006	14	NABOZNY, Almir. Uma discussão sobre gênero e acesso ao espaço urbano: o paradoxo da participação política cívica e da participação no Estado. <i>Revista Hist. Regional</i> , 2006, vol. 11, nº 1, p. 7-28.
	2007	15	MONTEIRO, Cláudia. Ferroviários em greve: relações de dominação e resistência na RVPSC <i>Revista Hist. Regional</i> , 2007, vol. 12, nº 1, p. 9-24.
Tempo (UFF)	2003	16	MENDONÇA, Sônia R. Representação empresarial e reforma agrária na “Nova República”. <i>Tempo</i> , jan. 2003, vol. 7, nº 14, p. 153-178.
	2004	17	SALGUEIRO, V. & TELLES, L. T. Entre a tradição acadêmica e o modernismo: a crítica de arte de Antonio Parreiras na Academia Fluminense de Letras. <i>Tempo</i> , jan. 2004, vol. 8, nº 16, p. 115-141.
	2005	18	ROSA, Claudia B. Retórica e ação política: a complexio no Pro Roscio Amerino de Marco Túlio Cícero. <i>Tempo</i> , jan./jun. 2005, vol.9, nº.18, p.125-145.
	2006	19	ROCHA, Gilmar. “Navalha não corta seda”: Estética e performance no vestuário do malandro. <i>Tempo</i> , jan. 2006, vol.10, nº. 20, p. 133-154.
	2007	20	FERNANDES, J. A. Sobriedade e embriaguez: a luta dos soldados de Cristo contra as festas dos tupinambás. <i>Tempo</i> , jan. 2007, vol.11, nº. 22, p. 98-121.

Quadro 2 - Referências aos Artigos Científicos de Sociologia

SOCIOLOGIA			
PERÍODICO	ANO	ARTIGO Nº	REFERÊNCIA
<i>Revista Brasileira de Ciências Sociais</i> (ANPOCS)	2003	1	CABRAL, M. V. O exercício da cidadania política em perspectiva histórica (Portugal e Brasil). <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2003, vol.18, n.51, p.31-60.
	2004	2	ORTIZ, Renato. As ciências sociais e o inglês. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> Fev. 2004, v. 19, n. 54, p. 5-23.
	2005	3	JASMIN, M. G. História dos conceitos e teoria política e social: referências preliminares. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2005, vol. 20, n. 57, p.27-38.
	2006	4	LAVALLE, A. G. HOUTZAGER, P. P. e CASTELLO, G. Representação política e organizações civis: novas instâncias de mediação e os desafios da legitimidade. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2006, vol.21, no.60, p.43-66.
	2007	5	SOUZA, Celina. Coalizões eleitorais e ajuste fiscal nos Estados brasileiros. <i>Rev. bras. Ci. Soc.</i> , fev. 2007, vol. 22, n. 63, p. 32-167.
<i>Revista de Sociologia e Política</i> UFPR	2003	6	MIGUEL, Luís F. Capital político e carreira eleitoral: algumas variáveis na eleição para o congresso brasileiro. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> ,jun. 2003, n. 20, p. 115-134.
	2004	7	BARRETO, Álvaro A. B. Representação das associações profissionais no Brasil: o debate dos anos 1930. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> ,jun. 2004, n. 22, p. 119-133.
	2005	8	MATTOS, S.M.S. & DRUMMOND, J. A. O terceiro setor como executor de políticas públicas: ONG's ambientalistas na baía de Guanabara. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> ,jun. 2005, n. 24, p. 177-192.
	2006	9	SILVA, Ricardo V. Uma ditadura contra a República: política econômica e poder político em Roberto Campos. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , nov. 2006, n. 27, p.157-170.
	2007	10	CARVALHO, Ernani. Revisão e Judicialização da política no direito ocidental: Aspectos relevantes de sua gênese e desenvolvimento. <i>Rev. Sociol. Polit.</i> , jun. 2007, n. 28, p. 161-179.
<i>Sociologias</i> (UFRS)	2003	11	BARREIRA, Irllys A. F. A cidade no fluxo do tempo: invenção do passado e patrimônio. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2003, n..9, p.314-339.
	2004	12	SOBRAL, Fernanda. Desafios das Ciências Sociais no desenvolvimento científico e tecnológico contemporâneo. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2004, n.11, p.220-237.
	2005	13	OLIVEIRA, F. L. e SILVA, V. F. Processos judiciais como fonte de dados: poder e interpretação. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2005, n..13, p.244-259.
	2006	14	MARTINS, Rodrigo C. Representações sociais, instituições e conflitos na gestão de águas em territórios rurais. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2006, n..15, p.288-325.
	2007	15	MONTAGNER, Miguel A. Trajetórias e biografias: notas para uma análise bourdieusiana. <i>Sociologias</i> , jan./jun. 2007, n..17, p.240-264.
<i>Tempo Social</i> USP	2003	16	VILLAS BOAS, G. K. Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais. <i>Tempo soc.</i> , abr. 2003, vol.15, no.1, p.45-62.
	2004	17	MICELI, Sergio. Experiência social e imaginário literário nos livros de estréia dos modernistas em São Paulo. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2004, vol.16, n.1, p.167-207.
	2005	18	RIDENTI, Marcelo. Artistas e intelectuais no Brasil pós-1960. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2005, vol.17, n. 1, p. 81-110.
	2006	19	BERGAMO, Alexandre. Imitação da ordem: as pesquisas sobre televisão no Brasil. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2006, vol.18, no.1, p.303-328.
	2007	20	JACKSON, Luiz C. Gerações pioneiras na sociologia paulista. <i>Tempo soc.</i> , jun. 2007, vol.19, no.1, p. 115-130.

ANEXO II

Tabela 17 – Estrutura das citações em História - por periódico

PERIÓDICOS	Total/ Artigos	Citações integrais		Citações não-integrais	
		Qtde.	%	Qtde.	%
<i>HISTÓRIA</i>	05	68	38,4	109	61,5
<i>REV. BRAS. DE HISTÓRIA</i>	05	53	26,1	150	73,9
<i>REV. de HISTÓRIA REGIONAL</i>	05	90	59,2	62	40,8
<i>TEMPO</i>	05	70	35,1	129	64,9
TOTAL GERAL	20	281	38,4	450	61,6

Tabela 18 – Estrutura das citações em Sociologia - por periódicos

PERIÓDICOS	Total/ Artigos	Citações integrais		Citações não-integrais	
		Qtde.	%	Qtde.	%
<i>REV. BRAS. C. SOCIAIS</i>	05	180	35	335	65
<i>REV. SOCIOL. e POLÍTICA</i>	05	87	37,8	143	62,1
<i>SOCIOLOGIAS</i>	05	136	60	91	40
<i>TEMPO SOCIAL</i>	05	69	29,8	162	70,1
TOTAL GERAL	20	472	39,2	731	60,8

Tabela 19 – Verbos de elocução por periódicos - *História*

PERIÓDICOS	Autor/ sujeito	Autor/não-sujeito	Total/ verbos	Média/ artigo	% total cit. integrais
<i>HISTÓRIA</i>	45	10	55	11	19,6
<i>REV. BRAS. DE HISTÓRIA</i>	25	04	29	5,8	10,3
<i>REV. DE HISTÓRIA REGIONAL</i>	54	14	68	13,6	24,2
<i>TEMPO</i>	42	05	47	9,4	16,7
TOTAL GERAL	166	33	199	10	70,8

Tabela 20 – Verbos de elocução por periódicos - *Sociologia*

PERIÓDICOS	Autor/ sujeito	Autor/não-sujeito	Total/ verbos	Média/ artigo	% total cit. integrais
<i>REV. BRAS. C. SOCIAIS</i>	87	32	119	23,8	25,2
<i>REV. SOCIOL. E POLÍTICA</i>	44	5	49	9,8	10,4
<i>SOCIOLOGIAS</i>	64	17	81	16,2	17,2
<i>TEMPO SOCIAL</i>	16	9	25	5	5,3
TOTAL GERAL	211	63	274	13,7	58,1

Tabela 21 – Paráfrases e citações diretas por periódicos

PERIÓDICOS	HISTÓRIA				SOCIOLOGIA				
	Paráfrases		Cit. diretas		PERIÓDICOS	Paráfrases		Cit. diretas	
	Qtd	%	Qtd	%		Qtd	%	Qtd	%
<i>HISTÓRIA</i>	127	71,7	50	28,3	<i>REV. BRAS. C. SOCIAIS</i>	456	88,5	59	11,6
<i>REV. BRAS. DE HISTÓRIA</i>	185	91,1	18	8,9	<i>REV. SOCIOL. E POLÍTICA</i>	176	76,5	54	23,5
<i>REV. DE HISTÓRIA REGIONAL</i>	101	66,4	51	33,6	<i>SOCIOLOGIAS</i>	158	69,6	69	30,4
<i>TEMPO</i>	166	83,4	33	16,6	<i>TEMPO SOCIAL</i>	191	82,6	40	17,4
TOTAL / História	579	79,2	152	20,8	TOTAL / Sociologia	981	81,5	222	18,5

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)